

Cheila Cristina Marque Miranda



As Mulheres no Telejornalismo nas Estações de
Televisão Generalistas da Cidade do Porto

Cheila Cristina Marques Miranda

Assinatura

Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa
c/ parte dos requisitos para a obtenção do grau de
licenciatura em Ciências da Comunicação.

Sumário

O objectivo deste trabalho é delinear, analisar e perceber o perfil das mulheres telejornalistas que trabalham nas estações de televisão generalistas sedeadas na cidade do Porto. Para conseguir atingir este objectivo, realizámos um inquérito e efectuámos algumas entrevistas junto das profissionais das estações de televisão, existentes na cidade do Porto: *Rádio Televisão Portuguesa (RTP)*, *Sociedade Independente de Comunicação (SIC)* e a *Televisão Independente (TVI)*. Estes inquéritos foram entregues pessoalmente às mulheres telejornalistas das respectivas estações de televisão.

Neste trabalho iremos analisar alguns factores que contribuíram para a evolução do jornalismo como profissão bem como o prestígio da mesma e dos seus profissionais. Será abordada a evolução da formação jornalística até a chegada de cursos superiores de jornalismo. Iremos abordar o crescimento da entrada, das mulheres nesta profissão, que estão a aumentar e a ganhar um novo estatuto.

Esta actividade deixou de ter uma presença esmagadora de jornalistas do sexo masculino. Após 1974 assistimos a um crescimento do número de mulheres nas redacções das televisões generalistas. Actualmente existe um equilíbrio, porém os cargos de chefia continuam a ser ocupados, na sua maioria por homens. Podemos constatar esta situação, nestas três estações de televisão analisadas.

Dedicatória

Este meu trabalho, dedico-o em especial aos meus pais, que reuniram todos os esforços e me deram todas as condições e um apoio fundamental, para eu conseguir chegar até aqui com sucesso, ao meu irmão pelo carinho. Quero, desta forma, agradecer-lhes pelo forte contributo.

Quero dedicar também a duas pessoas que são muito importantes, o meu padrinho e o meu avô. Apesar das circunstâncias da vida nos terem separado, estão sempre presentes no meu coração.

Agradecimentos

Agradecimentos a todas as pessoas que tornaram possível e contribuíram para a elaboração deste trabalho em especial:

- Rui Cerqueira, Frederico Lopes e Jorge Vieira, da RTP, pela disponibilidade e auxílio;
- a todas as jornalistas, que nas diferentes estações de televisão, participaram e colaboraram no preenchimento dos inquéritos, em especial, a Teresa Pacheco Miranda e a Estela Machado da RTP, a Lúcia Gonçalves e Sara Oliveira da SIC, a Lígia Marta e Helena Fonseca da TVI, por terem cedido as entrevistas;
- às secretarias Helena Peixoto da SIC e a Lisete Alves da TVI, pela atenção e ajuda na obtenção das informações;
- aos ex.-jornalistas da RTP, Jorge Campos e Fátima Torres pela disponibilidade e contribuído com as entrevistas;
- ao professor e orientador Jorge Pedro Sousa pelo acompanhamento, ajuda e pela sua disponibilidade;
- à minha família, em especial os meus pais, irmão e tios;
- os amigos são um pilar importante e contribuem para o sucesso, sem eles tornava-se muito difícil. Aqui vai um destaque especial para a Mara Sousa e para a Joana Teixeira que me acompanharam ao longo destes anos na UFP, para a Raquel Baptista e para a Ana Catarina Garruço, pelo apoio, companheirismo e paciência que teve ao longo deste tempo.

Índice

Introdução Geral	10
Capítulo I: Evolução do jornalismo como Profissão	13
1.1 – Actividade pouco prestigiante	14
1.2 – As Associações e o Ensino Universitário	17
1.2.1 – As Associações e o Ensino Universitário – Em Portugal	20
1.3 – A deontologia na profissão	26
Capítulo II: Mulheres no Jornalismo Português	28
2.1 – Mulheres jornalistas em Portugal – Entrada no jornalismo	29
2.1.1 – As mulheres no telejornalismo no Porto	32
2.2 – As mulheres no Ensino Universitário	35
Capítulo III: As mulheres Telejornalistas nas estações de televisão generalistas da Cidade do Porto: Um Estudo de Caso	38
3.1 – Introdução	39
3.2 – Metodologia	40
3.3 – Resultado dos Dados Quantitativos	41
3.3.1 – A RTP	42
3.3.2 – A SIC	51

3.3.3 – A TVI	59
3.3.4 – Resultados Totais	67
3.4 – Discussão dos Dados Quantitativos	77
3.5 – Análise das Entrevistas	88
3.6 – Considerações finais sobre o estudo de caso	95
Conclusão Geral	96
Bibliografia	99
Apêndices	101

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Número de Jornalistas que entraram na profissão desde 1973 a 1987.	30
Tabela 2 – Número de Jornalistas que se inscreveram no Sindicato Nacional de Jornalistas de 2000 a 2005.	31
Tabela 3 – Número de alunos inscritos no curso de Ciências da Comunicação na Universidade Fernando Pessoa desde o ano lectivo 2001/2002 a 2005/2006.	37
Tabela 4 – Número de alunos inscritos no curso de Comunicação Social na Universidade do Minho desde o ano lectivo 2001/2002 a 2005/2006.	37
Tabelas referentes a estação de televisão RTP	
Tabela 5 – Idade	42
Tabela 6 – Estado Civil	42
Tabela 7 – “O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?”	43
Tabela 8 – “A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?”	43
Tabela 9 – “Tem filhos?”	43
Tabela 10 – “O facto de ter filhos prejudica ou prejudicou, de alguma forma, a sua carreira profissional?”	43
Tabela 11 – Anos de carreira	44
Tabela 12 – Habilitações Literárias	44
Tabela 13 – Curso	44
Tabela 14 – Instituição de Ensino Superior que frequentou.	45

Tabela 15 – “Em breve, pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo?”	45
Tabela 16 – Funções que desempenha na televisão	45
Tabela 17 – “Se é repórter, em que redacção / editoria trabalham?”	46
Tabela 18 – “Sentiu dificuldades em obter emprego na área do telejornalismo?”	46
Tabela 19 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”	47
Tabela 20 – “Qual o seu vínculo profissional?”	47
Tabela 21 – “Encontra-se sindicalizada?”	47
Tabela 22 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”	47
Tabela 23 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”	48
Tabela 24 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”	48
Tabela 25 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”	48
Tabela 26 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”	49
Tabela 27 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”	49
Tabela 28 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”	49
Tabela 29 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”	49

Tabelas referentes à estação de televisão SIC

Tabela 30 – Idade	51
Tabela 31 – Estado Civil	51
Tabela 32 – “Tem filhos?”	51
Tabela 33 – “O facto de ter filhos prejudica ou prejudicou, de alguma forma, a sua carreira profissional?”	52
Tabela 34 – Anos de carreira	52
Tabela 35 – Habilitações Literárias	52
Tabela 36 – Curso	53
Tabela 37 – Instituição de Ensino Superior que frequentou.	53
Tabela 38 – “Em breve, pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo?”	53
Tabela 39 – Funções que desempenha na televisão	54
Tabela 40 – “Se é repórter, em que redacção / editoria trabalham?”	54
Tabela 41 – “Sentiu dificuldades em obter emprego na área do telejornalismo?”	55
Tabela 42 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”	55
Tabela 43 – “Qual o seu vínculo profissional?”	55
Tabela 44 – “Encontra-se sindicalizada?”	55
Tabela 45 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”	56

Tabela 46 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”	56
Tabela 47 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”	56
Tabela 48 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”	56
Tabela 49 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”	57
Tabela 50 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”	57
Tabela 51 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”	57
Tabela 52 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”	58
Tabelas referentes à estação de televisão TVI	
Tabela 53 – Idade	59
Tabela 54 – Estado Civil	59
Tabela 55 – “O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?”	59
Tabela 56 – “A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?”	60
Tabela 57 – “Tem filhos?”	60
Tabela 58 – “O facto de ter filhos prejudica ou prejudicou, de alguma forma, a sua carreira profissional?”	60
Tabela 59 – Anos de carreira	60
Tabela 60 – Habilitações Literárias	61

Tabela 61 – Curso	61
Tabela 62 – Instituição de Ensino Superior que frequentou.	62
Tabela 63 – “Em breve, pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo?”	62
Tabela 64 – Funções que desempenha na televisão	62
Tabela 65 – “Se é repórter, em que redacção / editoria trabalham?”	63
Tabela 66 – “Sentiu dificuldades em obter emprego na área do telejornalismo?”	63
Tabela 67 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”	63
Tabela 68 – “Qual o seu vínculo profissional?”	64
Tabela 69 – “Encontra-se sindicalizada?”	64
Tabela 70 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”	64
Tabela 71 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”	64
Tabela 72 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”	65
Tabela 73 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”	65
Tabela 74 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”	65
Tabela 75 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”	66
Tabela 76 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”	66

Tabela 77 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”	66
--	----

Tabelas referentes aos Resultados Totais

Tabela 78 – Idade	68
-------------------	----

Tabela 79 – Estado Civil	68
--------------------------	----

Tabela 80 – “O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?”	68
---	----

Tabela 81 – “A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?”	69
---	----

Tabela 82 – “Tem filhos?”	69
---------------------------	----

Tabela 83 – “O facto de ter filhos prejudica ou prejudicou, de alguma forma, a sua carreira profissional?”	69
--	----

Tabela 84 – Anos de carreira	69
------------------------------	----

Tabela 85 – Habilitações Literárias	70
-------------------------------------	----

Tabela 86 – Curso	70
-------------------	----

Tabela 87 – Instituição de Ensino Superior que frequentou.	71
--	----

Tabela 88 – “Em breve, pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo?”	71
---	----

Tabela 89 – Funções que desempenha na televisão	71
---	----

Tabela 90 – “Se é repórter, em que redacção / editoria trabalham?”	72
--	----

Tabela 91 – “Sentiu dificuldades em obter emprego na área do telejornalismo?”	72
---	----

Tabela 92 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”	73
Tabela 93 – “Qual o seu vínculo profissional?”	73
Tabela 94 – “Encontra-se sindicalizada?”	73
Tabela 95 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”	73
Tabela 96 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”	74
Tabela 97 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”	74
Tabela 98 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”	74
Tabela 99 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”	74
Tabela 100 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”	75
Tabela 101 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”	75
Tabela 102 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”	75

Introdução Geral

Introdução Geral

Após ter concluído o ciclo curricular deste curso de Ciências da Comunicação, na Universidade Fernando Pessoa, elaboramos uma monografia. Trata-se de um condição exigida para a obtenção do grau de Licenciatura.

Sendo a minha especialização no 4º ano de jornalismo e tendo optado pela vertente televisiva, não poderia deixar de usufruir dos conhecimentos que fui adquirindo e como tal resolvi escolher um tema que estivesse relacionado. Outro dos motivos para a escolha deste tema, **“As mulheres no telejornalismo nas estações de televisão generalistas da cidade do Porto”** prende-se com o aumento gradual da presença das mulheres neste meio de comunicação. Esta presença do sexo feminino nas redacções das estações de televisão fez-se notar a partir dos anos 80, com uma crescente profissionalização feminina, consequência da revolução do 25 de Abril. Vamos tentar compreender os motivos que estão por detrás deste *boom* de mulheres nesta actividade profissional.

O objectivo principal do trabalho é traçar um retrato das mulheres no telejornalismo nas estações generalistas portuenses, analisar o perfil destas profissionais e verificar qual o papel que ocupam nas estações de televisão.

No primeiro capítulo desta monografia, vamos compreender um pouco a evolução do jornalismo como profissão, visto que esta actividade no início não era prestigiante e as pessoas que a praticavam não tinham formação. O ensino superior em Portugal surgiu tardiamente.

No segundo capítulo, abordamos a entrada das mulheres nesta actividade profissional e a sua presença maioritária nos cursos de comunicação. Para nos descrever a situação das mulheres e a sua entrada no telejornalismo, contamos com as entrevistas que realizámos a uma das primeiras telejornalistas da RTP, a Fátima Torres, e ao ex.-jornalista da RTP, Jorge Campos. Para elaborámos este trabalho, recorreremos alguns trabalhos que já foram realizados. O primeiro foi realizado sob orientação do Professor José Manuel Paquete de Oliveira, em 1990, “1º Inquérito Nacional aos Jornalistas Portugueses”. Em 1997, por orientação de José Luís Garcia temos o “2º Inquérito Nacional aos Jornalistas

Portugueses”. A socióloga Filipa Subtil realizou, em 2000, o trabalho intitulado “As mulheres Jornalistas”. Em 1998, os professores da Universidade Fernando Pessoa, Jorge Pedro Sousa e Ricardo Jorge Pinto efectuaram “Um retrato Sociográfico e Socioprofissional dos Jornalistas do Porto”. Para finalizar, analisámos a monografia elaborada, em 2002, pela aluna Patrícia Ferreira, com o tema “As mulheres Jornalistas nos Diários Portuenses”, apresentada à Universidade Fernando Pessoa.

Para terminar, no último capítulo temos o estudo do caso que nos permitiu conhecer melhor as jornalistas que trabalham no telejornalismo, visto que a bibliografia e os documentos disponíveis na Internet sobre este tema são quase inexistentes. Assim, para conseguirmos alcançar o objectivo principal deste trabalho, elaborámos inquéritos que foram distribuídos as profissionais da área e realizámos entrevistas as duas jornalistas de cada estação de televisão generalista portuense.

As condicionantes que fomos encontrando ao longo deste trabalho, prendem-se com a indisponibilidade por parte destas profissionais, visto que esta actividade ocupa muito tempo, e os horários não são fixos.

Capítulo I

EVOLUÇÃO DO JORNALISMO COMO PROFISSÃO

I. – Evolução do jornalismo como profissão

1.1 - Actividade pouco prestigiante

A teoria democrática atribuiu aos jornalistas um papel central ao reconhecer o jornalismo como o *Quarto Poder* em 1828. Porém o jornalismo continuava a ser visto como uma actividade pouco prestigiante.

Em França durante muito tempo o jornalismo foi como uma espécie de refúgio, não era entendido como profissão. “Numa situação de enorme desemprego, arranjar um emprego num jornal era melhor que nada, sobretudo para pessoas letradas” (Traquina, 2002, p.61). Alguns homens faziam do jornalismo uma espécie de ponte para seguir uma carreira ligada a política. Segundo Traquina “escrever nos jornais era visto como um passo normal na carreira política de um homem e um meio para atingir um cargo político”(Traquina, 2004, pág. 28).

Nos Estados Unidos os jornalistas, segundo Marzolf, “(...) eram mais bem pagos e gozavam de uma estatuto mais elevado que os jornalistas europeus”(*cit. in* Traquina, 2004). Porém os jornalistas também “(...) viviam situações de grande dificuldade”, pagavam aos jornalistas consoante o espaço que os seus textos ocupavam nas colunas dos jornais e podiam ser despedidos com facilidade. (Traquina, 2004, pág. 29).

A prática jornalística acabava por sair prejudicada, como nos descreve Nelson Traquina “(...) o sistema de pagamento por número de linhas levava os jornalistas a «esticar» as notícias, já que o jornalista era pago consoante o espaço (...)”. Este sistema de proporcionava o sensacionalismo, visto que assim o jornalista “assegurava melhores hipóteses de publicação e, portanto, de pagamento (...)” (Traquina, 2004, pág. 30).

As dificuldades financeiras vividas pelos jornalistas, “(...) [levava] alguns jornalistas a aceitar subornos (...) incluindo nomes de produtos e de políticos, a troco de retribuição monetária [em determinadas notícias]” (Traquina, 2004, pág. 30). Os jornalistas não se dedicavam só ao jornalismo, “(...) muitos jornalistas norte-americanos tinham um segundo emprego, como suplemento aos baixos vencimentos” (Traquina, 2004, p.30).

Em Portugal, o regime Político do Estado Novo, provocou um “fraco desenvolvimento do jornalismo e uma situação generalizada de pouco prestígio social e baixos vencimentos para os jornalistas (...)”(Traquina, 2004, pág.30). Em 1925, o Sindicato dos Profissionais de Lisboa produziu um relatório,

“(...) a situação dos jornalistas é descrita como «muito má», com quase todos os jornalistas em situação de duplo emprego, (...) há em Portugal nessa altura cerca de 300 jornalistas, dos quais talvez 30 vivem exclusivamente da profissão”(Traquina, 2004, p.31).

Os jornalistas tinham salários baixos e sentiam a necessidade de procurar outras ocupações para satisfazer as suas necessidades financeiras, e recorriam assim ao duplo emprego. A este respeito, o jornalista Rafael Ferreira, na década de 40, descreve desta forma a situação dos jornalistas portugueses “(...)«luta pela vida» necessitava de trabalhar em vários jornais ao mesmo tempo, «comendo a desoras» e «dormindo pouco»” (Ferreira *cit. in* Sobreira, 2003).

Segundo Rosa Sobreira, a dignificação material dos profissionais era vista, pelos jornalistas, como o ponto de partida para que o jornalismo fosse dignificado e profissionalizado. Na década de 40, foram decretadas as primeiras condições materiais da profissão e o jornalismo passou a ser visto pelos seus profissionais como uma profissão. Estabeleceu-se acordos entre o Sindicato Nacional de Jornalistas e o Grémio da Imprensa Diária para que os jornalistas ganhassem benefícios materiais, tais como o aumento do salário, direito a férias, definição dos horários de trabalho, controlo de admissão e regulação dos despedimentos. Assim, passaram a existir regras que protegiam de alguma forma os jornalistas no trabalho.

Uma melhor situação material foi fundamental e contribuiu para que o jornalismo e os jornalistas ganhassem dignidade. Actualmente, na nossa sociedade o jornalismo é uma actividade prestigiada.

“Em Abril de 1998, o jornal Diário de Noticias publicou as resultados de uma sondagem sobre quais as profissões em que os portugueses depositavam mais confiança (...) o jornalismo ocupava o terceiro lugar (...)”(Sobreira, 2003, p.11).

O jornalismo e os seus profissionais foram conquistando ao longo dos tempos um espaço próprio e um estatuto profissional. Hoje temos esta actividade profissional entre as que mais confiança transmitem à sociedade. Porém outros factores estiveram por detrás desta conquista de espaço.

1.2 - As associações e o ensino universitário

A formação jornalística passou a ser uma questão central para a credibilidade da actividade e para a sociedade em que vivemos.

“ (...) nas sociedades complexas, onde as opções dos cidadãos são cada vez mais condicionadas pelos media, é extremamente redutor confinar a formação dos profissionais de jornalismo aos meros saberes técnicos” (Correia, 1998).

A criação de clubes, associações e sindicatos, bem como, o desenvolvimento da formação e do ensino universitário foram passos fundamentais para impulsionar a profissionalização desta actividade.

Os EUA e a França foram os países pioneiros na profissionalização do jornalismo. Em 1860, iniciou-se nos EUA o desenvolvimento do ensino jornalístico. As universidades começavam a introduzir, nos cursos de ciências políticas e sociais, disciplinas de jornalismo prático. Os programas do ensino de jornalístico atribuíam uma maior importância ao treino da escrita e da edição. As aulas eram leccionadas por antigos homens dos jornais. No início do século XX, a formação de jornalismo evoluiu a nível das licenciaturas.

A partir de 1880 as associações começaram a multiplicar-se e os seus objectivos eram proporcionar aos trabalhadores desta actividade melhores condições de trabalho e proteger a sua reputação. Segundo Elliott, estas associações como objectivo, (*cit. in* Traquina 2004) “conseguir um estatuto profissional para os jornalistas, promovendo os seus interesses, elevando o seu estatuto social e as suas qualificações de associado”.

O americano Joseph Pulitzer, em 1892, teve a ideia de uma escola de jornalismo, (*cit. in* Piedrahita) “para conseguir melhores jornalistas, que farão melhores jornais e que servirão melhor o público”. Mas nessa época, nas redacções, existia o lema de que “o jornalista nasce, não se faz”. A ideia que se tinha era a de que para ser jornalista bastava apenas ter imaginação e uma caneta, não era necessária qualquer formação. Segundo

Piedrahita “o jornalista era considerado um género literário ou uma ramificação da política” (Piedrahita, 1993, p. 89).

O ensino do jornalismo nos EUA iniciou-se em 1860, “(...)com a introdução formal de uma instrução jornalística no ensino superior” (Traquina, 2004, p.33). Inicialmente surgiu o treino e a instrução em impressão em diversas universidades, na Kasas States College em 1873 e a Universidade do Missouri em 1878. Na Universidade da Pensilvânia, inseriram no curso de Ciências Políticas e Sociais uma cadeira de jornalismo prático. As aulas eram leccionadas por antigos homens ligados aos jornais. Em 1893, “muitos destes primeiros programas de ensino em jornalismo davam ênfase ao treino da escrita e da edição, (...)” (Traquina, 2004, p. 33).

Em 1908, nos EUA, na universidade de Missouri, foi criada a primeira escola de jornalismo. Mas foi a *Graduate School of Journalism*, na universidade de Colúmbia, em 1912, que teve maior reconhecimento nos EUA e no estrangeiro. A ideia da fundação dessa escola deve-se a Pulitzer. Esta universidade, preparava os candidatos para a profissão jornalística e dava-lhes a possibilidade de tirarem uma especialização jornalística. A Universidade de Wisconsin criou em 1927, um programa de Doutoramento em Jornalismo. O curso foi direccionado para as Ciências Sociais. Este desvio contribuiu para que “(...) em muitas escolas de jornalismo importantes no EUA [começasse] a ser dada mais ênfase às formas de observar o mundo, e de registar e analisar (...)” (Traquina, 2004, p.34). Após 1940 assistiu-se a um crescimento de cursos em jornalismo nos EUA.

Em França, segundo Thomas Ferenczi (*cit. in* Sobreira 2003) “o «Ensino» do jornalismo foi, depois do associativismo, um dos mais importantes elementos do desenvolvimento de um *esprit de corps* entre os jornalistas franceses.” Em 1899, o americano Dick May fundou a Escola Superior de Jornalismo¹ com base nos modelos das escolas americanas. Os antigos jornalistas franceses, fieis ao jornalismo de tradição literária e política, não aceitavam “ «que o gosto, o talento e a intuição» que caracterizam «os homens de letras» pudessem ser adquiridos numa escola” (Sobreira, 2003, p.145).

¹ “ Foi inserida numa faculdade de ciências sociais e políticas e tinha um programa lectivo mais voltado para a «cultura geral» do que para as «técnicas da profissão». (Sobreira, 2003, p. 145).

Em Espanha, a par da ideia de que se “nasce jornalista”, surgiu a reflexão de que o jornalista também “necessita de se fazer”. A escola El Debate atraiu novas gerações de jornalistas e foi alvo de algumas críticas, da parte dos que não compreendiam a necessidade de uma formação jornalística. O jornalismo dos anos 70 deixa de ser apenas o simples acto de escrever e passa a ser a

“capacidade para reagir face aos acontecimentos de cada dia neste mundo cada vez mais complicado. É ampla formação em sociologia, arte, ciências, literatura, política, assuntos contemporâneos, problemas internacionais, línguas.” (Piedrahita, 1993, p.91).

A criação de associações e cursos superiores de jornalismo em Portugal desenvolveu-se mais tarde, em comparação com outros países. Este atraso deu-se devido a várias situações vividas no país. Nomeadamente pelo regime político que existiu em Portugal, até 1974.

1.2.1 – As Associações e o Ensino Universitário – Em Portugal

Em Portugal, na segunda metade de século XIX, apareceram algumas associações direccionadas para a actividade jornalística. Em 1880, surgiu a Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses² e em 1885 nasceu a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto. Esta associação comprometeu-se a “«(...) elevar o nível intelectual e moral da imprensa, e reivindicar a justa consideração que lhes é devida» (Traquina, 2004, p. 32). A Associação dos Jornalistas foi criada em 1896, os associados eram jornalistas e escritores e em 1897 surgiu a Associação de Imprensa Portuguesa.

Foram surgindo outras associações, das quais podemos destacar a Associação de Classe de Trabalhadores da Imprensa em 1904 que após 1924, passou a ser Sindicato. Mas foi a partir de 1933, com o regime fascista, que passou a existir uma organização nacional que reunia todos os jornalistas de Norte a Sul do país.

No final do século XIX, realizaram-se vários encontros internacionais, um dos quais teve lugar em Lisboa em 1898. Neste encontro um dos assuntos debatidos foi o *ensino profissional do jornalismo*, mas sem resultados práticos. No Congresso de Paris³, em 1900, debateu-se a identidade dos jornalistas assim como a sua formação.

A questão que remete para o ensino do jornalismo em Portugal foi durante muito tempo desprezada pelos jornalistas,

“(...) a concretização do ensino especializado e sistematizado do jornalismo não suscitou entusiasmo, nem da parte dos jornalistas, nem da parte das instituições que os representavam, nem do próprio Estado” (Sobreira, 2003, p.146).

² Com o objectivo de desenvolver “*«esforços para elevar o nível da imprensa à altura da primeira instituição social dos povos livres e civilizados»*” (Mesquita, 2004, p. 32)

³ “Neste encontro, um jornalista defendeu a posição de que os jornalistas deviam fazer esforços para «conquistar e fortalecer o seu lugar no Estado e na sociedade», «para elevar a sua profissão à altura de uma função pública rodeada da confiança de todos» (Ferenczi cit. in Mesquita 2004).

Porém esta questão vinha sendo apresentada, em diversos encontros de jornalistas, desde o final de século XIX. Após 1941, começaram a aparecer com mais frequência iniciativas para a formação dos jornalistas.

A primeira tentativa para desenvolver uma “«escola de jornalismo em Portugal», foi segundo Alfredo Cunha, da responsabilidade do Sindicato dos trabalhadores da Imprensa de Lisboa em 1926” (Sobreira, 2003, p. 146). Porém esta tentativa foi reprovada pelo director de *O Comércio do Porto*, Bento Carqueja, que achava desnecessário a criação de escolas de jornalismo. Segundo ele “ assim como não há escolas de poesia, também não as pode haver de formação de jornalistas” (Cunha *cit. in* Sobreira 2003).

A selecção dos candidatos para trabalharem nas redacções, na altura, era efectuada segundo a experiência e não tendo em conta as suas habilitações académicas,

“a admissão para os jornais era feita com base em recomendações pessoais e na capacidade do candidato mostrar «ter boa pinta», ou seja, causar boa impressão ao responsável pelo jornal. (...) demonstrar a sua rebeldia, espírito aventureiro e boémio (...)” (Sobreira, 2003, p.147)

Em 1936, o director do *Diário da Noite*, João Paulo Freire, após analisar o ensino do jornalismo em vários países tais como a França e os EUA, chegou à conclusão de que havia insucesso porque os curso não despertavam interesse nos alunos nem os ajudavam na colocação no mercado de trabalho. O director João Paulo Freire defendia a ideia de que “o verdadeiro jornalista não se faz. Nasce feito”. No entanto apoiava a existência de escolas, que segundo ele serviam para “educar convenientemente a espontaneidade exuberante, que se fortaleceria se educada convenientemente” (Freira *cit. in* Sobreira 2003).

Na década de 30, podemos constatar que a existência do ensino jornalístico era uma questão que dividia a opinião dos jornalistas.

“Para os que defendiam a criação de uma escola de jornalismo, não havia a certeza quanto à necessidade de essa escola ser nível superior ou não. Por

outro lado, mesmo os que defendiam a existência de uma escola, viam a formação escolar como um instrumento útil mas não essencial para a profissão e automatização do jornalismo” (Sobreira, 2003, p.148).

O presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas (SNJ), Luís Teixeira, em 1941, apresentou um projecto original de um «Curso de Formação Jornalística» ao subsecretário de Estado da Educação Nacional. O presidente Luís Teixeira apresentou motivos que justificavam a importância e a necessidade da criação destes cursos de jornalismo, “valorização profissional dos jornalistas e elevar o seu nível cultural até aos limites exigidos pela missão que desempenham na vida portuguesa” (Boletim Informativo *cit. in* Sobreira 2003). Outro dos motivos apontados estava relacionado com a colocação dos jornalistas no mercado de trabalho, que era feita por tentativas de experiência. Porém este projecto do SNJ acabou por não ter sido posto em prática.

Os jornalistas prevaleciam com a ideia bem enraizada de que “o jornalismo não era uma profissão que dependesse de uma preparação académica teórica adquirida *a priori*” (Sobreira, 2003, p. 149). Esta mentalidade não contribuía para a implementação da formação jornalística.

Na década de 40 os jornalistas dividiam-se quanto a importância de uma formação para os jornalistas, alguns continuavam a achá-la desnecessária outros achavam a formação útil “(...) ao profissional de imprensa para que possa exercer o seu ofício, convém uma educação especial” (Cunha *cit. in* Sobreira 2003).

Nesta altura, não entendiam a formação jornalística como uma base para a cultura jornalística e para a profissionalização, mas como uma forma de elevação a nível intelectual e moral.

Nos anos 50, um jornalista anónimo publicou uma notícia num jornal em que defendia

“uma escola de jornalismo se recomenda por todos os motivos, não apenas como elementos de cultura geral, indispensável a todos aqueles que praticam a profissão, mas como aprendizagem indispensável a todos os aspectos técnicos que ela abarca, e sem cujo conhecimento profissional da Imprensa nunca poderá ter uma verdadeira consciência jornalística” (Gazeta Literária *cit. in* Sobreira 2003).

Para Pulitzer a “única profissão para a qual o homem já nasce preparado e prescinde da escola – é a de idiota” (Jobin *cit. in* Sobreira 2003). A necessidade de uma formação jornalística passa a ser entendida como uma necessidade para o desenvolvimento da Imprensa que começou a ganhar mais adeptos.

Nos anos 60, a formação e profissionalização jornalística foi dos temas mais debatidos. A nova geração de jornalistas estava aos poucos a conseguir implementar as suas ideias e os jornalistas antigos iam, aos poucos, diminuindo. Para responder às necessidades de uma Imprensa responsável e moderna tinha que haver formação, a simples “vocação” não chegava.

O Instituto Superior de Estudos Ultramarinos organizou, em 1962, o primeiro curso de ensino de jornalismo em Portugal. Em 1966, o jornal *Diário Popular* organizou outro curso nas suas instalações. Em 1968, o SNJ impulsionou e realizou o «I Curso de Jornalismo», sem carácter universitário, mas tornou-se “o primeiro passo para a oficialização dum nível de habilitações literárias e técnicas exigidas aos futuros jornalistas do nosso país” (SNJ *cit. in* Sobreira 2003). Nas redacções dos jornais existia um conflito de gerações em que os jornalistas mais antigos não compreendiam a importância da formação e interferiam nos trabalhos desenvolvidos pelos jovens jornalistas.

Em 1970, a nova direcção do SNJ “defendia que o desenvolvimento dos órgãos de informação tinha de ter em conta a formação adequada do pessoal: «Passou à história a ideia de que os bons jornalistas nascem feitos» (Costa *cit. in* Sobreira 2003). Para além

da vocação e competência a formação jornalística passava a ser entendido como um factor fundamental para a prática da profissão.

Em Portugal, outro dos motivos que em muito contribuíram para o atraso no aparecimento de cursos de jornalismo foi o regime político que

“não promoveu qualquer tipo de esforços no sentido de formar jornalistas, como não apoio ou deu seguimento às iniciativas propostas pela «classe», quer em 1941, quer em 1971” (Sobreira, 2003, p.161).

Quando estava no poder, Salazar “não encarava a imprensa como um instrumento ideológico ao serviço do regime, mas sim como um potencial veículo de oposição ao mesmo regime” (Sobreira, 2003, p.161). Estava com receio das consequências que esta «Classe», formada a nível cultural e social, pudesse ter sobre o Regime. Os jornalistas tinham pouca liberdade de expressão e todos os seus trabalhos eram controlados e por vezes censurados. Com a entrada de Marcelo Caetano para o poder, foram poucas as mudanças no que diz respeito à liberdade de expressão nos jornais. Nesta época em que Salazar e Caetano estavam no poder,

“(…) o jornalismo era uma profissão de pouco prestígio, essencialmente burocrática, que oferecia poucas oportunidades para uma carreira interessante: daí que poucas com talento e imaginação a escolhessem”(Seaton e Pimlott *cit. in* Mesquita, Pontes 1997).

Nesta altura o jornalista tinha salários baixos, falta de liberdade de expressão e tinha como função transcrever ou sintetizar declarações feitas pelo governo ou de entidades oficiais. Desta forma os jornalistas não podiam desenvolver a capacidade literária e intelectual.

O grupo Quina⁴ criou um Curso Superior de Jornalismo, com uma duração de 3 anos, no âmbito da Escola Superior de Meios de Comunicação Social, que começou a funcionar em 1973. Porém este curso não era oficialmente reconhecido, nem foi aceite pela profissão.

⁴ Proprietário de diversas empresas no ramo da comunicação

Após a revolução do 25 de Abril de 1974, com abolição da censura, a comunicação social passou a ter mais importância e liberdade de expressão.

A primeira licenciatura em Comunicação Social surgiu em 1979, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa sob a orientação de Adriano Duarte Rodrigues.

Em 1980, surgiu mais uma licenciatura, com designação semelhante, de âmbito universitário, no Instituto de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa. Ainda neste ano a Universidade Católica Portuguesa deu início a cursos de Ciências da Informação, configurados como pós-graduações e tinham como destinatários, pessoas que já possuíam formação universitária ou jornalistas profissionais já com cinco ou mais anos de actividade.

No Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho foi criada uma especialização em Comunicação Social no âmbito do curso de Ciências Sociais, em 1983.

Para além das universidades, os jornalistas lutaram para o aparecimento em 1983 do Centro de Formação do Porto (CFJ), três anos depois foi criado o Centro Protocolar de Formação Profissional de Jornalistas (CENJOR). Este último resultou do protocolo de várias instituições.

“O milagre da multiplicação dos cursos de Comunicação Social verificou-se após a adesão à Comunidade Europeia, em plena era dos governos Cavaco Silva” (Mesquita *cit in* Mesquita, Ponte, 1997). As novas formas de acesso ao ensino superior fez com que o número de candidatos tivesse duplicado de 1988 para 1989. Desta forma, o ensino público não conseguiam acolher todos os candidatos. Isto impulsionou o aparecimento de institutos e universidades privadas.

1.3 – A deontologia da profissão

A par do aparecimento do ensino universitário e da formação jornalística a adopção dos códigos deontológicos contribuíram também para o prestígio desta actividade e dos seus profissionais. Desde os finais do século XIX que existia uma preocupação pelos códigos deontológicos, isto é, “regras” pelas quais os jornalistas se podiam reger na prática da sua actividade, Porém só no século XX foi dada a devida importância a essa questão.

“Segundo Schudson, os primeiros livros de ensino do jornalismo nos EUA aconselhavam os estudantes a improvisar sobre os factos, para oferecerem aos leitores «não apenas “factos” mas “colorido”(Schudson *cit in* Traquina 2002).

Como foi referido anteriormente, os jornalistas tinham duplo emprego. Nas notícias por vezes introduziam nomes como forma de publicitar alguém e faziam também notícias sensacionalistas, até aos inícios do século XX. Nos EUA, apareceu em 1889, um artigo que criticava a imprensa localizada. Este artigo tinha como título, “Ética”. Em 1890 surgiu o primeiro “código de conduta”, mas sem o impacto desejado até 1911. Nos EUA alguns jornais estabeleceram regras de conduta aos jornalistas.

O primeiro código deontológico é sueco e surgiu em 1900 mas só em 1920 é que foi adoptado. O Sindicato Nacional de Jornalistas francês aprovou um código deontológico em 1918. Internacionalmente a Federação Internacional de Jornalistas adoptou em 1939 um código de honra profissional.

Em Portugal, o SJN elaborou em 1973 um projecto para a criação de um Código Deontológico para os profissionais desta área. Nesta altura sentia-se a necessidade de um conjunto de regras para estes profissionais. A “falta de um conjunto de normas éticas que [condensassem] os direitos e os deveres dos profissionais do jornalismo comprometia gravemente o direito básico de informação” (Pina *cit in* Sobreira, 2003).

Este projecto salienta a importância de definir claramente os direitos e deveres dos profissionais devido à complexidade da sua actividade,

“Um código deontológico é hoje imprescindível exactamente porque a complexidade do exercício do jornalismo dificulta a informação verdadeira e livre: a falibilidade do perito da informação objectiva impõe-lhe, cada vez mais, uma noção clara dos seus direitos e dos deveres que implicam a rejeição da mentira e do erro a esforçada procura da verdade” (Pina *cit. in* Sobreira 2003).

Segundo Pina (*cit in* Sobreira 2003), este projecto tinha duas partes. A primeira estava relacionada com os “direitos e deveres dos jornalistas na recolha da informação, e no seu tratamento”; a segunda parte tratava de “garantir esses direitos e deveres”. Porém, este projecto não foi aprovado pela Assembleia-geral.

“Na ausência de normas formais, os jornalistas portugueses tentaram estabelecer normas de conduta e de assegurar os direitos e deveres (...), através dos Contratos Colectivos de Trabalho assinados entre o SNJ e Grémio da Imprensa Diária”(Sobreira, 2003, pag. 139)

Os jornalistas conquistaram assim os seus primeiros direitos e deveres. Em 1993, foi aprovado em Assembleia-geral o Código Deontológico, que já tinham sido anteriormente discutido, pelo qual se regem, actualmente, os jornalistas detentores da Carteira Profissional.

Capítulo II

MULHERES NO JORNALISMO PORTUGUÊS

II – Mulheres no Jornalismo Português

2.1 - Mulheres jornalistas em Portugal – entrada na profissão

O jornalismo começou por ser uma actividade praticada essencialmente por homens. Em 1925, o Sindicato da Imprensa Portuguesa (SIP) anunciava “o número de senhoras é muito reduzido e a proporção em relação aos homens é de 2%” (Valente *cit. in* Sobreira 2003). Em 1934, havia seis mulheres inscritas na lista de sócios do SIP. Durante 30 anos as mulheres foram entrando na profissão e em 1974, constavam no mapa do vencimento das empresas 54 mulheres, o que perfazia uma percentagem de 8% de mulheres a trabalharem no jornalismo.

“O surgimento da nova geração de mulheres no jornalismo aconteceu em simultâneo com a chegada feminina em massa a certas profissões liberais (...) tendência que se tem vindo a acentuar desde os finais dos anos 70. Até então, a sua presença acontecia de uma forma excepcional (...)” (Subtil, 2000).

Segundo Jorge Campos, o 25 de Abril de 1974 foi fundamental para as mulheres se afirmarem e serem respeitadas na sociedade. Até então, questões de ordem social e a própria mentalidade da altura não contribuía para a afirmação do sexo feminino.

“(...) o 25 de Abril teve um carácter libertador e a partir daqui o papel da mulher é questionado, visto que o seu papel durante o salazarismo e o marcelismo tinha um papel inferior ao homem”⁵.

Segundo a socióloga Filipa Subtil, nos anos 80, as empresas de comunicação social, tinham um “fragilidade estrutural” e uma das “estratégias de rentabilidade”, para responder as necessidades do momento, “formas de precariedade laboral”. As empresas recrutavam “mão-de-obra barata e de preferência qualificada”, onde se incluía as mulheres jornalistas. No início estas jovens profissionais trabalhavam em condições precárias e realizavam estágios que por vezes não eram remunerados. (Subtil, 2000).

⁵ Entrevista realizada ao ex-jornalista da RTP, Jorge Campos, ver apêndice 8.

“As transformações na paisagem mediática, em associação com a recente chegada à profissão das jornalistas portuguesas, marca um ponto de viragem no perfil da profissão e na sua própria composição social” (Subtil, 2000).

O sociólogo Paquete de Oliveira desenvolveu em 1988 um trabalho com o título “**Um Perfil dos Produtores Directores das «Notícias»**”, delineou o perfil sociográfico dos jornalistas através da análise de dados recolhidos pelo Sindicato dos Jornalistas em 1987. Constatámos que no jornalismo a presença das mulheres era ainda muito escassa. Num total de 1281 jornalistas, 1027 jornalistas eram do sexo masculino, e 254 do sexo feminino. Analisando estes números em termos percentuais os homens representavam 80%, tinham uma larga vantagem relativamente às mulheres que representavam 20%.

Como podemos analisar através da tabela que se segue, entre 1980 e 1987 entraram para o jornalismo um total de 212 mulheres. Em 1987, no total de 130 profissionais que entraram na actividade, 47 pertenciam ao sexo feminino, revelou Paquete de Oliveira.

Tabela 1 – Número de jornalistas que entraram na profissão desde 1973 a 1987

Anos	N.º Total	Homens	Mulheres
1973	68	65	3
1974	56	46	10
1975	159	132	27
1976	110	97	13
1977	131	107	24
1978	168	148	20
1979	135	117	18
1980	118	92	26
1981	72	52	20
1982	113	79	34
1983	79	67	12
1984	106	75	31
1985	72	51	21
1986	81	60	21
1987	130	83	47

Fonte: Tabela extraída do trabalho “ Um perfil dos Produtores Directores das «Notícias»”, de Paquete de Oliveira com dados referentes ao número de jornalistas na profissão, desde o ano de 1973 até 1987. Dados recolhidos pelo SJ, relativamente a evolução dos seus associados.

O número de mulheres jornalistas aumentou, significativamente após o 25 de Abril de 1974, como podemos verificar com os dados da tabela. Em 1973 entraram para a profissão apenas 3 mulheres e 65 homens. Em 1974 o número de mulheres a entrarem na actividade aumentou para o tripulo. Este aumento em 1974 deu-se devido à diversificação e ao crescimento do número de órgãos de comunicação social, que provocaram um impacto no jornalismo e contribuíram para um rejuvenescimento da

actividade; 5,9% das jornalistas tinha menos de 35 anos e 83% menos de 45 anos de idade.

Actualmente, e tendo em conta os dados fornecidos pelo Sindicato dos Jornalistas, dos profissionais inscritos neste sindicato desde 2000 até 2005, o número de mulheres a entrar tem sido equivalente o dos homens.

Tabela 2 – Número de Jornalistas que se inscreveram no Sindicato Nacional de Jornalistas de 2000 a 2005

Ano	Feminino	%	Masculino	%	Total
2000	181	54	152	46	333
2001	166	49	172	51	338
2002	166	51	161	49	327
2003	104	59	71	41	175
2004	89	50	88	50	177
2005	92	58	66	42	158

Fonte: Dados fornecidos pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas em Março de 2006.

Como podemos conferir através dos dados da tabela, existe um equilíbrio entre o número de mulheres e homens que se inscreveram nestes últimos seis anos, porém as mulheres levam um ligeiro avanço. Em 2003 foi o ano em que se inscreveram mais mulheres. Em termos percentuais representaram 59% e em 2005 voltou a registar-se a inscrição de um número significativo de mulheres, 58%. Assim podemos verificar que o número de mulheres nesta profissão está a aumentar e futuramente podemos vir a assistir a uma *feminização* da profissão.

2.1.1 – As mulheres no telejornalismo no Porto

Fátima Torres e Manuela Melo foram as primeiras mulheres a exercer telejornalismo na cidade do Porto. Entraram em 1973 na RTP, após terem realizado um concurso público, como nos contou a própria jornalista Fátima Torres⁶. Porém até 1976, não estava efectiva na RTP e dedicava-se a outras actividades em simultâneo, como nos relata. A aprendizagem era feita segundo os erros e asneiras que iam cometendo e tentando melhorar, com o tempo. Nesta altura não havia qualquer tipo de formação superior a nível jornalístico, apenas pequenos cursos, como nos descreve a ex-jornalista

“Só em 1976 é que tive um curso de televisão, três meses (...) ensinava, não só, as questões fundamentais jornalísticas para televisão, a concepção da palavra, da imagem e do som, mas fazia-nos passar por tudo, ou seja, explicavam o que era uma régie de televisão, o que era o áudio, o vídeo, a montagem, desmontavam uma câmara à nossa frente (...)”⁷.

Até à revolução de 25 de Abril de 1974, as jornalistas tinham de fazer trabalhos limitados e sobre orientação do regime. A revolução teve benefícios importantes nomeadamente, para as mulheres como nos relata a ex-jornalista

“(...) abriu este país que era um país fechado, serôdio e cinzento ao mundo (...) abriu também as fronteiras das mulheres os horizontes (...) e nós mulheres que estávamos na comunicação, apercebemo-nos de que o que fazíamos não era assim tão importante, tínhamos que aprender muito mais (...)”⁸.

Segundo Fátima Torres, os jornalistas de televisão não eram muito reconhecidos, “na altura em que entrei para a RTP os jornalistas da televisão eram considerados os jornalistas de segunda, porque tinham lá o boneco, a imagem (...)”. Porém os jornalistas fazem mais do que isso, como nos indica Fátima Torres “(...) não escrevemos só com palavras, escrevemos também com frases de imagens e frases de som como aprendemos na semiótica”⁹.

⁶ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

⁷ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

⁸ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

⁹ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

As mulheres entraram no telejornalismo com maior afluência na década de 80, consequência de diversas situações. Porém como podemos constatar, em 1978 a redacção da RTP Porto já contava com a presença feminina, como nos descreveu o ex-jornalista da RTP, Jorge Campos

“na altura, predominavam os homens mas já lá estavam algumas mulheres, como é o caso da Cristina, da Fátima Torres e da Manuela Melo (...) desempenhavam a função de repórteres, mais tarde a Fátima Torres e a Manuela Melo passaram a apresentar os blocos informativos. Dois anos ou três anos depois apareceu a Judite de Sousa aqui na redacção do Porto. Até ao início dos anos 80 era este o panorama das mulheres no telejornalismo”¹⁰.

O alargamento do ensino e a sua abertura ao sector privado na era do professor Cavaco Silva foram também fundamentais para a formação de um grande número de mulheres, como salienta o ex-jornalista Jorge Campos.

Um número significativo de mulheres começou a entrar nas redacções a partir da segunda metade da década de 80, consequência das primeiras formações na Escola Superior de Jornalismo no Porto

“(...) a escola foi criada e começou a haver formação em jornalismo, tornou-se manifesto porque por um lado a frequência da escola, (...) tinha uma presença muito significativa de mulheres e por outro lado essas mulheres muito rapidamente entraram no mercado de trabalho(...)”¹¹.

O aparecimento das estações de televisão privadas, em Portugal contribuiu também para o aumento do número de mulheres no meio televisivo, como nos afirma Fátima Torres¹² “anos 90 temos o *boom* máximo com o aparecimento das televisões privadas”

Segundo as declarações do ex-jornalista Jorge Campos, as mulheres têm um maior peso na entrada das redacções devido a questões de maturidade e consciência, visto que estas

¹⁰ Entrevista realizada ao ex-jornalista da RTP Jorge Campos, ver apêndice 8.

¹¹ Entrevista realizada ao ex-jornalista da RTP Jorge Campos, ver apêndice 8.

¹² Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

tiram, de um modo geral, as melhores notas e outra das razões para explicar a entrada destas na televisão prende-se com a sua performance.

“A capacidade *performativa* na televisão, diante de uma câmara para fazer jornalismo, é verdade que muitas vezes as mulheres encontram um registo mais próximo daquilo que é exigido do que os homens numa primeira fase”.¹³

Segundo Jorge Campos, apesar das mulheres entrarem cada vez mais no jornalismo e em determinadas redacções representarem já a maioria, a maior parte dos cargos de chefia continuam no comando dos homens. Este justifica da seguinte forma esta contradição,

“O meio da televisão e da comunicação social exige por vezes procedimentos muito paradigmáticos e menos compatíveis com a sensibilidade feminina. O exercício da autoridade muitas vezes é necessário fazer e ter uma certa agressividade e dureza com as pessoas, isso faz com que se encontrem os homens a ocupar estas funções”.¹⁴

O acesso das mulheres aos cargos de chefia, até há uns tempos atrás, era complicado como nos relata a ex-jornalista

“(…) numa reunião um dos chefes da RTP disse “Isto é quase tão difícil um jornalista do Porto ir trabalhar para Lisboa e ser reconhecido como bom profissional, como uma mulher ser chefe de redacção” (...) era a única mulher que estava na reunião (...) isto passa-se há 9 anos atrás”.¹⁵

Actualmente o acesso não é tão difícil, como nos salienta Fátima Torres “(...) hoje felizmente, eu tenho colegas minhas que chegam aos trinta e poucos anos e já têm cargos de chefia”.¹⁶ Apesar dos cargos de chefia continuarem na sua maioria entregues a homens.

¹³ Entrevista realizada ao ex-jornalista da RTP Jorge Campos, ver apêndice 8.

¹⁴ Entrevista realizada ao ex-jornalista da RTP Jorge Campos, ver apêndice 8.

¹⁵ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

¹⁶ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

2.2- As mulheres no ensino universitário

Segundo a socióloga Filipa Subtil, “em 1960, as universitárias constituíam uma pequena minoria, representando apenas 29,5% dos estudantes” (Subtil, 2000). A partir dos anos 60 verificou-se um crescimento contínuo do número de mulheres nos cursos superior de comunicação.

As mulheres entraram intensamente no ensino, a partir de 1974, com a liberdade que lhes foi cedida, no 25 de Abril, passando a haver um aumento da profissionalização feminina. O ensino universitário desempenhou um papel determinante para a entrada das mulheres no jornalismo.

“As jornalistas, em grande medida jovens licenciadas nas áreas das ciências sociais, ingressam massivamente nas redacções, no momento em que se dá o *boom* dos anos 80 no espaço mediático nacional (...)” (Subtil, 2000).

Após 1985, com o professor Aníbal Cavaco Silva a governar Portugal, o ensino expandiu-se e alargou-se ao ensino privado. Isto contribuiu também para que um maior número de mulheres ingressasse no ensino. “Nos últimos 20 anos, assiste-se a uma quase duplicação da taxa de profissionalização das mulheres” (Subtil, 2000).

Jorge Campos salienta a importância que a escola Superior de Jornalismo teve na formação de jornalistas

“(...) a partir do momento em que a escola foi criada e começou haver, formação em jornalismo (...), tinha uma presença muito significativa de mulheres e por outro lado essas mulheres muito rapidamente entraram no mercado de trabalho”¹⁷

Actualmente os cursos de comunicação são fundamentais com refere Fátima Torres, para entrar nesta actividade profissional,

¹⁷ Entrevista realizada ao ex-jornalista da RTP Jorge Campo, ver apêndice 8.

“(…) os cursos de jornalismo são importante, porque tem as bases fundamentais para os jovens jornalistas aprendam a corrigir os próprios erros e não darem tantos erros. Hoje ninguém faz televisão de forma amadora, a televisão é uma actividade extremamente profissional (…)”¹⁸

Fomos junto de duas instituições, a universidade Fernando Pessoa e a Universidade do Minho e recolhemos o número de alunos inscritos nos cursos de comunicação. Verificámos que o número de mulheres inscritas nos cursos de Comunicação representa a maioria.

Tabela 3 – Número de alunos inscritos no curso de Ciências da Comunicação na Universidade Fernando Pessoa, desde o ano lectivo 2001/2002 a 2005/2006

Ano	Feminino	%	Masculino	%	Total
2001/2002	263	64	147	36	410
2002/2003	248	59	170	41	418
2003/2004	221	60	145	40	366
2004/2005	202	61	131	39	333
2005/2006	182	57	135	43	317

Fonte: Dados cedidos pela reitoria da Universidade Fernando Pessoa em Março de 2006.

Na Universidade Fernando Pessoa, podemos verificar que, desde o ano lectivo 2001/2002 até ao corrente ano 2005/2006, o número de mulheres inscritas no curso Ciências da Comunicação é superior a 59% em termos percentuais. Apenas no corrente ano 2005/2006 a presença feminina diminuiu para 57%. Verificámos ainda que em 2001/2002 foi o ano em que se registou um maior número de alunas inscritas no curso de Ciências da Comunicação.

Tabela 4 – Número de alunos inscritos no curso de Comunicação Social da Universidade do Minho, desde o ano lectivo 2001/2002 a 2005/2006.

Anos	Feminino	%	Masculino	%	Total
2001/2002	360	76	112	24	472
2002/2003	374	76	121	24	495
2003/2004	352	75	116	25	468
2004/2005	334	75	114	25	448
2005/2006	320	72	123	28	443

Fonte: Dados cedidos pela reitoria da Universidade do Minho em Março de 2006.

O número de mulheres inscritas no curso de Comunicação Social da Universidade do Minho é superior a 72% em termos percentuais nos vários anos analisados. Esta instituição tem ainda mais alunos inscritos e mais mulheres em comparação com a Universidade Fernando Pessoa. O maior número de homens inscritos nesta instituição

¹⁸ Entrevista realizada à ex-jornalista da RTP Fátima Torres, ver apêndice 9.

no curso de Comunicação Social registou-se no presente ano lectivo 2005/2006 e não ultrapassa os 28%.

A recomposição sexual dos estudantes universitários no curso de comunicação, e tendo em conta os dados destas duas instituições, as mulheres irão continuar a entrar nesta actividade.

Capítulo III

AS MULHERES NO TELEJORNALISMO NAS ESTAÇÕES DE TELEVISÃO GENERALISTAS DA CIDADE DO PORTO: ESTUDO DE CASO.

Capítulo III – As mulheres Telejornalistas nas estações de televisão generalistas da cidade do Porto: Um estudo de Caso

3.1- Introdução

Este estudo de caso pretende traçar, analisar e compreender o perfil e a situação das mulheres telejornalistas da cidade do Porto.

Iremos tentar conhecer os motivos que possam ter contribuído para crescimento significativo das mulheres no telejornalismo, bem como saber se estas profissionais do sexo feminino já conquistaram o seu espaço e o respeito pelo trabalho que desenvolvem nesta área. Estas profissionais são discriminadas por serem do sexo feminino? Esta questão faz parte do passado como vamos verificar. Estas profissionais já têm acesso a cargos de chefia? As redacções têm ainda uma presença maioritariamente masculina? Estas são algumas das questões que iram ser analisadas e respondidas ao longo deste estudo de caso.

Vamos tentar conhecer o futuro desta actividade profissional, a partir da visão destas profissionais do jornalismo.

O estudo centra-se nas mulheres telejornalistas que trabalham nas estações de televisão: *Rádio Televisão Portuguesa (RTP)*, *Sociedade Independente de Comunicação (SIC)* e a *Televisão Independente (TVI)*, sedeadas na cidade do Porto. Esta selecção restringiu-se às únicas estações de televisão generalistas existentes na cidade do Porto.

3.2- Metodologia

Este trabalho baseia-se num inquérito destinado às mulheres telejornalistas que trabalham nas estações generalistas da cidade do Porto: *RTP*, *SIC* e *TVI*. Para além do inquérito, foram realizadas entrevistas a algumas profissionais da área, já com alguns anos de experiência e outras numa fase inicial da sua carreira, relativamente a cada estação de televisão aqui referenciada. Os inquéritos foram realizados no mês de Janeiro de 2006.

Os inquéritos foram entregues, pessoalmente, às telejornalistas das respectivas estações de televisão, após uma exposição e explicação dos objectivos deste trabalho.

Num universo de trinta e oito profissionais, responderam ao inquérito trinta e três, o que perfaz uma amostra de 87%, que tenta ser representativa e indicadora do perfil da generalidade das mulheres telejornalistas nas estações de televisão portuenses.

Tendo em conta o pouco tempo disponível por estas profissionais, os inquéritos foram elaborados com um número restrito de perguntas, de modo a que pudessem responder ao que é pedido. O inquérito é de natureza descritiva, num conjunto de perguntas fechadas e simples constituindo, assim, um inquérito fechado.

No que diz respeito às entrevistas, estas foram feitas a duas jornalistas de cada estação de televisão. Estas entrevistadas foram sugeridas por profissionais que trabalham dentro das referidas estação de televisão. Assim, na *RTP* temos o Rui Cerqueira e o Frederico Lopes, na *SIC* a secretária Helena Peixoto e na *TVI* a secretária Lisete Alves.

As questões colocadas relacionam-se com o percurso académico e profissional, bem como questões relacionadas com a profissão. Algumas das perguntas presentes na entrevista encontram-se também presentes nos inquéritos. As entrevistas foram todas realizadas no local de trabalho das jornalistas.

3.3- Resultados dos Dados Quantitativos

Os resultados obtidos dos inquéritos realizados às telejornalistas das estações de televisão generalistas da cidade do Porto irão ser apresentados neste momento.

Nas páginas que se seguem, podemos observar os resultados individuais das três estações de televisão analisadas e o “retrato” de cada estação de televisão, com apoio nos dados alcançados.

Após uma apresentação individual dos resultados de cada estação de televisão, sucede-se os resultados totais das estações de televisão generalistas, sendo assim traçado o alusivo “retrato”.

Seguidamente, temos uma discussão dos resultados obtidos. Relativamente aos dados resultantes dos inquéritos realizados neste trabalho, estes não podem ser comparados com outros dados, de outros estudos, visto que, até ao momento, os únicos estudos que foram feitos dizem respeito aos jornalistas de imprensa e ao universo nacional de jornalistas.

Existem dois estudos relativos aos jornalistas da cidade do Porto, são eles: “Um retrato Sociográfico e Socioprofissional dos Jornalistas do Porto”, desenvolvido em 1998 por dois jornalistas e Professores da Universidade Fernando Pessoa, Ricardo Jorge Pinto e Jorge Pedro Sousa. O outro estudo intitulado “Mulheres Jornalistas nos diários Generalistas Portuenses” foi elaborado em 2002, por Patrícia Ferreira, para a obtenção do grau de licenciatura na Universidade Fernando Pessoa. Todavia, os dados destes dois estudos não podem ser comparados, visto se tratarem de uma análise aos jornalistas da imprensa portuense.

A discussão será feita tendo em conta apenas os resultados dos dados obtidos neste estudo de caso e haverá uma comparação entre as estações de televisão.

3.3.1- A RTP

De acordo com os dados fornecidos pelo jornalista Rui Cerqueira da RTP Porto, esta empresa conta, no total, com 58 jornalistas, dos quais 32 são homens e 26 são mulheres. No entanto, no dia em que os inquéritos foram distribuídos, apenas 21 mulheres se encontravam nas instalações da RTP.

Os resultados obtidos nos inquéritos realizados a esta estação de televisão estão apresentados nas seguintes tabelas:

Tabela 5 – Idade

	N.º	%
Menos de 25 anos	3	14
26 a 35 anos	14	67
36 a 45 anos	3	14
46 a 55 anos	1	5
Mais de 56 anos	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Podemos verificar que nesta estação de televisão a maioria das jornalistas são jovens, visto que 67% tem entre 26 a 35 anos e 14% tem menos de 25 anos. Apenas 14% tem entre 36 a 45 anos e 5% tem entre 46 a 55 anos. Não existem jornalistas com mais de 56 anos. Uma das justificações para esta equipa de jornalistas ser jovem é o facto deste fenómeno das mulheres no telejornalismo ser recente.

Tabela 6 – Estado Civil

	N.º	%
Solteira	6	28
Casada / União de facto	14	67
Divorciada / Separada	1	5

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

As profissionais desta estação de televisão são, na sua maioria, casada / união de facto, correspondendo a 67%, e também podemos verificar que 28% destas são solteiras. Apesar desta ser uma profissão difícil de conciliar com a família, apenas se verificou que 5% corresponde a uma jornalista que está divorciada / separada.

Tabela 7 –“O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?”

	N.º	%
Sim	1	100
Não	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

A jornalista que se encontra divorciada assinalou que o divórcio ocorreu após ter ingressado no jornalismo.

Tabela 8 –“A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	1	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Apesar do divórcio desta jornalista ter ocorrido depois de ter iniciado a sua carreira, esta salienta que a sua actividade profissional não teve qualquer influência na sua separação.

Tabela 9 –“Tem filhos?”

	N.º	%
Sim	10	48
Não	11	52

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Relativamente aos filhos, existe quase um equilíbrio, havendo assim 52% das jornalistas que têm filhos e 48% não têm.

Tabela 10 –“O facto de ter filhos prejudicou ou prejudica, de alguma forma, na sua carreira profissional?”

	N.º	%
Sim	6	54
Não	4	36

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Das onze jornalistas que têm filhos, 54% confirmam que ter filhos acabou por, de alguma forma, prejudicar a carreira profissional. Os restantes 36% das profissionais defendeu que os filhos não interferem na vida profissional.

Tabela 11 – Anos de Carreira

	N.º	%
Menos de 1 ano	2	10
1 a 5 anos	9	43
6 a 10 anos	3	14
11 a 15 anos	3	14
Mais de 16 anos	3	14

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006. Nesta questão uma das inquiridas não respondeu. (1)

Nesta estação, os anos de carreira das jornalistas são muito variáveis, havendo apenas um destaque de 43% para as que possuem de 1 a 5 anos de carreira. A maioria das profissionais ainda tem poucos anos de carreira. Com mais de 16 anos de carreira temos 14% das jornalistas.

Tabela 12 – Habilitações literárias

	N.º	%
Ensino Secundário	0	0
Ensino Superior incompleto	5	24
Ensino Superior completo	12	57
Pós-graduação incompleta	1	5
Pós-graduação completa	3	14

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Todas estas profissionais entraram no ensino superior, das quais podemos destacar que 57% têm o ensino superior completo, e 14% já possuem também uma pós-graduação completa. Apenas 24% das jornalistas ainda não terminaram o seu curso superior.

Tabela 13 – Curso

	N.º	%
Ciências da Comunicação / Comunicação Social	18	85
História / Ciências Históricas	1	5
Direito	1	5
Economia	0	0
Línguas e Literaturas Modernas	0	0
Medicina	0	0
Outro	1	5

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006. O curso que foi referenciado em Outro: Jornalismo Internacional (1)

Relativamente ao curso, podemos conferir que 85% destas profissionais frequentaram o curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social. As outras 15% dividem-se pelo curso de História / Ciências Históricas, Direito e Jornalismo Internacional.

Tabela 14 – Instituição de Ensino Superior que frequentou

	N.º	%
Escola Superior de Jornalismo	13	62
Universidade do Porto	1	5
Universidade de Coimbra	0	0
Universidade do Minho	1	5
Universidade Fernando Pessoa	5	24
Universidade Nova de Lisboa	0	0
Universidade Portucalense	0	0
Universidade Católica	0	0
Outra	2	10

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

As instituições referenciadas em Outra: Universidade Clássica de Lisboa – Instituto Superior Ciências Sociais Políticas (1).

Uma das inquiridas assinalou mais do que uma instituição referenciado assim a instituição onde realizou a sua pós-graduação: Universidade de Leeds – Reino Unido (1).

62% das profissionais que frequentaram o curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social andaram na Escola Superior de Jornalismo. Destaca-se ainda que 25% destas profissionais frequentaram a Universidade Fernando Pessoa. As restantes jornalistas andaram na Universidade de Porto, Universidade do Minho e na Universidade Clássica de Lisboa.

Tabela 15 – “Em breve pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área de jornalismo?”

	N.º	%
Sim	11	52
Não	10	48

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Hoje em dia, cada vez mais, a presença de licenciadas nesta actividade, faz aumentar a concorrência e, assim sendo, 52% das jornalistas estão dispostas a tirar, em breve, uma especialização ou uma pós-graduação na área do jornalismo.

Tabela 16 – Função desempenhada na televisão

	N.º	%
Pivot	6	29
Repórter	13	62
Coordenador do jornal	3	14
Realizadora	0	0
Assistente de Realização	3	14
Câmara	0	0
Outra	2	10

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas assinalaram mais do que uma função, visto estas desempenharem várias em simultâneo:

- Repórter + Pivot (5);

- Pivot + Coordenadora (1).

Em outras foi indicado Agenda + Pesquisa (2).

Actualmente a maioria das jornalistas são repórteres. Não obstante, também podemos contactar que várias jornalistas praticam duas funções em simultâneo. Desta forma, as funções mais ocupadas pelas jornalistas desta estação de televisão são: Repórteres 62%, Pivot 29%, Coordenadoras do Jornal 14% e Assistentes de Realização 14%. Nenhuma profissional ocupa o cargo de Realizadora, sendo este um cargo ocupado exclusivamente por homens.

Tabela 17 – “Se é repórter, em que secção / editorial trabalha?”

	N.º	%
Política	8	24
Sociedade	9	27
Internacional	5	15
Economia	4	12
Desporto	3	9
Cultura	2	6
Regional	2	6
Outras	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Algumas inquiridas assinalaram mais do que uma opção:

- Política + Sociedade (1);
- Política + Internacional + Economia (2);
- Todas as secções (2);

Não responderam a esta questão (5) por serem coordenadoras do jornal e Assistentes de Realização.

As jornalistas, na sua maioria, trabalham em várias secções em simultâneo, não se restringindo apenas a uma. As profissionais são, cada vez mais, polivalentes. As secções mais assinaladas foram: Sociedade 27% e Política 24%. As secções menos assinaladas foram: Cultura 6%, Regional 6% e Desporto 9%.

Tabela 18 – “Sentiu dificuldade em obter emprego na área do telejornalismo?”

	N.º	%
Sim	5	24
Não	16	76

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Apesar de cada vez mais haver licenciados em Jornalismo, ao contrário do que se possa pensar, 76 % das jornalistas não sentiu dificuldades em arranjar emprego na área do telejornalismo. Apenas 24% das jornalistas sentiram dificuldades em arranjar trabalho nesta área da televisão.

Tabela 19 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”

	N.º	%
Sim	8	38
Não	13	62

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.
Os cargos de chefia que as jornalistas ocupam ou já ocuparam são:
- Coordenadora (4);
- Editora (3);
- Directora de Programas Televisivos (1).

Os cargos de chefia continuam a ser na sua maioria ocupados por homens. A maior parte das jornalistas 62% nunca ocuparam um cargo de chefia numa estação de televisão. Apenas 38% das profissionais já tiveram acesso a cargos de chefia.

Tabela 20 – “Qual o vínculo profissional?”

	N.º	%
Jornalista do quadro	18	86
Contrato a prazo	3	14
Outra situação	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

No que diz respeito ao vínculo profissional, podemos verificar que 86% das jornalistas já pertencem ao quadro da empresa, havendo apenas 14% que têm contratos a prazo.

Tabela 21 – “Encontra-se sindicalizada?”

	N.º	%
Sim	11	52
Não	10	48

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Existe um equilíbrio entre as profissionais que estão sindicalizadas e as que não estão. Apenas 52% estão sindicalizadas e 48% ainda não se sindicalizaram.

Tabela 22 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”

	N.º	%
Sim	12	57
Não	5	24

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.
Nesta questão (4) jornalistas não responderam.

Para além de verificarmos que só uma parte das jornalistas está sindicalizada, quando confrontadas sobre a actuação do sindicato, estas demonstram estarem satisfeitas, correspondendo a 57%.

Tabela 23 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”

	N.º	%
Sim	21	100
Não	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Quanto ao aumento do número de mulheres no telejornalismo, as profissionais são unânimes em confirmarem este aumento.

Tabela 24 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”

	N.º	%
Sim	3	14
Não	18	86

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

86% das jornalistas consideram que as mulheres, actualmente, já não são discriminadas, mas existem ainda 14% das profissionais que confirmam que as mulheres ainda são alvo de alguma discriminação.

Tabela 25 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”

	N.º	%
Sim	4	19
Não	17	81

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Podemos verificar que 81% das jornalistas inquiridas nesta estação nunca sofreram qualquer acto de discriminação por serem mulheres. Mas 19% confirma já terem sido vítimas de discriminação pelo simples facto de serem do sexo feminino.

Tabela 26 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”

	N.º	%
No acesso a cargos de chefia	0	0
Nas tarefas efectuadas	2	50
No salário	0	0
Nas ajudas e compensações	0	0
Na selecção para trabalhos de dimensão relevante	2	50
Outro tipo	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006. Só (4) das jornalistas é que sentiram algum tipo de discriminação.

Das jornalistas que já foram vítimas de discriminação por serem mulheres, podemos verificar que o tipo de discriminação sentida foi relativamente às tarefas efectuadas e na selecção para trabalhos de dimensão relevante.

Tabela 27 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”

	N.º	%
Sim	9	43
Não	12	57

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Os salários parecem continuar a fazer parte do descontentamento das jornalistas, visto que 57% continuam insatisfeitas com a sua remuneração. Apenas 43% se sentem satisfeitas com o salário.

Tabela 28 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	21	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Mas este descontentamento salarial nada tem a ver com o facto de serem mulheres, uma vez que na totalidade as jornalistas confirmaram que no telejornalismo as mulheres não são discriminadas a nível salarial.

Tabela 29 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”

	N.º	%
Curso Superior em qualquer área + estágio jornalístico	5	24
Licenciatura e ou/ bacharelato na área da comunicação social+ estágio jornalístico	16	76
12º Ano + formação profissional específica + estágio jornalístico	0	0
Outra forma de acesso	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão RTP, durante o mês de Janeiro de 2006.

Na opinião de 76% das jornalistas, o regime de acesso a esta profissão deveria de ser através da licenciatura e ou bacharelato na área da comunicação social mais um estágio jornalístico. As outras 24% defendem que o acesso deve ser através de um curso superior em qualquer área mais um estágio jornalístico.

Numa primeira análise dos dados obtidos nos inquéritos que foram distribuídos às jornalistas da RTP, e tendo em conta a maioria das respostas, verificámos que as jornalistas têm entre 26 a 35 anos de idade, são casadas e não têm filhos. Uma parte das jornalistas tem entre 1 a 5 anos de carreira. Estas profissionais têm o ensino superior completo no curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social na Escola Superior de Jornalismo e em breve pensam tirar um curso de pós-graduação ou uma especialização na área do Jornalismo. Nesta estação de televisão desempenham a função de repórteres e trabalham em diversas editorias em simultâneo, sendo a Política e Sociedade as mais assinaladas. Não tiveram dificuldades em arranjar emprego na área do telejornalismo e não ocupam nem ocuparam cargos de chefia. Estas jornalistas pertencem ao quadro da empresa e encontram-se sindicalizadas e satisfeitas com o actuação do sindicato. Relativamente ao aumento do número de mulheres no telejornalismo, as inquiridas são unânimes. Consideram que no telejornalismo as mulheres já não são discriminadas, e enquanto jornalistas, nunca sofreram qualquer tipo de discriminação. A nível salarial não se sentem satisfeitas, mas dizem que as mulheres não são discriminadas a este nível. No que se refere ao regime de acesso ao telejornalismo, consideram que devia de ser através de Licenciatura e/ou Bacharelato na área da comunicação social mais estágio jornalístico.

3.3.2- A SIC

De acordo com os dados fornecidos pela secretária Helena Peixoto, a SIC conta no total com quinze jornalistas, sendo oito do sexo feminino e sete do sexo masculino. No dia em que foram entregues os inquéritos, as jornalistas estavam todas presentes, os dados representam assim o universo jornalístico da SIC sediada no Porto.

Os resultados obtidos nos inquéritos realizados a esta estação de televisão, estão apresentados nas seguintes tabelas:

Tabela 30 – Idade

	N.º	%
Menos de 25 anos	1	12.5
26 a 35 anos	6	75
36 a 45 anos	1	12.5
46 a 55 anos	0	0
Mais de 56 anos	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Nesta estação de televisão, as jornalistas são muito jovens visto que 75% têm entre 26 a 35 anos, 12.5% têm menos de 25 anos e 12.5% têm entre 36 a 45 anos. Não existem, nesta estação, jornalistas com mais de 46 anos. As jornalistas são muito jovens pelo facto de que a presença das mulheres no telejornalismo é um fenómeno recente.

Tabela 31 – Estado Civil

	N.º	%
Solteira	3	37.5
Casada / União de facto	5	62.5
Divorciada / Separada	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Apesar de nesta profissão não ser fácil conciliar a carreira com a família, a maioria das jornalistas, 62.5% são casadas e não existem jornalistas divorciadas. Apenas 37.5% das jornalistas são solteiras.

Tabela 32 – “Tem filhos?”

	N.º	%
Sim	2	25
Não	6	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Para além de a maioria das jornalistas serem casadas apenas 25% têm filhos. Assim sendo a sua maioria 75% não têm filhos.

Tabela 33 – “O facto de ter filhos prejudicou ou prejudica, de alguma forma, na sua carreira profissional?”

	N.º	%
Sim	1	50
Não	1	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

As 25% das jornalistas que confirmaram terem filhos, quando confrontadas se os filhos prejudicaram a carreira, estas dividiram-se. 50% afirmaram que prejudicou outros 50% afirmaram não ter prejudicar a carreira.

Tabela 34 – Anos de Carreira

	N.º	%
Menos de 1 ano	1	12.5
1 a 5 anos	2	25
6 a 10 anos	4	50
11 a 15 anos	1	12.5
Mais de 16 anos	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Nesta SIC, as jornalistas têm ainda poucos anos de carreira, a maioria não passa dos 10 anos. Verificámos assim que 50% das mulheres têm entre 5 a 10 anos de carreira, 25% têm entre 1 a 5 anos de carreira e 12.5% têm menos de um anos de carreira. Apenas 12.5% têm entre 11 a 15 anos de carreira. Nenhuma das jornalistas tem mais de 16 anos de carreira. Com estes dados podemos verificar que a presença das mulheres na profissão é muito recente.

Tabela 35 – Habilitações literárias

	N.º	%
Ensino Secundário	0	0
Ensino Superior incompleto	2	25
Ensino Superior completo	6	75
Pós-graduação incompleta	0	0
Pós-graduação completa	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Todas as jornalistas frequentaram o ensino superior, sendo que 75% chegaram a concluí-lo. Apenas 25% não concluíram o ensino superior. Não existem ainda jornalistas que tenham feito uma pós-graduação.

Tabela 36 – Curso

	N.º	%
Ciências da Comunicação / Comunicação Social	8	100
História / Ciências Históricas	0	0
Direito	0	0
Economia	0	0
Línguas e Literaturas Modernas	0	0
Medicina	0	0
Outro	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Relativamente ao curso que frequentaram todos indicaram terem frequentado o curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social.

Tabela 37 – Instituição de Ensino Superior frequentada

	N.º	%
Escola Superior de Jornalismo	4	50
Universidade do Porto	0	0
Universidade de Coimbra	0	0
Universidade do Minho	3	37.5
Universidade Fernando Pessoa	0	0
Universidade Nova de Lisboa	0	0
Universidade Portucalense	0	0
Universidade Católica	0	0
Outra	1	12.5

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

A instituição referenciada em Outra: Universidade Técnica Lisboa – Instituto Superior Ciências Sociais Políticas (1).

50% das jornalistas tiraram o curso na Escola Superior de Jornalismo, 37.5% tiraram na Universidade do Minho e apenas 12.5% tiraram na Universidade Técnica de Lisboa.

Tabela 38 – “Em breve pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área de jornalismo?”

	N.º	%
Sim	2	25
Não	6	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

A maioria destas jornalistas 75%, não pensam tirar, em breve, uma pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo. Apenas 25% estão a pensar tirar.

Tabela 39 – Função desempenhada na televisão

	N.º	%
Pivot	0	0
Repórter	8	100
Coordenador do jornal	0	0
Realizadora	0	0
Assistente de Realização	0	0
Câmara	0	0
Outra	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Nesta estação de televisão, as jornalistas desempenham apenas uma função, a de repórteres. Ao contrário do que já se tinha verificado na outra estação de televisão, em que as jornalistas era mais polivalentes.

Tabela 40 – “Se é repórter, em que secção / editorial trabalha?”

	N.º	%
Política	8	100
Sociedade	8	100
Internacional	5	63
Economia	7	87.5
Desporto	7	87.5
Cultura	8	100
Regional	7	87.5
Outra	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas assinalaram várias secções, assim sendo, do universo das 6 jornalistas:

- Cultura + Sociedade (1)
- Política + Regional (1)
- Política + Sociedade + Economia + Desporto + Cultura + Regional (1)
- Política + Sociedade + Economia + Desporto + Cultura (1)
- Todas as secções (5).

No que se refere às secções em que trabalha, podemos verificar que também nesta estação de televisão as jornalistas trabalham em várias secções em simultâneo. Assim, podemos apurar que todas as jornalistas trabalham na secção de Política, Sociedade e Cultura. As outras secções em que 87.5% das jornalistas também marcam uma forte presença são a Economia, Desporto e Regional. A secção em que apenas trabalham 63% das jornalistas é a Internacional.

Tabela 41 – “Sentiu dificuldade em obter emprego na área do telejornalismo?”

	N.º	%
Sim	4	50
Não	4	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Quanto à dificuldade em arranjar emprego na área do telejornalismo, as jornalistas dividiram-se. 50% sentiram dificuldades em obter emprego as outras 50% não sentiram qualquer tipo de entrave.

Tabela 42 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”

	N.º	%
Sim	2	25
Não	6	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.
Os cargos de chefia que as jornalistas indicaram: Coordenação (1) e Editora (1)

Através das respostas destas profissionais, é notório que os cargos de chefia não são ocupados com mulheres, visto que apenas 25% das profissionais já ocupou um cargo. E 75% destas nunca ocupou qualquer cargo de chefia na estação de televisão.

Tabela 43 – “Qual o vínculo profissional?”

	N.º	%
Jornalista do quadro	6	75
Contrato a prazo	1	12.5
Outra situação	1	12.5

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.
A outra situação assinalada foi contrato a termo incerto (1).

A maioria destas profissionais, 75% já pertence aos quadros da empresa. Apenas 12.5% tem um contrato a prazo e 12.5% tem um contrato de termo incerto.

Tabela 44 – “Encontra-se sindicalizada?”

	N.º	%
Sim	2	25
Não	6	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Podemos constatar que as jornalistas não vêm com satisfação o sindicato, visto que 75% destas profissionais não se encontram sindicalizadas. Apenas 25% estão sindicalizadas.

Tabela 45 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”

	N.º	%
Sim	2	25
Não	4	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.
Nesta questão das inquiridas (2) não responderam.

Podemos verificar que 50% das jornalistas não se sentem satisfeitas com a actuação do sindicato. Apenas 25% assinalaram estarem satisfeitas com o sindicato e 25% não responderam.

Tabela 46 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”

	N.º	%
Sim	8	100
Não	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

O aumento do número de mulheres no telejornalismo é um fenómeno que está acontecer e é confirmado por todas as jornalistas desta estação de televisão, que responderam a este inquérito.

Tabela 47 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”

	N.º	%
Sim	3	38
Não	5	62

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Segundo as respostas das jornalistas, 62% afirmaram que as mulheres já não são discriminadas no telejornalismo. Porém 38% ainda são da opinião que as mulheres ainda sofrem algumas discriminações.

Tabela 48 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”

	N.º	%
Sim	1	12.5
Não	7	87.5

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas quando confrontadas com esta questão, se já tinham sofrido algum tipo de discriminação, 87.5% das mulheres assinalaram nunca terem sido vítimas de qualquer acto discriminatório por serem mulheres. Apenas 12.5% já foram vítimas de discriminação.

Tabela 49 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”

	N.º	%
No acesso a cargos de chefia	0	0
Nas tarefas efectuadas	1	100
No salário	1	100
Nas ajudas e compensações	1	100
Na selecção para trabalhos de dimensão relevante	0	0
Outro tipo	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

A jornalista que já sentiu algumas discriminações por ser mulher, assinalou três tipos, nas tarefas efectuadas + no salário + nas ajudas e compensações (1).

A profissional que salientou já ter sido vítima de discriminação por ser mulher assinalou três tipos de discriminação sentida. Foram eles: nas tarefas efectuadas, no salário e nas ajudas e compensações.

Tabela 50 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”

	N.º	%
Sim	3	38
Não	5	62

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

Relativamente à satisfação salarial, as jornalistas parecem não estarem satisfeitas, já que 62% assinalaram não se sentem satisfeitas com a remuneração. Apenas 38% estão satisfeitas com o salário.

Tabela 51 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”

	N.º	%
Sim	3	38
Não	5	62

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

62% das profissionais considera que, a nível salarial, as mulheres não são discriminadas no telejornalismo. Somente 38% afirmaram que as mulheres ainda são vítimas de discriminação salarial no telejornalismo.

Tabela 52 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”

	N.º	%
Curso Superior em qualquer área+estágio jornalístico	2	25
Licenciatura e ou/ bacharelato na área da comunicação social+ estágio jornalístico	6	75
12º Ano + formação profissional específica + estágio jornalístico	0	0
Outra forma de acesso	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão SIC, durante o mês de Janeiro de 2006.

75% das profissionais desta estação de televisão também defendem que o regime de acesso ao telejornalismo deve ser através de uma licenciatura e/ou bacharelato na área da comunicação mais estágio jornalístico. Somente 25% concordam com o acesso através de um curso superior em qualquer área mais estágio jornalístico.

Após uma primeira análise dos resultados deste inquérito, e sustentando-nos na maioria das respostas, podemos verificar que às jornalistas da SIC no Porto: Têm entre os 26 aos 35 anos, são casadas, não têm filhos e 50% possuem entre 6 a 10 anos de carreira. Contêm o ensino superior completo na área das Ciências da Comunicação / Comunicação Social e 50% frequentaram a Escola Superior de Jornalismo e não pensam tirar, em breve, uma pós-graduação na área de jornalismo. As telejornalistas desempenham a função de repórteres e trabalham em mais do que uma secções / editoria em simultâneo e já pertencem ao quadro da empresa. De acordo com os dados podemos ainda verificar que não são sindicalizadas e não se sentem satisfeitas com actuação do sindicato. Enquanto jornalistas, nunca sentiram qualquer tipo de discriminação por serem mulheres e consideram que as mulheres já não são discriminadas nesta profissão. Quanto à satisfação salarial, sentem-se insatisfeitas, mas dizem que as mulheres não são alvo de discriminações salariais. Relativamente à opinião que têm sobre o regime de acesso ao telejornalismo, defendem que deve ser através da licenciatura e/ou bacharelato na área da comunicação social mais estágio jornalístico.

3.3.3- A TVI

De acordo com os dados fornecidos pela secretária Lisete Alves da TVI Porto, esta estação conta com um total de onze jornalistas, sendo sete homens e quatro mulheres. Os inquéritos foram distribuídos a todas as jornalistas.

Os resultados obtidos nos inquéritos realizados a esta estação de televisão estão apresentados nas seguintes tabelas:

Tabela 53 – Idade

	N.º	%
Menos de 25 anos	1	25
26 a 35 anos	1	25
36 a 45 anos	2	50
46 a 55 anos	0	0
Mais de 56 anos	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

Nesta estação de televisão, as mulheres em estudo não têm mais do que 45 anos, 50% têm entre 36 a 45 anos, 25% têm entre 26 a 35 anos e 25% têm menos de 25 anos. A entrada das mulheres muito tarde no telejornalismo pode ser uma das explicações para que não existam jornalistas com mais de 46 anos.

Tabela 54 – Estado Civil

	N.º	%
Solteira	1	25
Casada / União de facto	1	25
Divorciada / Separada	1	25

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.
Das inquiridas: (1) não respondeu.

O estado civil destas jornalistas é muito variado, temos 25% solteiras, 25% casadas e 25% divorciadas. Uma das inquiridas não respondeu.

Tabela 55 – “O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?”

	N.º	%
Sim	1	100
Não	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.
Anteriormente só (1) jornalista respondeu divorciada daí só haver (1) nesta tabela que equivale a 100%.

A jornalista que assinalou divorciada, afirmou que o seu divórcio ocorreu após ter ingressado na profissão.

Tabela 56 – “A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	1	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006. Anteriormente só (1) jornalista respondeu divorciada daí só haver (1) nesta tabela que equivale a 100%.

Apesar do divórcio desta jornalista ter ocorrido após a sua entrada na profissão, esta salientou que a sua actividade profissional não teve qualquer influência na separação.

Tabela 57 – “Tem filhos?”

	N.º	%
Sim	1	25
Não	3	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Das profissionais 75% não têm filhos, somente 25% têm filhos.

Tabela 58 – “O facto de ter filhos prejudicou ou prejudica, de alguma forma, na sua carreira profissional?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	1	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006. Das jornalistas só (1) tem filhos daí nesta tabela aparecer apenas (1) equivalente a 100%

A jornalista que assinalou ter filhos referiu que o facto de ter filhos não prejudica nem prejudicou a sua carreira profissional.

Tabela 59 – Anos de Carreira

	N.º	%
Menos de 1 ano	0	0
1 a 5 anos	1	25
6 a 10 anos	2	50
11 a 15 anos	0	0
Mais de 16 anos	1	25

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

No que diz respeito aos anos de carreira, as profissionais que têm entre 6 a 10 anos representam 50% das profissionais. 25% têm entre 1 a 5 anos de carreira. Todavia, também constatámos que 25% das jornalistas têm mais de 16 anos de carreira.

Tabela 60 – Habilitações literárias

	N.º	%
Ensino Secundário	0	0
Ensino Superior incompleto	1	25
Ensino Superior completo	3	75
Pós-graduação incompleta	1	25
Pós-graduação completa	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.
Uma das jornalistas indicou mais do que uma habilitação: Ensino Superior Completo (1) + Pós-graduação incompleta (1).

Das profissionais desta estação podemos verificar que todas andaram no ensino superior e 75% concluíram esse mesmo ensino. Apenas 25% não chegou a concluir o ensino superior. Das profissionais que concluíram o ensino superior, 25% já têm uma pós-graduação incompleta.

Tabela 61 – Curso

	N.º	%
Ciências da Comunicação / Comunicação Social	3	75
História / Ciências Históricas	0	0
Direito	0	0
Economia	0	0
Línguas e Literaturas Modernas	0	0
Medicina	0	0
Outro	1	25

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.
A jornalista que assinalou outro indicou possuir o curso de Filosofia (1).

Destas profissionais, 75% têm o curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social e apenas 25% têm o curso de Filosofia.

Tabela 62 – Instituição de Ensino Superior que frequentou

	N.º	%
Escola Superior de Jornalismo	3	75
Universidade do Porto	1	25
Universidade de Coimbra	0	0
Universidade do Minho	0	0
Universidade Fernando Pessoa	0	0
Universidade Nova de Lisboa	0	0
Universidade Portucalense	0	0
Universidade Católica	0	0
Outra	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Sobre a instituição que frequentaram, 75% destas jornalistas andaram na Escola Superior de Jornalismo, onde tiraram o curso de Ciências da Comunicação. E 25% que corresponde apenas a uma jornalistas andou na Universidade do Porto, onde efectuou o curso de Filosofia.

Tabela 63 – “Em breve pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área de jornalismo?”

	N.º	%
Sim	3	75
Não	1	25

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas, ao imaginarem as dificuldades no futuro, a concorrência de outras pessoas licenciadas, 75% destas jornalistas pensam tirar, em breve, uma pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo.

Tabela 64 – Função desempenhada na televisão

	N.º	%
Pivot	0	0
Repórter	4	100
Coordenador do jornal	0	0
Realizadora	0	0
Assistente de Realização	0	0
Câmara	0	0
Outra	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Estas jornalistas na sua totalidade, 100%, ocupam apenas uma função, a de repórteres.

Tabela 65 – “Se é repórter, em que secção / editorial trabalha?”

	N.º	%
Política	3	75
Sociedade	4	100
Internacional	0	0
Economia	2	50
Desporto	0	0
Cultura	2	50
Regional	2	50
Outra	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas assinalaram várias secções, assim sendo, do universo das 4 jornalistas:

- Política + Sociedade (1)

- Política + Sociedade + Economia + Cultura + Regional (2)

Estas profissionais trabalham em várias secções em simultâneo, sendo a sociedade a secção em que todas (100%) trabalham. De seguida, as secções em que marcam mais presença são: Política 75%, Economia 50%, Cultura 50% e Regional 50%. As secções que não registaram qualquer presença de mulheres foram: Internacional e o Desporto.

Tabela 66 – “Sentiu dificuldade em obter emprego na área do telejornalismo?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	4	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Na sua totalidade, estas jornalistas não sentiram qualquer dificuldade em arranjar trabalho na área do telejornalismo, ao contrário do que se pudesse supor.

Tabela 67 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”

	N.º	%
Sim	1	25
Não	3	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006. O cargo de chefia que a jornalista indicou: Editorial (1).

As jornalistas continuam a não ser as preferidas para ocuparem cargos de chefia. Isso é notório nos dados que temos, 75% das profissionais nunca ocupou qualquer cargo de chefia. Apenas 25% já acedeu a esses cargos.

Tabela 68 – “Qual o vínculo profissional?”

	N.º	%
Jornalista do quadro	3	75
Contrato a prazo	1	25
Outra situação	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

A maioria das profissionais, 75%, pertence aos quadros da empresa, registando-se apenas 25% que ainda possui um contrato a prazo.

Tabela 69 – “Encontra-se sindicalizada?”

	N.º	%
Sim	2	50
Não	2	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

A sindicalização parece não ser uma prioridade para estas profissionais, visto que apenas 50% se encontram sindicalizadas e as outras 50% ainda não.

Tabela 70 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	3	75

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006. Nesta questão (1) jornalista não respondeu.

O sindicato não actua de uma forma satisfatória, segundo a maioria destas profissionais 75%. Uma das jornalistas não respondeu à questão.

Tabela 71 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”

	N.º	%
Sim	3	75
Não	1	25

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Destas jornalistas, 75% confirmam que tem vindo a aumentar o número de mulheres nesta área. Somente 25% assim não o entende.

Tabela 72 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”

	N.º	%
Sim	2	50
Não	2	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Quanto ao facto de as mulheres ainda serem discriminadas no telejornalismo, as jornalistas dividiram-se, 50% afirmaram que as mulheres ainda são vítimas dessas discriminações, 50% afirmaram que as mulheres já não são discriminadas.

Tabela 73 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”

	N.º	%
Sim	2	50
Não	2	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas, quando questionadas se já sofreram algum tipo de discriminação por serem mulheres, metade, (50%) das jornalistas afirmaram já terem sentido discriminação em algumas situações.

Tabela 74 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”

	N.º	%
No acesso a cargos de chefia	1	25
Nas tarefas efectuadas	2	50
No salário	2	50
Nas ajudas e compensações	1	25
Na selecção para trabalhos de dimensão relevante	2	50
Outro tipo	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas que já sentiram discriminações por serem mulheres assinalaram mais que um tipo de discriminação sentida:

- Tarefas efectuadas + salários + Selecção para trabalhos de dimensão relevante (1)

- Todos estes tipos de discriminação (1).

Sobre o tipo de discriminação sentida, as jornalistas assinalaram mais do que um tipo. Assim sendo, as mais sentidas, que representam 50% são: nas tarefas efectuadas, no salário, e na selecção para trabalhos de dimensão relevante. Para além destas, ainda foram assinaladas no acesso a cargos de chefia e nas ajudas e compensações.

Tabela 75 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	4	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Na totalidade das jornalistas, 100%, não se sentem satisfeitas com o salário. A remuneração parece continuar a ser um problema na actividade jornalística.

Tabela 76 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”

	N.º	%
Sim	2	50
Não	2	50

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Metade das jornalistas manifestaram que as mulheres ainda são, de alguma forma, discriminadas a nível salarial a outra parte afirmou que não.

Tabela 77 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”

	N.º	%
Curso Superior em qualquer área+estágio jornalístico	2	50
Licenciatura e ou/ bacharelato na área da comunicação social+ estágio jornalístico	2	50
12º Ano + formação profissional específica + estágio jornalístico	0	0
Outra forma de acesso	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados na estação de televisão *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

Relativamente à forma de acesso a esta profissão, metade das jornalistas assinalou que devia de ser através de um curso superior em qualquer área mais estágio jornalístico. A outra metade salienta que o regime de acesso devia de ser efectuado segundo a licenciatura e/ou bacharelato na área da comunicação social mais um estágio jornalístico.

Numa primeira observação do resultado dos dados deste inquérito, e tendo em consideração a maioria das respostas podemos traçar um “retrato” da telejornalistas que desempenham as suas funções nos estúdios portuenses da *TVI*. As suas idades não ultrapassam os 45 anos, o estado civil é diversificado, não têm filhos e os anos de carreiras profissionais são entre 6 a 10 anos. Relativamente às habilitações literárias, possuem o ensino superior completo, na área da comunicação, na Escola Superior de Jornalismo. Em breve, pensam tirar uma pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo. A função que desempenham na estação de televisão é a de repórteres e trabalham em várias secções em simultâneo. Estas telejornalistas não sentiram dificuldades em obter emprego nesta área. Nunca ocuparam nenhum cargo de chefia numa estação de televisão e já fazem parte do quadro da empresa. Uma parte destas jornalistas encontram-se sindicalizadas, contudo não se sentem satisfeitas com a actuação do sindicato. No que diz respeito ao número de mulheres no telejornalismo, que tem vindo a aumentar, todas confirmaram a situação. Quando confrontadas com a questão, se a mulheres ainda são alvo de alguma discriminação nesta profissão, e se já sofreram algum tipo de discriminação, as profissionais dividiram-se. Sentem-se insatisfeitas com o salário. Consideram que o regime de acesso a esta profissão devia de ser através de um curso superior em qualquer área mais estágio jornalístico ou licenciatura e/ou bacharelato na área da comunicação social mais estágio jornalístico.

3.3.4- Resultados Totais

Os resultados globais dos inquéritos entregues a trinta e três jornalistas das estações de televisão da *RTP*, *SIC* e *TVI* encontram-se expostos nas seguintes tabelas:

Tabela 78 – Idade

	N.º	%
Menos de 25 anos	5	15
26 a 35 anos	21	64
36 a 45 anos	6	18
46 a 55 anos	1	3
Mais de 56 anos	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP*, *SIC* e *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

De uma forma geral, as jornalistas, na sua maioria, são relativamente jovens, constatámos que 64% das jornalistas têm entre 26 a 35 anos de idade e 15% tem menos de 25 anos. As jornalistas que têm entre 36 a 45 anos representam 18% do universo jornalístico e apenas 3% têm entre 46 a 55 anos. Mais uma vez podemos verificar que não existem jornalistas com mais de 56 anos, sinal que as jornalistas entraram nesta actividade há pouco tempo.

Tabela 79 – Estado Civil

	N.º	%
Solteira	10	30
Casada / União de facto	20	61
Divorciada / Separada	2	6

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP*, *SIC* e *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006
Das inquiridas: (1) não respondeu.

Ao contrário do que se podia prever relativamente à formação da família, sendo esta uma actividade difícil de conciliar com a família, os dados provam que 61% das jornalistas são casadas, apenas 6% se encontram divorciadas e 30% são solteiras.

Tabela 80 – “O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?”

	N.º	%
Sim	2	100
Não	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP*, *SIC* e *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006
Anteriormente só (2) jornalistas responderam divorciada, daí as duas corresponderem a 100%.

As jornalistas que se encontram divorciadas, a sua totalidade, confirmam que o seu divórcio ocorreu após o ingresso nesta actividade profissional.

Tabela 81 – “A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?”

	N.º	%
Sim	0	0
Não	2	100

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006. Anteriormente só (2) jornalistas responderam divorciada daí só haver (2) nesta tabela que equivale a 100%.

Apesar das jornalistas confirmarem que o seu divórcio ocorreu após o ingresso nesta profissão, a sua totalidade, 100%, dizem que a actividade não teve qualquer influência na separação.

Tabela 82 – “Tem filhos?”

	N.º	%
Sim	13	39
Não	20	61

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

Estes dados podem demonstrar que para estas profissionais não é muito fácil conciliar o papel de mãe e jornalistas, visto que apesar da maioria das jornalistas serem casadas, 61% não têm filhos. Apenas 39% destas profissionais têm filhos.

Tabela 83 – “O facto de ter filhos prejudicou ou prejudica, de alguma forma, na sua carreira profissional?”

	N.º	%
Sim	7	54
Não	6	46

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006. Das jornalistas só (13) têm filhos equivalendo assim a 100%.

Das jornalistas que assinalaram terem filhos, 54% destas confirmam que os filhos prejudicam ou prejudicaram de alguma forma a sua carreira profissional. Ficando assim provado a dificuldade em conciliar as duas partes, actividade profissional e filhos. Destas profissionais com filhos apenas 46% afirmam que os filhos não influenciam a carreira profissional.

Tabela 84 – Anos de Carreira

	N.º	%
Menos de 1 ano	3	9
1 a 5 anos	12	36
6 a 10 anos	9	27
11 a 15 anos	4	12
Mais de 16 anos	4	12

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006. Uma das inquiridas não respondeu a esta questão (1).

Podemos verificar que estas profissionais estão há relativamente pouco tempo nesta profissão, a maioria não ultrapassa os 10 anos de carreira. Verificámos assim que 36% das jornalistas têm entre 1 a 5 anos de carreira, 27% têm entre 6 a 10 anos e 9% têm menos de 1 ano de carreira. Das profissionais que se encontram há mais tempo podemos constatar que 12% têm entre 11 a 15 anos de carreira e 12% têm mais de 16 anos.

Tabela 85 – Habilitações literárias

	N.º	%
Ensino Secundário	0	0
Ensino Superior incompleto	8	24
Ensino Superior completo	21	64
Pós-graduação incompleta	2	6
Pós-graduação completa	3	9

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006
Uma das jornalistas indicou mais do que uma habilitação: Ensino Superior Completo (1) + Pós-graduação incompleta (1).

Na sua totalidade, as jornalistas andaram no ensino superior, sendo que 64% terminaram o curso e 24% ainda não terminaram. Para além do ensino superior, 9% dos jornalistas já têm uma pós-graduação completa e 6% têm uma pós-graduação incompleta.

Tabela 86 – Curso

	N.º	%
Ciências da Comunicação / Comunicação Social	29	88
História / Ciências Históricas	1	3
Direito	1	3
Economia	0	0
Línguas e Literaturas Modernas	0	0
Medicina	0	0
Outro	2	6

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006
As jornalistas que assinalaram outros indicaram terem frequentado o curso de Filosofia (1) e Jornalismo Internacional (1).

Quanto ao curso que frequentaram podemos verificar que 88% das jornalistas frequentaram o curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social. Existe assim uma minoria, que frequentaram outros cursos, 6% frequentaram outros que foram Filosofia e Jornalismo Internacional, 3% andaram em História / Ciências Históricas e 3% em Direito.

Tabela 87 – Instituição de Ensino Superior que frequentou

	N.º	%
Escola Superior de Jornalismo	20	61
Universidade do Porto	2	6
Universidade de Coimbra	0	0
Universidade do Minho	4	12
Universidade Fernando Pessoa	5	15
Universidade Nova de Lisboa	0	0
Universidade Portucalense	0	0
Universidade Católica	0	0
Outra	3	9

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP*, *SIC* e *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006
 As instituições indicadas em outras foram: Universidade Técnica de Lisboa (1); Universidade Clássica de Lisboa (1).
 Uma das inquiridas assinalou mais do que uma instituição referenciado assim a instituição onde realizou a sua pós-graduação:
 Universidade de Leeds – Reino Unido (1)

A maioria das jornalistas andou nas instituições situadas no norte do país. Escola Superior de Jornalismo foi das mais frequentadas com 61% seguidamente temos a Universidade Fernando Pessoa com 15%, a Universidade do Minho com 12% e ainda relativamente ao norte podemos verificar que 6% das profissionais andaram na Universidade de Porto. As outras instituições referenciadas, 9%, foram em Lisboa com a Universidade Técnica de Lisboa e a Universidade Clássica de Lisboa. Uma das profissionais referiu a Universidade de Leeds onde realizou a sua pós-graduação.

Tabela 88 – “Em breve pensa tirar algum curso de pós-graduação ou uma especialização na área de jornalismo?”

	N.º	%
Sim	16	48
Não	17	52

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP*, *SIC* e *TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006.

As jornalistas parecem não querer ficar mal posicionadas no mercado de trabalho daí que uma boa parte, 48% pensam tirar em breve, uma pós-graduação ou uma especialização na área do jornalismo. Mas 52% das jornalistas não têm em mente aprofundar os seus conhecimentos.

Tabela 89 – Função desempenhada na televisão

	N.º	%
Pivot	6	18
Repórter	25	76
Coordenador do jornal	3	9
Realizadora	0	0
Assistente de Realização	3	9
Câmara	0	0
Outra	2	6

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006

Nesta questão algumas inquiridas seleccionaram mais do que uma opção.

- Repórter + Pivot (5);

- Pivot + Coordenadora (1).

Em outras foi indicado Agenda + Pesquisa (2).

Actualmente a maioria das jornalistas desempenham várias funções em simultâneo. Das que mais frequentadas destaca-se a de repórter com 76%, seguidamente a de Pivot com 18% das profissionais a desempenharem esta função. 9% das profissionais trabalham como Coordenadoras do Jornal e 9% trabalham como Assistentes de Realização. E outras que representam 6% das profissionais trabalham na Agenda e Pesquisa.

Tabela 90 – “Se é repórter, em que secção / editorial trabalha?”

	N.º	%
Política	19	58
Sociedade	21	64
Internacional	10	30
Economia	13	39
Desporto	10	30
Cultura	12	36
Regional	11	33
Outra	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006

As jornalistas assinalaram várias secções, assim sendo, do universo das jornalistas:

- Política + Sociedade (2)

- Política + Sociedade + Economia + Cultura + Regional (2)

- Política + Internacional + Economia (2);

- Cultura + Sociedade (1)

- Política + Regional (1)

- Política + Sociedade + Economia + Desporto + Cultura + Regional (1)

- Política + Sociedade + Economia + Desporto + Cultura (1)

- Todas as secções (7)

- Não responderam a esta questão (5) por serem coordenadoras do jornal e Assistentes de Realização.

Podemos constatar que as jornalistas trabalham em várias secções em simultâneo. Assim sendo, as secções, em que grande parte das jornalistas trabalham são: 64% em Sociedade, 58% em Política, 39% em Economia e 36% em Cultura. As secções em que as jornalistas trabalham menos são: 33% Regional, 30% Internacional e 30% Desporto.

Tabela 91 – “Sentiu dificuldade em obter emprego na área do telejornalismo?”

	N.º	%
Sim	9	27
Não	24	73

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

Ao contrário do que se podia pensar, 73% destas profissionais não tiveram dificuldades em arranjar emprego, na área do telejornalismo, apenas 27% sentiram dificuldades.

Tabela 92 – “Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?”

	N.º	%
Sim	11	33
Não	22	67

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006
Os cargos de chefia que as jornalistas indicaram: Editora (5); Coordenadora (5);
Directora de Programas Televisivos (1).

As jornalistas continuam ainda a ter dificuldade em ocupar cargos de chefia, visto que, do universo destas jornalistas, apenas 33% já assumiram um cargo de chefia, e 67% das jornalistas ainda não tiveram a oportunidade de chefiar um cargo.

Tabela 93 – “Qual o vínculo profissional?”

	N.º	%
Jornalista do quadro	27	82
Contrato a prazo	5	15
Outra situação	1	3

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006
Em outros o contrato indicado foi: Contrato a termo incerto (1).

Segundo os dados recolhidos no inquérito verificámos que a maioria das jornalistas, 82%, pertencem aos quadros da empresa. Apenas 15% são jornalistas que têm contratos a prazo e 3% têm um contrato a termo incerto.

Tabela 94 – “Encontra-se sindicalizada?”

	N.º	%
Sim	15	45
Não	18	55

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

Actualmente, a sindicalização parece não ser uma prioridade para as jornalistas, visto que 55% das jornalistas não estão sindicalizadas, e 45% já se sindicalizaram.

Tabela 95 – “Está satisfeita com actuação do sindicato?”

	N.º	%
Sim	14	42
Não	12	36

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP, SIC e TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006. Nesta questão (7) jornalistas não responderam., o que representa 21%.

Apesar das jornalistas não terem como prioridade inscreverem-se no sindicato, estas estão satisfeitas com a sua actuação. 42% estão satisfeitas, 36 % estão insatisfeitas. Contudo, nesta questão, 21% das jornalistas não responderam.

Tabela 96 – “Considera que o número de mulheres no telejornalismo está aumentar?”

	N.º	%
Sim	32	97
Não	1	3

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP, SIC e TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006

Sobre o recente fenómeno das mulheres na entrarem na área do telejornalismo, uma esmagadora maioria 97% confirmou esta situação. Somente 3% das jornalistas não confirmou esta situação.

Tabela 97 – “No telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas?”

	N.º	%
Sim	8	24
Não	25	76

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP, SIC e TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006

As mulheres já ganharam um estatuto nesta área e são respeitadas. As jornalistas quando confrontadas se nesta actividade as mulheres ainda são discriminadas, 76% consideram que esta situação já não acontece. Só 24% confirmaram que em determinadas situações no telejornalismo as mulheres ainda são discriminadas.

Tabela 98 – “Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?”

	N.º	%
Sim	7	21
Não	26	79

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da *RTP, SIC e TVI*, durante o mês de Janeiro de 2006

Das jornalistas inquiridas, 79% nunca sentiram qualquer tipo de discriminação nesta actividade por serem do sexo feminino. Apenas 21% confirmaram já o terem sentido em algumas situações.

Tabela 99 – “Qual o tipo de discriminação sentida?”

	N.º	%
No acesso a cargos de chefia	1	14
Nas tarefas efectuadas	5	71
No salário	3	43
Nas ajudas e compensações	2	29
Na selecção para trabalhos de dimensão relevante	4	57
Outro tipo	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006

As jornalistas que já sentiram discriminações por serem mulheres assinalaram mais que um tipo de discriminação sentida:

- Tarefas efectuadas + salários + Selecção para trabalhos de dimensão relevante (1)

- Todos estes tipos de discriminação (1).

As jornalistas que já se sentiram discriminadas assinalaram mais do que um tipo de discriminação sentida. As situações em que as jornalistas assinalaram mais foram: 71% nas tarefas efectuadas, 57% na selecção para trabalhos de dimensão relevante e 43% no salário. As situações menos assinaladas pelas jornalistas foram: 14% no acesso a cargos de chefia e 29% nas ajudas e compensações.

Tabela 100 – “Sente-se satisfeita com o seu salário?”

	N.º	%
Sim	12	36
Não	21	64

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

A maioria das jornalistas 64% não se sentem bem remuneradas pelo trabalho que efectuam, apenas 36% sentem-se satisfeitas. O salário continua a fazer parte na lista de insatisfações destas profissionais.

Tabela 101 – “Considera que no telejornalismo, as mulheres ainda são discriminadas a nível salarial?”

	N.º	%
Sim	5	15
Não	28	85

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

Esta insatisfação salarial que as jornalistas têm, em nada tem a ver pelo facto de serem mulheres, visto que a 85% das profissionais consideram que no telejornalismo as mulheres já não são discriminadas a nível salarial, só 15% tem uma opinião contrária.

Tabela 102 – “Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?”

	N.º	%
Curso Superior em qualquer área+estagio jornalístico	9	27
Licenciatura e ou/ bacharelato na área da comunicação social+ estagio jornalístico	24	73
12º Ano + formação profissional específica + estágio jornalístico	0	0
Outra forma de acesso	0	0

Fonte: Dados referentes aos inquéritos realizados nas estações de televisão da RTP, SIC e TVI, durante o mês de Janeiro de 2006.

Um curso superior na área da comunicação é cada vez mais importante para ingressar nesta actividade. Relativamente ao regime de acesso ao telejornalismo, a maioria das jornalistas, 73%, consideram que este devia de ser através da licenciatura e/ou bacharelato na área da comunicação social mais estágio jornalístico. Apenas 27% das jornalistas eram da opinião que esse acesso deveria de ser através de curso superior em qualquer área mais estágio jornalístico. Só o 12º ano e formação específica mais estágio já não é o suficiente para ingressarem nesta actividade.

Numa primeira análise dos resultados globais, e tendo em conta a maioria das respostas, podemos verificar que as jornalistas têm entre 26 a 35 anos, são casadas e não têm filhos. Possuem entre 1 a 10 anos de carreira, contêm o ensino superior completo, com o curso de Ciências da Comunicação / Comunicação Social e andaram na Escola Superior de Jornalismo. Em breve, não pensam tirar uma especialização ou uma pós-graduação na área do jornalismo. As funções que desempenham são as de repórter e trabalham em mais do que uma secção / editoria, mas as mais assinaladas são Sociedade e Política. Não sentiram grandes dificuldades em arranjar emprego na área do telejornalismo e não ocupam nem ocuparam cargos de chefia numa estação de televisão. Estas jornalistas pertencem ao quadro da empresa e não se encontram sindicalizadas. Consideram que, hoje em dia, no telejornalismo as mulheres já não são discriminadas e enquanto profissionais nunca sentiram qualquer tipo de discriminação por serem mulheres. Não

se sentem satisfeitas com os salários mas consideram que as mulheres não são discriminadas a nível salarial. No que diz respeito, à forma como se deve ter acesso a profissão, estas consideram que deve ser através da Licenciatura e/ou Bacharelato na área da comunicação social mais estágio jornalístico.

3.4 – Discussão dos Dados Quantitativos

Nas estações de televisão generalistas existentes na cidade do Porto trabalham um total de oitenta e quatro jornalistas, sendo que 45% (trinta e oito) são mulheres e 55% (quarenta e seis) são homens. Na redacção da *RTP* no Porto encontramos um total de cinquenta e oito jornalistas, dos quais 45% (vinte seis) são mulheres e 55% (trinta e dois) são homens. Na estação de televisão da *SIC*, sediada no Porto, verificámos que as mulheres estão em maioria visto que temos um total de quinze jornalistas, sendo que 53% (oito) são mulheres e 47% (sete) são homens. A *TVI* do Porto é a estação de televisão em que as mulheres ainda estão pouco representadas, conta com um total de onze jornalistas, sendo 36% (quatro) mulheres e 64% (sete) são homens.

Idade

Tendo em conta os resultados obtidos nos inquéritos realizados às mulheres telejornalistas das estações de televisão generalistas da cidade do Porto, constatámos que 64% das jornalistas têm entre 26 a 35 anos, 18% têm entre 36 a 45 anos e 15% têm menos de 25 anos (Ver tabela 78). Das três estações de televisão analisadas verificámos que, na *SIC* as profissionais são as mais jovens, 75% das jornalistas têm entre 26 a 35 anos e 12,5% têm menos de 25 anos (Ver tabela 30). A *RTP* tem telejornalistas muito jovens, ou seja, 64% têm entre 26 a 35 anos. Porém, nesta estação, também encontramos profissionais com mais idade, 14% têm entre 36 a 45 anos e 5% têm entre 46 a 55 anos (Ver tabela 5). Na *TVI*, 50%, das profissionais têm entre 36 a 45 anos e 25% têm entre 26 a 35 anos (Ver tabela 53). Segundo os dados recolhidos e porque a entrada das mulheres nesta área é recente não verificámos nenhuma profissional com mais de 56 anos a trabalhar nestas estações de televisão e 79% das profissionais tem menos de 35 anos (Ver tabela 78).

Estado Civil

Na análise dos resultados totais da informação recolhida podemos constatar que a maioria das jornalistas, 61% são casadas, ao contrário do que se podia pensar, por ser

esta uma actividade profissional sem horário fixos, que dificultam a conciliação com a família. Apenas 6% das profissionais estão divorciadas, apesar de terem de dedicar muitas horas a esta actividade e deixarem um pouco de parte a família. Outro factor que a ter em conta é a rejuvenescimento da actividade, daí que 30% ainda sejam solteiras (Ver tabela 79). A RTP é a estação de televisão com maior número de mulheres jornalistas casadas, registando assim 67%. As profissionais solteiras são 28% e as profissionais divorciadas apenas se registaram 5% (Ver tabela 6). As jornalistas confirmam que o divórcio ocorreu após entrarem na actividade (Ver tabela 7), mas dizem que a profissão não teve qualquer influência na separação (Ver tabela 8). A SIC tem também muitas jornalistas casadas 62.5%, um pouco menos que a RTP, contudo as solteiras são 37.5% (é a estação de televisão onde se registaram mais solteira) e não há registo de qualquer divórcio (Ver tabela 31). Na TVI temos um equilíbrio em termos estado civil das jornalistas, visto que 25% são casadas, 25% estão solteiras e 25% estão divorciadas (Ver tabela 54). A separação deu-se após ter entrado para o jornalismo (Ver tabela 55). No entanto, a actividade profissional não teve qualquer influência (Ver tabela 56).

Ter Filhos

Apesar da maioria das jornalistas serem casadas, uma das provas de que formar família nesta actividade é complicado está exposto na quantidade de profissionais sem filhos, que representam 61%, restando apenas 39% tem filhos (Ver tabela 82). Das profissionais com filhos, 54% confirmaram que ter filhos prejudica ou prejudicou de alguma forma a sua actividade profissional, só 46% disseram não ter qualquer influência (Ver tabela 83). A SIC e a TVI são as duas estações de televisão onde se registaram a maior percentagem de jornalistas que não têm filhos, 75%, sendo a percentagem de jornalistas com filhos, nestas duas estações de televisão, muito pequena, apenas 25% (Ver tabela 32 e 57). Na RTP encontramos a maior percentagem de jornalistas com filhos, 48%, e contudo, a maioria das jornalistas, 52%, não tem filhos (Ver tabela 9). Das jornalistas da RTP com filhos, 75% assumem que ter filhos prejudica a carreira profissional (Ver tabela 10). Na TVI, a profissional que tem filhos, 100%, tem uma opinião contrária, consideram que os filhos não afectam a carreira profissional (Ver tabela 58). Na SIC, as opiniões dividem-se relativamente a este assunto (Ver tabela 33).

Anos de Carreira

A entrada das mulheres nesta actividade profissional é um fenómeno recente, daí que a maioria das jornalistas tenha poucos anos de carreira. Verificámos que 36% das jornalistas têm entre 1 a 5 anos, 27% têm 6 a 10 anos e 9% têm menos de 25 anos de carreira profissional. As jornalistas com mais de 16 anos de carreira representam apenas 12% das profissionais e as que têm entre 11 a 15 anos são também 12% (Ver tabela 84). A RTP é a estação onde encontramos jornalistas com menos anos de carreira, 43% têm entre 1 a 5 anos e 10% têm menos de 1 ano de carreira, mas também temos 14% das jornalistas com mais de 16 anos de carreira, 14% que têm entre 11 a 15 anos e 14% têm entre 6 a 10 anos (Ver tabela11). Em comparação com as outras estações a TVI é a estação onde encontramos maior percentagem de jornalistas com mais de 16 anos de carreira, 25%. Porém, a sua maioria não passa dos 10 anos de carreira, 50% têm entre 6 a 10 anos e 25% têm entre 1 a 5 anos (Ver tabela 59). A SIC também tem jornalistas com poucos anos de carreira. As suas profissionais não passam dos 15 anos de carreira, sendo que, 50% têm entre 6 a 10 anos, 25% têm entre 1 a 5 anos e 12.5% têm menos de 1 ano. As restantes têm entre 11 a 15 anos (Ver tabela 34).

Habilitações literárias

A entrada no ensino superior torna-se fundamental para enveredar nesta profissão, uma vez que, todas as jornalistas andaram na universidade e apenas 24% das jornalistas não concluíram o curso superior, sendo que 64% concluíram e 15% já entraram para uma pós-graduação mas apenas 9% já concluíram. A pós-graduação começa assim a ganhar mais “adeptos” (Ver tabela 85). Na RTP temos uma maior percentagem de jornalistas que, para além de terem curso superior, 19% já ingressaram numa pós-graduação, mas apenas 14% já a concluíram. 57% têm o ensino superior completo e apenas 24% ainda não concluíram o ensino superior (Ver tabela12). A SIC, relativamente às outras estações, têm uma grande percentagem, 75%, de jornalistas com o ensino superior completo mas as restantes ainda não concluíram e não temos nenhum registo de jornalistas que entraram para uma pós-graduação (Ver tabela 35). A TVI tem, tal com a SIC, 75% de jornalistas com curso superior completo e 25% ainda não concluíram. Porém, 25% já entrou para uma pós-graduação (Ver tabela 60).

Curso

Frequentar o curso relacionado com a Comunicação no ensino superior é fundamental para seguir jornalismo. Como podemos verificar através dos dados recolhidos, 88% das jornalistas têm um curso de comunicação. As restantes frequentaram outros cursos, tais como História, Direito, Filosofia e Jornalismo Internacional (Ver tabela 86%). A SIC é a estação onde a totalidade das jornalistas, 100%, frequentaram um curso de Comunicação (Ver tabela 36). Seguidamente temos a RTP que tem uma grande percentagem de jornalistas, 86%, que frequentaram curso de Comunicação e as restantes frequentaram os cursos de História, Direito e Jornalismo Internacional (Ver tabela 13). Na TVI, 75% das suas profissionais frequentaram um curso de comunicação e as restantes têm curso de Filosofia (Ver tabela 61).

Instituição de Ensino Superior

A Escola Superior de Jornalismo foi a mais frequentada pelas profissionais que responderam a este inquérito, 61%. Seguidamente, temos a Universidade Fernando Pessoa, que foi frequentada por 15% e temos também a Universidade do Minho onde andaram 12% das jornalistas. As outras instituições referidas foram a Universidade Técnica de Lisboa a Universidade Clássica de Lisboa e a Universidade Leeds no Reino Unido (Ver tabela 87%). Na TVI é onde se registou a maior percentagem de jornalistas, 75%, que frequentaram a Escola Superior de Jornalismo e as restantes frequentaram a Universidade do Porto (Ver tabela 62). Na RTP registou-se uma maior diversidade de universidades que as jornalistas frequentaram, sendo que 62% das jornalistas andaram na Escola Superior de Jornalismo e 24% andaram na Universidade Fernando Pessoa. As restantes andaram na Universidade do Porto, na Universidade do Minho, na Universidade Clássica de Lisboa e uma das jornalistas frequentou a Universidade de Leeds no reino Unido, onde concluiu uma pós-graduação (Ver tabela 14). Na SIC, a instituição frequentada por 50% das jornalistas, não deixa de ser a mesma que a das outras estações, a Escola Superior de Jornalismo e a segunda mais frequentada por 37.5% das profissionais foi a Universidade do Minho. A outra indicada foi a Universidade Técnica de Lisboa (Ver tabela 37).

Especialização ou uma pós-graduação na área do jornalismo

As jornalistas começam a dar mais importância a uma formação académica e à pós-graduação ou uma especialização, daí haver uma grande percentagem de jornalistas, 48%, que pretendem, em breve, tirar uma especialização ou uma pós-graduação na área do jornalismo, apesar de ainda 52% não estar interessada neste aspecto (Ver tabela 88). Na TVI encontramos a maior percentagem, 75%, de jornalistas interessadas em continuarem a formação académica (Ver tabela 63), seguido da RTP com uma percentagem de 52% das profissionais que querem tirar a especialização (Ver tabela 15). A SIC é a estação onde 75% das jornalistas estão menos interessadas em, futuramente, tirarem uma especialização ou uma pós-graduação (Ver tabela 38).

Funções desempenhadas na televisão

As funções onde encontramos uma maior percentagem da presença feminina são: 76% Repórteres e 18% Pivots. Uma particularidade para quem desempenha a função de pivot é o facto de desempenhar também a função de repórter ou coordenadora de jornal. Os outros trabalhos em que temos também a presença de mulheres jornalistas são: 9% Coordenadora do jornal, 9% Assistente de Realização e 6% Agenda e Pesquisa (Ver tabela 89). A SIC e a TVI são as estações de televisão em que as jornalistas são todas repórteres, não tem mais nenhum cargo para além desse (Ver tabela 39 e 64). Na RTP a maior percentagem, 62% das jornalistas são Repórteres e 29% são Pivots. Os pivots desempenham outras funções em paralelo. Das profissionais desta estação 14% são Coordenadoras do Jornal, 14% são Assistentes de Realização e 10% trabalham na Agenda e Pesquisa (Ver tabela 16).

Editorial ou Secção trabalham

Podemos desde já verificar que as jornalistas trabalham em várias editorias em simultâneo. Todas as editorias contam com a presença feminina. Porém, há editorias em que há uma maior presença das jornalistas são elas: Sociedade 64% e Política 58%. As editorias em que a “marca” feminina está menos presente são: Internacional 30% e Desporto 30%. Mas temos ainda 39% das profissionais a marcarem presença na editoria

de Economia, 36% em cultura e 33% em Regional (Ver tabela 90). A SIC é a única estação que tem três editorias em que a totalidade das jornalistas trabalham, são elas Política, Sociedade e Cultura. Para além destas editorias temos ainda Economia Desporto e Regional em que trabalham 87.5% das profissionais. Nesta estação a editoria com menos presença feminina é a Internacional com 63% (Ver tabela 40). A TVI também tem uma editoria em que todas as jornalistas desenvolvem trabalhos é a Internacional. A outra editoria que tem uma forte presença feminina é a Política com 75%. Para além destas editorias, 50% das jornalistas trabalham na Regional, 50% na Cultura e 50% na Economia. Porém, esta é também a única estação em que as mulheres não marcam presença na editoria de Desporto e Internacional (Ver tabela 65). Na RTP as jornalistas estão mais “concentradas” numa editoria, são poucas as jornalistas que trabalham em várias editorias em simultâneo. A maior percentagem das jornalistas trabalha na editoria Sociedade 27%, Política 25%, Internacional 15% e Economia 12%. Nesta estação as jornalistas têm menos presença na editoria de Regional 6%, Cultura 6%, Desporto 9% (Ver tabela 17).

Dificuldades de emprego no telejornalismo

Ao contrário do que se possa pensar, a maioria das jornalistas, 73%, não sentiram dificuldade em obter emprego na área do telejornalismo. As profissionais que assumiram terem sentido dificuldades foram apenas 27% (Ver tabela 91). A SIC foi a única estação em que 50% das jornalistas assumiram terem passado por algumas dificuldades para entrarem na área (Ver tabela 41). As jornalistas da RTP são as que menos dificuldades tiveram para arranjar emprego na área do telejornalismo, apenas 24% assumiram terem passado algumas dificuldades (Ver tabela 18). Todas as profissionais da TVI afirmaram não terem passado qualquer dificuldade na obtenção de emprego nesta área (Ver tabela 66).

Ocupar cargos de Chefia

Relativamente aos cargos de chefia nas estações de televisão, estes são ainda maioritariamente ocupados por homens. A maioria das jornalistas, 67%, nunca ocuparam um cargo de chefia, só apenas 33% já tiveram a oportunidade de ocupar

cargos tais como Editoria, Coordenadora do Jornal e Directora de Programas Televisivos (Ver tabela 92). As jornalistas da TVI são as que menos cargos de chefia já ocuparam, apenas 25% já ocupou um cargo de Editoria (Ver tabela 67). Na SIC também apenas 25% das jornalistas já ocuparam cargos de chefia, que foram Coordenação e Editoria (Ver tabela 42). As jornalistas da RTP, em comparação com as jornalistas das outras estações, são as que mais cargos de chefia já ocuparam ou ocupam, 38%, tais como Coordenadora, Editora e Directora de Programas Televisivos (Ver tabela 19).

Vínculo Profissional

A maioria das jornalistas pertence aos quadros da empresa, Assim, temos 82% de jornalistas de quadro, 15% de jornalistas com contratos a prazo e 3% com contrato de termo inserto (Ver tabela 93). A RTP é a estação onde se registou a maior percentagem, 86%, de mulheres que pertencem aos quadros da empresa e as restantes 14% das jornalistas tem contratos a prazo (Ver tabela 20). A TVI e a SIC são as estações que tem a mesma percentagem de jornalistas que pertencem ao quadro da empresa 75% (Ver tabela 68 e 43). A SIC é a única estação onde a percentagem de 12.5% tem um contrato a termo inserto e as restantes 12.5% tem contrato a prazo (Ver tabela 43). A TVI, em comparação com as outras estações de televisão é onde se regista uma maior percentagem de jornalistas com contrato a prazo 25% (Ver tabela 68).

Sindicalizadas

No que diz respeito a sindicalização das jornalistas, a maioria desta profissionais ainda não se sindicalizaram, apenas 45% das profissionais estão sindicalizadas (Ver tabela 94). As profissionais da SIC registaram a maior percentagem, 75%, de não sindicalizadas as restantes 25% estão sindicalizadas (Ver tabela 44). As profissionais da RTP são as que estão em maior percentagem, 52%, sindicalizadas, apenas 48% ainda não se sindicalizaram (Ver tabela 21). Na TVI temos um equilíbrio, 50% das profissionais estão sindicalizadas e as restantes estão por sindicalizar (Ver tabela 69).

Satisfação com o Sindicato

Uma grande parte das jornalistas está satisfeita com actuação do sindicato. Desta forma podemos verificar que 42% estão satisfeitas e apenas 36% estão insatisfeitas, as restantes jornalistas não responderam a esta questão (Ver tabela 95). As jornalistas da RTP são as que estão em maior percentagem, 57% satisfeitas com actuação do sindicato, apenas 24% estão insatisfeitas e as restantes não responderam (Ver tabela 22). Ao contrário da opinião das jornalistas da RTP estão as da TVI, em que a maioria, 75% estão insatisfeitas com a actuação do sindicato e as restantes não responderam (Ver tabela 70). Na SIC temos 50% das jornalistas insatisfeitas com o sindicato, apenas 25% estão satisfeitas e as restantes não responderam (Ver tabela 45).

Número de mulheres está aumentar no telejornalismo

A entrada das mulheres no jornalismo é um fenómeno recente e neste momento as mulheres estão a aumentar no telejornalismo. Esta situação foi confirmada pelas jornalistas destas estações de televisão. Como podemos verificar, 97% das jornalistas confirmaram este aumento feminino nesta área, apenas 3% tem uma ideia oposta (Ver tabela 96). As profissionais da RTP e da TVI confirmaram na totalidade esta situação (Ver tabela 23 e 46). Na TVI tivemos uma apenas 75% que confirmaram esta situação, e as restantes tem uma opinião oposta (Ver tabela 71).

Discriminação das mulheres no telejornalismo

As maioria das jornalistas consideram que a discriminação das mulheres nesta profissão já faz parte do passado e podemos provar isto através dos percentagens apresentadas, em que 76% das profissionais considera que as jornalistas já não são discriminadas, apenas uma minoria, 24%, considera que sim (Ver tabela 97). As jornalistas da RTP foram as que, em maior percentagem, 86%, afirmaram as mulheres já não são discriminadas, havendo apenas 14% com uma opinião oposta (Ver tabela 24). A SIC foi a estação em que se verificou, a par da RTP, que a maioria das profissionais, 62%, confirmaram que as mulheres não são injustiçadas, somente 38% tem uma opinião contrária (Ver tabela 47%). Na estação de televisão da TVI, ao contrário da opinião da

maioria das profissionais das outras estações, constatámos que 50% destas profissionais consideram que a discriminação feminina ainda hoje é sentida (Ver tabela 72).

Enquanto jornalistas, sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher

As profissionais desta área do jornalismo, na sua maioria, nunca sofreram qualquer tipo de injustiça por serem do sexo feminino. A mulher começa assim a ganhar estatuto e respeito nesta área profissional. Como podemos analisar pelos dados recolhidos, 79% das jornalistas não tiveram qualquer tipo de discriminação por serem mulheres, apenas 21% já foram vítimas de um tratamento desigual por pertencerem ao sexo feminino (Ver tabela 98). Na SIC verificou-se a maior percentagem de jornalistas, 87.5% que foram sempre tratadas da mesma forma relativamente aos homens, só 12.5%, manifestaram o oposto. (Ver tabela 48). Na RTP, as profissionais, também, na sua maioria 81%, nunca sentiram qualquer tipo de discriminação por pertencerem ao sexo feminino, as que sentiram foram apenas 19% (Ver tabela 25). Na TVI 50% das jornalistas já tiveram tratamentos diferentes por pertencerem ao sexo feminino (Ver tabela 73).

Tipo de discriminação sentida pelas jornalistas

Perante as jornalistas que foram vítimas de tratamentos diferentes, a selecção de trabalhos de dimensão relevante, as tarefas executadas e o salário foram algumas das situações mais referenciadas por estas profissionais, para além da referência ao acesso a cargos de chefia e nas ajudas e compensações. As tarefas a executar foi a mais assinalada pelas jornalistas 71%, seguidamente da selecção de trabalhos com dimensão relevante 57%, e o salário 43%. Nas menos indicadas pelas jornalistas temos o acesso aos cargos de chefia 14% e as ajudas e compensações 29%. (Ver tabela 99). Na RTP as jornalistas que sentiram discriminadas assinalaram dois tipos de discriminação nas tarefas efectuadas 50% e na selecção de trabalhos com dimensão relevante 50% (Ver tabela 26). Na SIC a profissional que já se sentiu discriminada assinalou três tipos de discriminação, nas tarefas efectuadas, no salário e nas ajudas e compensações (Ver tabela 49). As profissionais da TVI, foram as que mais se sentiram discriminadas, em comparação com as outras estações de televisão. Estas assinalaram vários tipos de

discriminação, assim podemos destacar 50% nas tarefas efectuadas, 50% no salário e 50% na selecção para trabalhos de dimensão relevante (Ver tabela 74).

Satisfação salarial

O trabalho jornalístico é mal remunerado, ao contrário do que possa parecer, a justificação está na insatisfação generalizada das jornalistas. Podemos verificar que 64% das profissionais não se sentem satisfeitas com o salário, apenas 36% estão satisfeitas (Ver tabela 100). As profissionais da TVI são as mais descontentes, visto que na totalidade 100%, sentem-se insatisfeitas com o vencimento (Ver tabela 75). Nas profissionais da SIC também se verifica uma grande percentagem de jornalistas, 62%, descontentes com o salário e 38% estão satisfeitas (Ver tabela 50). Na RTP verificámos que as jornalistas estão mais satisfeitas com o salário, relativamente as outras profissionais, temos uma percentagem de 43% de satisfação e 57% de insatisfação (Ver tabela 27).

As mulheres são discriminadas a nível salarial

Apesar da insatisfação salarial destas profissionais, esta insatisfação em nada tem a ver com a distinção entre os homens e mulheres. Das jornalistas, 85% confirmaram que as mulheres actualmente na são alvo de discriminações salariais, isto parece fazer parte do passado, apenas 15% teve uma opinião contrária (Ver tabela 101). As profissionais da RTP, na sua totalidade confirmaram esta situação (Ver tabela 28). Na SIC obtivemos também um resultado positivo, 62% das jornalistas afirmaram que a insatisfação salarial não se trata de uma discriminação do sexo feminino, apenas 38% tiveram uma posição contrária (Ver tabela 51). As jornalistas da TVI não partilham da mesma opinião das restantes profissionais e podemos verificar isso através dos resultados. 50% consideram que os baixos salários das jornalistas estão relacionados com a discriminação por serem mulheres, as restantes 50% têm uma opinião contrária (Ver tabela 76).

Regime de acesso ao telejornalismo

Frequentar um curso superior de Ciências da Comunicação / Comunicação Social e realizar um estágio jornalístico torna-se a base essencial para ingressar nesta profissão. Esta é a opinião da maioria das profissionais da área. Como podemos verificar através dos dados, 73% consideram que para entrar nesta profissão é essencial frequentar um curso superior em Comunicação e realizar um estágio nesta área profissional. Apenas 27% defendem que o essencial para entrarem nesta área, devia de ser através um curso superior em qualquer área e realizarem um estágio jornalístico. Possuir o 12º ano e uma formação profissional específica juntamente com um estágio jornalístico não é o suficiente para entrar para esta profissão. (Ver tabela 102). As jornalistas da RTP, 76%, são as que mais defendem, o acesso ao jornalismo através de um curso superior na área da Comunicação e um estágio jornalístico, somente 24% defendem que podia ser com um curso em qualquer área mais um estágio na área do jornalismo (Ver tabela 29). As profissionais da SIC, partilham da mesma opinião das jornalistas da RTP, 75% defendem como essencial o curso superior de comunicação mais um estágio jornalístico, apenas 25% defendem que podia ser um curso superior em qualquer área mais o estágio jornalístico. (Ver tabela 52). As profissionais da TVI, têm uma opinião diferente das outras profissionais, 50% dão importância ao curso de comunicação social enquanto que para as restantes é lhes indiferente o curso superior, sendo apenas importante realizar um estágio jornalístico.

3.5 – Análise das Entrevistas

Começamos previamente por uma breve apresentação das seis telejornalistas que participaram e colaboraram nesta entrevistada: Teresa Pacheco Miranda, Estela Machado, Lúcia Gonçalves, Sara Oliveira, Lúcia Marta e Helena Fonseca.

Teresa Pacheco Miranda entrou na Universidade do Porto em 1975/1976, e licenciou-se em História. Esteve a trabalhar no Museu Romântico da Macieirinha, enquanto trabalhava no museu, tirou um curso de Conservação e Museologia. Após ter saído do museu foi trabalhar para um jornal vespertino, ligado ao *Jornal de Notícias*. Assim, iniciou a sua carreira como repórter. Em 1982, ingressou na RTP, e foi fazer um curso de formação em Lisboa. Algum tempo depois esteve quatro meses numa escola de jornalismo, em Colômbia, no EUA ao abrigo de uma bolsa da Fundação Fullbright.

Estela Machado frequentou o curso de Ciências da Comunicação na Universidade Fernando Pessoa que ainda não concluiu. Esteve a trabalhar na *Rádio Fundação* em Guimarães a fazer um programa de entretenimento, de seguida passou para a *Rádio Felgueiras*. Enquanto estava a frequentar o 4º ano do curso universitário, foi convidada para uma formação na NTV e deixou para segundo plano o curso. A RTP, mais tarde, adquiriu a NTV. Neste momento, desempenha as funções de Pivot e Repórter da RTP.

Lúcia Gonçalves realizou o seu bacharelato em Jornalismo na Escola Superior de Jornalismo no Porto. Começou muito cedo a sua carreira como jornalista, com apenas 17 anos já estava a trabalhar na redacção do “*Primeiro de Janeiro*”. Após terminar o bacharelato foi trabalhar para a *Rádio Nova*, passou para a *Rádio Festival*, só depois, em 1996, ingressou na SIC. Nesta estação desempenha as funções de repórter e também ocupa um cargo de chefia, sendo Coordenadora do Jornal.

Sara Oliveira concluiu em 2005, a sua licenciatura em Comunicação Social na Universidade do Minho. No seu último ano de faculdade realizou o estágio na SIC, em Lisboa. Passado seis meses após ter concluído o seu curso foi chamada pela SIC para

integrar a equipa do novo programa criado para as manhãs da *SIC*. Encontra-se nesta estação de televisão como repórter.

Lígia Marta tem um percurso académico diversificado. Frequentou até ao 3º ano o curso de Direito na Universidade Católica, e fez o 1º ano em Relações Internacionais. Seguidamente, optou por Comunicação Social na Escola Superior de Jornalismo. Já realizou uma pós-graduação em Direito da Comunicação na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e está inscrita num mestrado na Universidade do Minho. Realizou também uma especialização em Espanha sobre técnicas de voz. Encontra-se a trabalhar na *TVI*, há 11 anos e exerce a função de repórter.

Helena Fonseca é licenciada em jornalismo pela Escola Superior de Jornalismo. Enquanto estudava, começou a estagiar no *Portugal Diário*, onde ficou durante sete meses. Após terminar este estágio, por intermédio da faculdade, foi durante três meses estagiar para a *RTP*. No final do estágio dirigiu-se à *TVI* e pediu um estágio, que lhe foi cedido. No final dos quatro meses de estágio acabou por ficar agregada ao *Diário da Manhã* um programa de info-entretenimento. Neste momento, é a repórter mais nova na estação da *TVI* e trabalha na secção de política.

Análise das entrevistas

O jornalismo tem vindo a sofrer grandes alterações com o passar do tempo, em vários níveis. Inicialmente, esta actividade era praticada essencialmente por homens, mas o número de profissionais do sexo feminino tem vindo a aumentar de há 20 anos para cá.

“Quando iniciei a carreira havia apenas mais uma mulher na redacção (...) os homens faziam de facto a maioria aos poucos foram aparecendo mais mulheres (...) sobretudo depois da criação da Escola Superior de Jornalismo”.¹⁹

Segundo a jornalista Sara Oliveira, da *SIC*, um dos motivos que levou esta profissão a ser praticada inicialmente por homens estava na mentalidade existente na sociedade da altura

“(...) as mulheres saíam de casa para uma actividade mais liberal, que implica-se alguma independência, que fossem ficar longe da família, dos filhos e da rotina diária e doméstica já era considerada uma profissão de homens (...)”.²⁰

Do ponto de vista da jornalista Estela Machado, da *RTP*, outro dos motivos que poderia estar por detrás da difícil afirmação das mulheres nesta actividade profissional, era a imagem aventureira associada aos jornalistas (a mulher associa-se a um ser frágil), e o factor demográfico, visto que há mais mulheres do que homens.

As mulheres durante alguns anos travaram uma luta para conseguirem alcançar o lugar que ocupam actualmente, nesta profissão, e provaram que tinham capacidades para exercer a actividade. As mulheres recorreram aos cursos de comunicação no Ensino Superior e se há uns 13 anos atrás as turmas de comunicação tinham um equilíbrio relativamente à presença de alunos do sexo feminino e masculino, como nos relata a jornalista da *TVI* Lígia Marta, neste momento a realidade é outra, como nos descreve a jornalista Sara Oliveira, da *SIC*, que terminou o curso em 2005 “ na minha turma no

¹⁹ Entrevista realizada à jornalista Teresa Pacheco Miranda da RTP, ver apêndice 2.

²⁰ Entrevista realizada à jornalista Sara Oliveira da SIC, ver apêndice 5.

primeiro ano havia 8 rapazes numa turma de 70 pessoas”.²¹ As jornalistas apresentam alguns dos motivos que podem estar por detrás desta presença esmagadora das mulheres nos cursos superiores de comunicação, “(...) o jornalismo é a profissão da moda (...) o próprio curso é mais ligado às letras, à sociologia e acho que isso tem haver com a sensibilidade da mulher”.²²

A maioria das mulheres que entram para os cursos de comunicação têm por objectivo seguir a vertente televisiva, visto sustentarem uma ideia errada do que é a televisão “as pessoas têm uma ideia mítica da televisão, acham que é tudo luzes da ribalta, fama e dinheiro, e não é nada disso”.²³ Segundo a jornalista Lígia Marta, “hoje em dia, 80% das pessoas que aparecem aqui na *TVI*, querem ser pivots, não querem ser um jornalista de cartilha, jornalista de fazer uma notícia de informar as pessoas”.²⁴ Este pode ser um dos motivos que justifique este aumento significativo do número de mulheres nos cursos superior de comunicação e conseqüentemente na área do telejornalismo, e isso já se torna perceptível nas redacções das estações de televisão.

Relativamente aos cursos de comunicação nas universidades, a jornalista Estela Machado considera que estes “(...) estão mal formatados para aquilo que depois é o terreno”²⁵. Para esta jornalista falta aos cursos de comunicação

“(...) cadeiras de cultura geral (...) tais como, História Contemporânea, Geografia, Direito, Economia, esta última é uma área muito específica em que nós temos alguma dificuldade em trabalhar (...)”.²⁶

De há uns anos para cá, saem das universidades uma grande quantidade de licenciados nos cursos de comunicação para um mercado de trabalho, que se encontra saturado, e sem uma solução para este problema. Travam-se assim as luta e aumenta a competição, para encontrar um trabalho na área da comunicação, visto que a procura é maior que a oferta.

²¹ Entrevista realizada à jornalista Sara Oliveira da SIC, ver apêndice 5.

²² Entrevista realizada à jornalista Estela Machado da RTP, ver apêndice 3.

²³ Entrevista realizada à jornalista Lúcia Gonçalves da SIC, ver apêndice 4.

²⁴ Entrevista realizada à jornalista Lígia Marta da TVI, ver apêndice 6.

²⁵ Entrevista realizada à jornalista Estela Machado da RTP, ver apêndice 3.

²⁶ Entrevista realizada à jornalista Estela Machado da RTP, ver apêndice 3.

“Actualmente, ainda é mais difícil aos jovens arranjar emprego, porque os órgãos de comunicação social são os mesmos e, além disso, a maior parte dos jornalistas são relativamente novos e vão demorar muito tempo a reformarem-se”.²⁷

A jornalista Teresa Pacheco Miranda na altura em que ingressou no telejornalismo em 1982, não sentiu dificuldades em entrar na área, visto que naquela altura o jornalismo ainda era muito pouco procurado.

No telejornalismo as jornalistas têm tendência a aumentar, não só por as turmas serem constituídas maioritariamente por mulheres, mas, segundo a opinião das jornalistas entrevistadas, as mulheres também tem entrado no telejornalismo por mérito próprio, tendo em conta que são as que tiram as melhores notas e esforçam-se mais.

As mulheres têm realmente uma sensibilidade diferente da dos homens, no tratamento de notícias de determinadas áreas jornalísticas.

“É a própria sensibilidade da mulher, isso não quer dizer que seja igual para todas as mulheres, porque as mulheres também são diferentes entre elas mas eu noto isso quando são temas que envolvem crianças, menores, temas ligados à família ou temas ligados à saúde, as mulheres dão sempre um toque mais humano nesse tipo de reportagens porque deixam-se envolver mais”.²⁸

A própria jornalista Teresa Pacheco Miranda admitiu ter mais sensibilidade para um determinado tipo de casos, como por exemplo a exclusão social, e as crianças entre outros, não sabe se é por ser mulher ou mãe.

A sensibilidade pode ser positiva para o jornalismo televisivo, como defende a jornalista Sara Oliveira. Porém, quando o jornalista se envolve demasiado numa determinada notícia isto pode ser prejudicial.

²⁷ Entrevista realizada à jornalista Lígia Marta da TVI, ver apêndice 6.

²⁸ Entrevista realizada à jornalista Lúcia Gonçalves da SIC, ver apêndice 4.

A discriminação das mulheres no telejornalismo já faz parte do passado. No entanto, há situações em que as mulheres podem tirar algumas vantagens sem grande relevância, como por exemplo ter acesso a algum tipo de informação mais facilmente.

Há uns anos atrás, era difícil ver, por exemplo, uma jornalista na redacção de desporto, ou a exercer a função de câmara, mas, actualmente, as mulheres começaram a desenvolver trabalhos nas mais diversas áreas e possuir as mais diversas funções.

Esta actividade exige muitos dos seus profissionais, visto que estes têm que ter uma enorme disponibilidade, os horários são irregulares e acaba por ter um ritmo desgastante. Para as profissionais do sexo feminino que já constituíram família torna-se ainda mais difícil conciliar as duas partes, sendo muitas das vezes obrigadas a optar entre a família ou a profissão.

“Portanto, a família é muito penalizada e das duas uma ou nós temos um grande suporte em casa, aquilo que se chama trabalhar em equipa e funciona ou é penalizada a carreira, porque eu não posso estar a meio de um assunto do dia, uma manifestação em que estou a fazer cobertura, e dizer agora tenho de me ir embora, tenho de ir buscar a criança, arranjam alguém que me substitua”.²⁹

No que diz respeito ao fenómeno de feminização da profissão, as jornalistas foram cautelosas e entendem que, realmente, há de facto mais mulheres a exercer jornalismo e que a tendência é aumentarem ainda mais. Estas profissionais não encontram qualquer problema, com esta situação, desde que a actividade continuar a ser exercida com responsabilidade. Porém se no futuro só houver mulheres, acaba por se perder a sensibilidade masculina.

Relativamente ao futuro, o jornalismo vai continuar a sofrer mudanças devido aos novos meios tecnológicos, assim como à globalização da informação. O cidadão comum tem acesso a qualquer tipo de informação nos diversos meios existentes, daí que o papel dos jornalistas terá que sofrer uma alteração para se adaptar. “A profissão vai ter que se reinventar devido aos novos desafios que a tecnologia e o

²⁹ Entrevista realizada à jornalista Lúcia Gonçalves da SIC, ver apêndice 4.

desenvolvimento começam a impor a esta profissão, que é impossível estagnar”.³⁰ A imagem e o mediatismo são outras das preocupações destas estações de televisão, como nos explica a jornalista Estela Machado

“(…) há cada vez mais uma maior aposta na mudança de cenários, optam por determinadas cores, tem um maior cuidado com a imagem e apostam na forma como o pivot deve aparecer na apresentação do telejornal. A própria configuração das reportagens em termos de imagem é cada vez mais cautelosa, há uma preocupação constante em a televisão ser tão mediática como é a rádio”.³¹

Segundo a jornalista Lúcia Gonçalves a par de todas mudanças é exigido ao jornalistas uma maior “(…) formação profissional ética e deontológica porque já aquelas regras que nós temos nos códigos de ética, já não chegam(…)”.³²

Porém, a luta entre as estações de televisão privadas que têm uma perspectiva comercial podem tornar o jornalismo sensacionalista. Outro dos problemas que os jornalistas se vão defrontar é com a liberdade de imprensa, este já foi algumas vezes ameaçado com o segredo das fontes e o direito de informar.

³⁰ Entrevista realizada à jornalista Sara Oliveira da SIC, ver apêndice 5.

³¹ Entrevista realizada à jornalista Estela Machado da RTP, ver apêndice 3.

³² Entrevista realizada à jornalista Lúcia Gonçalves da SIC, ver apêndice 4.

3.6 – Considerações finais sobre o estudo de caso

Este estudo de caso permitiu-nos alcançar com o sucesso o objectivo que tínhamos traçado. Nas redacções das estações de televisão no Porto, verificámos que já existe um equilíbrio entre o número de profissionais do sexo feminino e o sexo masculino. Após a análise dos resultados obtidos nos inquéritos e nas entrevistas realizadas, traçámos um retrato do perfil destas telejornalistas que trabalham nas estações de televisão generalistas portuenses, bem como compreendemos a sua situação e conhecemos os seus motivos relativamente à escolha desta actividade.

Estas profissionais são relativamente jovens, 79% não têm mais de 35 anos, e 72% não têm mais de 10 anos de carreira, podemos assim constatar que a entrada das mulheres nesta actividade é um fenómeno recente. Todas as profissionais frequentaram o ensino superior, a sua maioria em cursos relacionados com a comunicação, na Escola Superior de Jornalismo, no Porto. Esta Escola teve um papel importante na profissionalização feminina. As mulheres entraram com mais afluência na televisão, a partir dos anos 80, consequência da formação nas universidades.

Estas profissionais salientaram a dificuldade que sentem em conseguir conciliar esta actividade profissional com a família, uma das partes acaba por sair prejudicada. A discriminação faz parte do passado, como podemos ver pelos dados recolhidos. No que diz respeito aos cargos de chefia, estas jornalistas ainda sentem algumas dificuldades em aceder a estes cargos que estão entregues na sua maioria a homens.

Apresentamos alguns dos motivos que possam estar por detrás deste aumento gradual das mulheres nesta actividade profissional. As jornalistas explicam-nos a diferença que existe quando uma notícia é tratada por uma mulher ou por um homem, devido à sensibilidade de cada pessoa. Nesta actividade profissional, as mulheres já conquistaram um espaço importante, um respeito e reconhecimentos da capacidade de trabalho nas diversas redacções. Para finalizar, as jornalistas traçaram um possível futuro para o telejornalismo e para os profissionais que trabalham na área.

Conclusão Geral

Conclusão Geral

Os objectivos que delineamos no início foram sendo alcançados ao longo do trabalho. Começamos por compreender os factores que contribuíram para que esta actividade fosse ganhando prestígio, bem com o reconhecimento dos profissionais que a praticam. As associações, juntamente com o ensino superior, tiveram um papel fundamental para que a actividade evoluísse nesta perspectiva. Os códigos deontológicos surgiram para assegurar os direitos e deveres dos jornalistas.

Em Portugal, tivemos um regime político até 1974, que não contribuía para o desenvolvimento da formação jornalística, nem para que as mulheres pudessem entrar nesta actividade. O sexo feminino na altura era vista com inferioridade. A revolução do 25 de Abril de 1974, abriu os horizontes, contribuiu para o desenvolvimento do jornalismo, com o acesso ao ensino superior e com a entrada das mulheres no jornalismo, que era praticado por uma maioria masculina.

O aumento dos cursos superiores de comunicação, bem como o alargamento destes, as universidades privadas permitiu que as mulheres entrassem em grande número no ensino superior. Na década de 80 dá-se o *boom*, com muitos autores referem, de um grande número de mulheres a entrar nas redacções dos meios de comunicação. Nos anos 90, a abertura das televisões privadas impulsionou uma forte entrada das mulheres nestes órgãos. Actualmente, os cursos de jornalismo, são os requisitos mínimos para aceder a esta actividade profissional.

As profissionais que se encontram a trabalhar nas estações de televisão são relativamente jovens, reflexo da sua entrada tardia nesta profissão. Hoje em dia, estas jovens têm uma forte presença nas redacções, e desempenham as mais diversas funções. Após muito trabalho e luta conseguiram conquistar, assim, um espaço e o respeito pelo trabalho que desenvolvem. Traçámos o perfil destas profissionais que trabalham nas estações generalistas portuenses.

Presentemente, os cursos superiores de comunicação contam com uma presença esmagadora de mulheres e, conseqüentemente, aumentam nas redacções. A televisão é

um órgão apetecível às mulheres devido há exposição que se tem, há sensibilidade e mesmo pelo próprio mérito das mulheres, que são melhores no ensino, em regra geral. Para os jornalistas isto não é sinal de uma futura feminização da profissão, estes defendem o equilíbrio que contribui para a qualidade do jornalismo.

O telejornalismo, por se tratar de uma actividade que obriga a uma disponibilidade dos profissionais, por vezes torna-se complicado conciliar esta profissão com a família, e uma das partes acaba por ser prejudicada, como nos relatam várias jornalistas.

Apesar das jornalistas já marcarem uma forte presença nos redacções das estações de televisão, os cargos de chefia continuam a permanecer na mão homens. Foram poucas as jornalistas que confirmaram já terem ocupado um cargo de chefia.

Quanto ao futuro desta profissão, podemos concluir que a contínua evolução dos meios tecnológicos, vai obrigar o trabalho dos jornalistas a sofrer alterações para acompanhar a evolução. O jornalista no futuro terá de ser, cada vez mais, polivalente.

Bibliografia

Bibliografia

- Ferreira, P. (2002). *Mulheres Jornalistas nos Diários Generalistas Portuenses*. Monografia de licenciatura em ciências da comunicação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, Porto, Disponível na respectiva biblioteca.
- Garcia, J. L., Castro, J e Paquete de Oliveira, J. (1994). *Jornalista Português. O que É?*. Lisboa, Sindicato dos Jornalistas.
- Piedrahita, M. (1993). *Jornalismo Moderno – História, perspectivas e tendências rumo ao ano 2000*. Lisboa, Edições Técnicas Plátano.
- Silveirinha, M. J. (2004). *As mulheres e os media*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Sobreira, R. M. (2003). *Os Jornalistas Portugueses. 1933-1974. Uma profissão em construção*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Sousa, J. P. (2000). *Cadernos de Estudos Mediáticos II*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Traquina, N. (2002). *O que é jornalismo*. sl, Quimera.
- Traquina, N. (2004). *A tribo jornalística uma comunidade transnacional*. Lisboa, Notícias editorial.
- Correia, J. (1998). *Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas*. [Em linha]. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-formacao-universitaria-jornalistas.pdf> [Consultado em 23/11/2005].

- Mesquita, M., Ponte, C. (1997). Relatório sobre o ensino e a formação profissional na área do jornalismo. [Em linha]. Disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=mesquita-mario-ponte-cristina-Cursos-Com1.html [Consultado em 23/11/2005].
- Pinto, R. J., Sousa, J.P. (1998). Um retrato sociográfico e socioprofissional dos jornalistas do Porto. [Em linha]. Disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-retrato-jornalistas-porto.html [Consultado em 23/11/2005].
- Sousa, J.P. (2004). Desafios do ensino universitário do jornalismo ao nível da graduação no início de século XXI. [Em linha]. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-desafios-do-jornalismo.pdf> [Consultado em 23/11/2005].
- Subtil, F. (2000). *As mulheres jornalistas*. [Em linha]. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/subtil-filipa-mulheres-jornalistas.pdf> [Consultado em 23/11/2005].

10/08/06

Cheila Cristina Marque Miranda



MONO/2716 (II)
Nº 50847

As Mulheres no Telejornalismo nas Estações de
Televisão Generalistas da Cidade do Porto
Apêndices

Universidade Fernando Pessoa

Porto – 2006

Cheila Cristina Marque Miranda



As Mulheres no Telejornalismo nas Estações de
Televisão Generalistas da Cidade do Porto
Apêndices

Universidade Fernando Pessoa

Porto – 2006



Índice dos apêndices

Apêndices	101
Apêndice 1 – Inquérito	102
Apêndice 2 – Entrevista à jornalista Teresa Pacheco Miranda	110
Apêndice 3 – Entrevistas à jornalista Estela Machado	115
Apêndice 4 – Entrevistas à jornalista Lúcia Gonçalves	122
Apêndice 5 – Entrevistas à jornalista Sara Oliveira	130
Apêndice 6 – Entrevista à jornalista Lúcia Marta	136
Apêndice 7 – Entrevista à jornalista Helena Fonseca	142
Apêndice 8 – Entrevista ao ex-jornalista da RTP Jorge Campos	147
Apêndice 9 – Entrevista à ex-jornalista da RTP Fátima Torres	152

Índice dos apêndices

Apêndices	101
Apêndice 1 – Inquérito	102
Apêndice 2 – Entrevista à jornalista Teresa Pacheco Miranda	110
Apêndice 3 – Entrevistas à jornalista Estela Machado	115
Apêndice 4 – Entrevistas à jornalista Lúcia Gonçalves	122
Apêndice 5 – Entrevistas à jornalista Sara Oliveira	130
Apêndice 6 – Entrevista à jornalista Lúcia Marta	136
Apêndice 7 – Entrevista à jornalista Helena Fonseca	142
Apêndice 8 – Entrevista ao ex-jornalista da RTP Jorge Campos	147
Apêndice 9 – Entrevista à ex-jornalista da RTP Fátima Torres	152

Inquérito

Este inquérito serve de base para a elaboração de uma monografia com o tema “As mulheres no telejornalismo nas estações de televisões da cidade do Porto” e tem como objectivo compreender e conhecer o cenário das mulheres que exercem telejornalismo nas estações generalistas existentes na cidade do Porto: *RTP, SIC e TVI*. Este trabalho faz parte dos requisitos exigidos pela Universidade Fernando Pessoa para obter o grau de licenciatura em Ciências da Comunicação.

Deve colocar um X no correspondente a sua opção. Desde já agradeço a sua colaboração.

1- Idade:

Menos de 25 anos

26 a 35 anos

36 a 45 anos

46 a 55 anos

Mais de 56 anos

2- Estado Civil:

Solteira

Casada / União de facto

Divorciada / Separada

(Se respondeu divorciada / separada na pergunta 2., por favor responda às questões 2.1 e 2.2)

2.1 O divórcio ocorreu após o ingresso no jornalismo?

Sim

Não

2.2- A sua actividade profissional como jornalista foi, de algum modo, um dos motivos do divórcio / separação?

Sim

Não

3- Tem filhos?

Sim

Não

(Se respondeu sim a questão 3, por favor responda também à pergunta 3.1.)

3.1 O facto de ter filhos interferiu ou interfere de alguma forma na sua carreira profissional?

Sim

Não

4- Quantos anos de Carreira tem?

Menos de 1 ano

1 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 15 anos

Mais de 15 anos

5- Habilitações Literárias:

Ensino Secundário

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

Pós-graduação incompleto

Pós-graduação completo

6- Se frequentou ou concluiu um curso superior, por favor indique a área:

Ciências da Comunicação / Comunicação Social

História / Ciências Históricas

Direito

Economia

Línguas e Literaturas Modernas

Medicina

Outro (Qual?) _____

7- Se frequentou um curso de ensino superior, por favor indique a instituição frequentada:

Escola Superior de Jornalismo

Universidade do Porto

Universidade de Coimbra

Universidade do Minho

Universidade Fernando Pessoa

Universidade Nova de Lisboa

Universidade Portucalense

Universidade Católica

Outro (Qual?) _____

8- Em breve, pensa tirar algum curso no ensino superior ou alguma especialização na área do jornalismo?

Sim

Não

9- Que função desempenha na televisão:

Pivot

Repórter

Coordenadora do jornal

Realizadora

Assistente de Realização

Câmara

Outra (Qual?) _____

10- Em que redacção é que trabalha?

Política

Sociedade

Internacional

Economia

Desporto

Cultura

Regional

Outros (Qual?) _____

11- Sentiu dificuldades em obter emprego na área do telejornalismo?

Sim

Não

12- Ocupa ou já ocupou algum cargo de chefia em alguma estação de televisão?

Sim

Não

12.1- Se respondeu sim na questão 12, por favor indique:

Qual? _____

13- Qual é o seu vínculo profissional?

Jornalista do quadro

Contrato a prazo

Outra situação (Qual?) _____

14- Encontra-se sindicalizada?

Sim

Não

15- Está satisfeita com a actuação do sindicato?

Sim

Não

16- Considera que o número de mulheres no telejornalismo está a aumentar?

Sim

Não

17- Sente que nesta profissão as mulheres ainda são muito discriminadas?

Sim

Não

18- Enquanto jornalista, já sofreu algum tipo de discriminação por ser mulher?

Sim

Não

(Se respondeu sim, por favor responda também à pergunta 18.1.)

18.1.- Qual o tipo de discriminação sentida?

- Acesso a cargos de chefia
- Nas tarefas efectuadas
- No salário
- Nas ajudas e compensações
- Na selecção para trabalhos de dimensão relevante
- Outro tipo (Qual?) _____

19- Sente-se satisfeita com o seu salário?

- Sim
- Não

20- Considera que, nesta profissão, as mulheres ainda são alvo de alguma discriminação a nível salarial?

- Sim
- Não

21- Na sua opinião qual deve ser o regime de acesso ao telejornalismo?

- Curso superior em qualquer área + estágio jornalístico
- Licenciatura e/ou bacharelato na área da comunicação social + estágio jornalístico
- 12º Ano + formação profissional específica + estágio jornalístico
- Outra forma de acesso (Qual?) _____

Entrevista à jornalista **Teresa Pacheco Miranda** da estação de televisão RTP, realizada no dia 23 de Fevereiro de 2006.

Podia falar um pouco do seu percurso académico, antes de ter chegado ao jornalismo?

Sou licenciada em História, pela faculdade de letras da Universidade do Porto. Entrei na Universidade em 1975 / 76. Depois da Universidade, tirei um curso de Conservação e Museologia.

Porquê o jornalismo?

Inicialmente, não pensei em jornalismo. Aliás, não havia cursos na área da comunicação social. Depois do curso de História, trabalhei no museu romântico da Macieirinha. Foi nessa altura que fiz a especialização na área da conservação. Mais tarde, surgiu então a oportunidade de trabalhar num jornal vespertino, ligado ao *Jornal de Notícias*. Era um projecto novo e foi aí que iniciei a aprendizagem como repórter. Um ano depois, passei para a RTP. Fiz um curso de formação em Lisboa, mas foi no terreno que me fiz repórter de televisão. Anos mais tarde tive a oportunidade de passar quatro meses numa escola de jornalismo, em Colômbia, Missouri, nos EUA, ao abrigo de uma bolsa da Fundação Fullbright.

Quando entrou para o jornalismo, esta profissão era maioritariamente masculina, isto não se tornou numa barreira, na sua tomada de decisão para enveredar por esta profissão?

Não pensei nisso. Não estava satisfeita com a ideia de ser conservadora de Museu e nem punha a hipótese de concorrer ao ensino. Queria experimentar algo diferente... não me afligia nada com a ideia de trabalhar num meio predominantemente masculino.

Na altura em que iniciou a carreira já sentia que o número de mulheres nesta profissão estava a aumentar?

Na altura em que iniciei a carreira, havia apenas mais uma mulher na redacção no “*Notícias da Tarde*”. Nas restantes redacções, os homens faziam, de facto, a maioria. Aos poucos foram aparecendo mais mulheres. Senti isso já na *RTP* e sobretudo depois da criação da Escola de Jornalismo no Porto.

Onde realizou o seu estágio?

No *Notícias da Tarde* e na *RTP*.

Após realizar o estágio ficou logo na RTP?

Sim... ou antes, como não havia cursos, fiz o estágio, já depois de ser admitida no “*Notícias da Tarde*”.

Foi difícil entrar no mercado de trabalhos?

Não. Na altura, o jornalismo não tinha a procura que tem hoje.

Quando é que iniciou a sua carreira nesta estação de televisão?

Entrei para a *RTP* em 1982.

Que funções começou por desempenhar?

Comecei logo como repórter. Na altura, muitas reportagens ainda eram feitas com suporte de filme. A redacção não tinha computadores, nem Internet. Era muito mais difícil obter informação sobre os vários assuntos. A evolução, ao longo destes vinte e quatro anos, foi incrível!

As mulheres têm uma sensibilidade e uma forma de tratar as notícias, diferente dos homens?

Acho que as mulheres e os homens têm uma sensibilidade diferente mas não sei, até que ponto isso pode fazer a diferença. Fiz muitos trabalhos da editoria de sociedade. Senti sempre que tinha especial sensibilidade para lidar com certos tipo de casos, nomeadamente relacionados com exclusão social, com crianças, etc... não sei se isso se deve ao facto de ser mulher, se ao facto de ser mãe, ou se é apenas uma questão de feitio!

Já teve alguma situação em que se sentiu discriminada ou beneficiada por ser mulher?

Nunca me senti discriminada. Há, no entanto situações em que à partida pode haver vantagens para uns ou outros. Lembro-me de uma reportagem sobre prostituição masculina e infantil... senti que o operador de imagem tinha mais facilidade, em se aproximar e abordar as pessoas em causa. Talvez isso tenha ficado a dever ao facto de ser homem ou apenas, a uma melhor percepção dessa realidade. Trabalhei sempre com reportes de imagem, homens, e sempre, como equipa.

Alguma vez se sentiu arrependida por ter seguido esta profissão?

Não. Como todas as profissões, esta tem altos e baixos, períodos em que nos sentimos no lugar certo e, outros em que vivemos uma enorme frustração. É a vida!!!

Nesta profissão é fácil conciliar o papel de mulher, esposa, mãe e jornalista?

Não é nada fácil. Os horários são irregulares. Há situações em que temos de pesar as coisas e optar. Agora estou no Internacional e as coisas acalmaram...

Hoje em dia assistimos a um predomínio do número de mulheres nos cursos de Comunicação social. Como vê esta situação?

Acho muito bem e até acho natural. As mulheres são, pelo menos na fase académica, mais responsáveis. É natural que consigam facilmente ter médias para entrar nos cursos de comunicação social.

Podemos estar perante uma feminização da profissão, a seu ver quais os motivos que estão por detrás desta feminização?

É uma questão de número e afirmação. Acontece nesta área, como em muitas outras. Quando eu comecei havia poucas jornalistas, mas também havia poucas mulheres na política, nas áreas científicas, na medicina, na polícia, etc... Hoje elas tanto são repórteres de guerra como oficiais do exército, ou ministras... É verdade que continua a ser mais difícil para as mulheres conciliar profissão e família e que muitas preferem não se aventurar muito na carreira. Mas não é a regra. Entre as pessoas que mais admiro na profissão, a maioria são mulheres.

Esta feminização pode trazer algumas consequências para o jornalismo?

Não sei se há feminização, pelo menos com a carga que tem a palavra. Há de facto mais mulheres... e se calhar um respeito diferente dos homens em relação ao trabalho das mulheres. Acho que o jornalismo terá de ser exercido é com responsabilidade, seja por eles ou por elas.

Como vê o futuro desta profissão?

Acho que vamos continuar a assistir a grandes mudanças. Mudanças que se devem às tecnologias, à globalização, a uma informação a que tem acesso não só jornalistas mas o cidadão comum. Todos temos acesso à Internet, aos telemóveis, que registam imagem. Só para dar alguns exemplos... o papel do jornalista terá no futuro de ser diferente, mas penso que não se esgota. Seja homem ou mulher será sempre um pivot importante para compreendermos o mundo a nossa volta.

Entrevista à jornalista **Estela Machado** da estação de televisão RTP, realizada no dia 23 de Março de 2006.

O seu percurso académico...

O meu percurso académico foi normal, entrei para a universidade muito nova, com apenas 17 anos, porque entrei para a escola primária com 5 anos. Já com a ideia de querer ser jornalista, em termos de jornalismo queria aprofundar um pouco mais a vertente que mais gostava, mas a ideia era que a universidade fosse uma ponte de ligação com um órgão de comunicação social para o qual eu queria trabalhar no futuro. Foi quase isso que aconteceu, mas acho que os cursos de comunicação social não estão bem formatados para aquilo que depois é o terreno. No meu quarto ano tive a possibilidade de vir para a *NTV* na altura a *Porto TV*, para começar a minha formação e deixei para segundo plano a parte académica, a parte das disciplinas e do curso, ainda que tentasse acabar algumas cadeiras que me faltavam. Fui para a *NTV* durante meio ano e acabou por ser produtivo e serviu como um estágio, porque estávamos todos no patamar zero e começámos a aprender a fazer jornalismo, o que não aprendemos na universidade.

Porquê o jornalismo?

Desde que me lembro sempre quis ser jornalista e trabalhar na televisão, podia até ser um pouco ilusório na altura. Estive a fazer rádio, porque tinha um amigo numa rádio local, que é a *Rádio Fundação* em Guimarães, e eu fui lá, pedi para fazer uns testes e acabei por ficar lá a trabalhar, a fazer um programa de entretenimento, música, e aos sábados comecei a fazer o resumo dos jogos a nível regional e local. Até vir para a *NTV*, estive sempre ligada às rádios locais, foi a *Rádio Fundação* depois foi a *Rádio de Felgueiras*.

Quais as mudanças que se deviam de fazer nos cursos de Comunicação

Primeiro bases, acho que faltam cadeiras de cultura geral, porque, por mais que sejamos autónomos e leiamos o jornal e livros, falta-nos sempre uma base. Eu por exemplo como queria ser jornalista, no secundário segui o curso tecnológico de comunicação e difusão e como tal, algumas cadeiras como a história, geografia ficaram no 9º ano. O jornalismo também é uma constante procura de informação, nos não sabemos tudo, acho que se calhar somos a profissão em que percebemos de tudo e não percebemos de nada. Nós sabemos falar um pouco de tudo mas, depois na prática não somos especialistas em nenhuma área, a não ser quem tenha cursos de direito ou sociologia, não é o meu caso. Eu acho que os cursos estão mal formatados, porque não tem cadeiras tais como: História Contemporânea, Geografia, Direito, Economia, esta última é uma área muito específica em que nós temos alguma dificuldade em trabalhar, no que diz respeito aos termos técnicos e traduzi-los para uma forma em que as pessoas consigam entender.

No seu curso a maioria era mulheres...

Perfeitamente e então mais recentemente eu estive em Lisboa a trabalhar oito meses e então chegar aquela redacção em Lisboa, na RTP, que é maior que a do Porto, e ver um mar de gente e mulheres com tendência a serem ainda mais novas. Acho que também é perceptível nos próprios cursos, também vemos isso, não sei se tem a ver com a nossa genica ou com a nossa afirmação de mulheres mas eu não sou nada feminista sou mais feminina que feminista, mas compreendo isso. Acho que tem também haver com o próprio curso estar mais ligado às letras e à sociologia e acho que isso também tem um pouco haver com a sensibilidade da mulher.

Porque é que as mulheres demoraram tanto tempo afirmarem se nesta profissão?

Acho que as mulheres não demoraram assim tanto tempo, acho é que o nosso tempo está habituada a uma cultura dos media um bocado retardada em relação à filosofia lá de fora, na Europa e, por exemplo nos EUA, que neste caso andam sempre à frente de nós. Penso que provavelmente porque a figura do jornalista era associado àquela figura de

personagem aventureiro e a mulher tem uma imagem associada à fragilidade. A demografia também pode ser um factor porque há mais mulheres que homens, não sei se tem haver com isso.

Foi aqui na antiga NTV que realizou o seu estágio?

No fundo sim. Na minha altura, na universidade, havia um estágio de uma semana em Rádio, Televisão e Imprensa, só depois de passarmos por esses três estágios é que íamos escolher qual o estágio que queríamos. Eu não tinha dúvidas que queria aprender qualquer coisa mais sobre televisão, mas quando fiz essa semana de estágio em televisão não gostei, porque achei que não ia ser jornalista e ia aprender mais técnica do que outra coisa; foi um preconceito que em nada tinha haver com a realidade. Nessa altura decidi então, já que tinha alguns anos de rádio, aprofundar um pouco mais as técnicas de voz, a escrita entre outras coisas. E fui para rádio até que, passado algum tempo de estar em rádio, chamaram-me para a NTV, na altura Porto TV, para me integrar na equipa de formação.

Quando é que entrou aqui para a RTP?

Estava na NTV que foi comprado pela RTP, que já era accionista e entretanto houve um ponto de transição nós funcionávamos num estúdio aqui ao lado, e como a RTP comprou juntaram as redacções. Foi um período de mudanças para nós, porque éramos todos novos e tínhamos formas de trabalhar diferentes.

Relativamente ao mercado de trabalho...

Não me posso queixar, mas acho que é cada vez mais difícil entrar no mundo do trabalho e cada vez que estou com colegas que ainda não estão colocados e são da minha altura do curso custa-me dizer-lhes para continuarem a tentar outras coisas, sem nunca desistirem do jornalismo. Mas isto não é uma profissão para as pessoas pensarem, trabalhar em televisão ganha-se muito dinheiro, isto é mentira e depois há aquela ideia de que o jornalismo é uma profissão de moda. As pessoas seguem jornalismo, porque está na moda ser jornalista, é giro, é o espírito aventureiro é pouco rotineiro. Eu sugiro

que parem para pensar...se fosse hoje eu não tirava o curso de comunicação social mas, queria ser jornalista na mesma. Porque acho que tinha as mesmas capacidades para fazer o que sei fazer hoje e tirava outro curso que me desse outra susceptibilidade em termos de formação pessoal.

Que funções começou por desempenhar quando chegou a televisão?

Na NTV comecei como repórter, depois fui apresentar os telejornais e a fazer intercalares. Na RTP faço de repórter, faço intercalares de tarde. Quando fui para Lisboa continuei a fazer intercalares e agora faço mais manhas duplas, ou seja, dois pivots um homem e uma mulher, normalmente faço com o meu colega Rui Cerqueira.

As mulheres têm uma forma e uma sensibilidade diferente de abordar as notícias relativamente aos homens?

Eu acho que os homens que vêm para esta profissão já têm que ter alguma sensibilidade, ainda que nós, do ponto de vista social, somos diferentes uns dos outros. Provavelmente, eu posso ter mais sensibilidade que outra pessoa em determinadas áreas, porém posso ter mais perspicácia em economia, sociedade e outras pessoas em desporto. Embora que, há assuntos, por exemplo temos o caso do desporto, que até há pouco tempo não havia tradição de haver mulheres no desporto e actualmente até há mulheres jornalistas de guerra.

Actualmente, no jornalismo as mulheres ainda são beneficiadas ou prejudicadas por serem mulheres?

Não acho. Até porque, se por exemplo pegarmos no exemplo da RTPN, e num dia em que estejamos a fazer zapping, verificamos que há poucas probabilidades de encontrar um rosto masculino, porque há menos homens apresentadores, a redacção é maioritariamente feminina e depois é também a imagem da mulher.

Sente que as mulheres estão a aumentar nesta profissão, podemos estar perante uma feminização da profissão?

A tendência é cada vez mais essa, e verificamos isso também em outros cursos, como é o caso do curso de educadora de infância, há por vezes um homem numa turma.

A feminização é benéfica para a profissão?

Não creio que seja benéfico nem prejudicial. Vamos ver o que é que a tendência dita, mas eu sou apologista de que pode haver mulheres no desporto, homens na política, mulheres na política, acho que a responsabilidade pessoal e o trabalho pessoal e as próprias capacidades que cada um tem e a vocação de cada um é que tem que ser determinante para estar, quer numa profissão, quer numa área específica dessa profissão.

Como vê o futuro do jornalismo?

Isto vai dar muitas voltas e nós notamos até com os nossos próprios sistemas de trabalho aqui na RTP, que ainda há pouco tempo era por cassetes e agora já fazemos tudo por computador, ou seja, chegamos com a cassete metemos no servidor e fica disponível na redacção em todos os computadores e podemos consultar ao mesmo tempo que a imagem está a entrar. Isto está sempre a mudar, vemos cada vez mais estações de televisões por cabo, há cada vez mais uma maior aposta na mudança de cenários, optam por determinadas cores, tem um maior cuidado com a imagem e apostam na forma como o pivot deve aparecer na apresentação do telejornal. A própria configuração das reportagens em termos de imagem é cada vez mais cautelosa, há uma preocupação constante em a televisão ser tão mediática como é a rádio. É por isso que temos canais como a RTPN e a SIC Notícias que são avaliadas por vezes como, radiofónicas porque, por qualquer reacção que possa haver, pega-se no telefone e ligamos alguém e acabam por falar connosco em directo e por telefone isto era típico da rádio. Neste aspecto, já houve aqui um salto, se é positivo ou negativo? Isso depende das situações. Não se deve exagerar, mas há alturas em que mais vale ter do que não ter nada. Há uma tendência para a evolução ser cada vez mais rápida, pudemos ver a evolução dos últimos 20 anos.

Se pegarmos numa cassete do telejornal de há 4 anos atrás e compararmos com actualidade, podemos verificar que é completamente diferente, a própria dinâmica, a aposta no grafismo nos elementos que completam a imagem é muito diferente, ou seja, nós jornalistas temos que estar preparados para as situações.

Entrevista à jornalista **Lúcia Gonçalves** da estação de televisão SIC, realizada no dia 18 de Março de 2006.

Onde realizou o seu curso académico?

Na Escola Superior de Jornalismo do Porto. Bacharelato em Jornalismo.

Quando é que entrou para a SIC?

Faz este ano 10 anos, este ano no mês de Outubro.

Podia falar um pouco do seu percurso académico, antes de ter chegado ao jornalismo?

Andei na escola primária como toda as pessoas, em Gaia. O ensino secundário fiz em Oliveira do Douro, também em Gaia e depois vim aqui para o Porto, para a Escola Superior de Jornalismo. Pelo meio tirei uns cursos de introdução à informática, dactilografia, quando essas coisas eram importantes.

Porquê o jornalismo?

Não sei. Porque a minha professora primária disse um dia numa aula, “o que é que vocês querem muito, um desejo que tenham muito grande, se tiverem, escrevam num papel fechem-no num livro e nunca mais o abram”. E eu na altura escrevi, tinha para aí 7 / 8 anos, (que eu lembro-me querer ser jornalista desde muito cedo), escrevi, quero ser jornalista quando for grande, e portanto o livro nunca mais o abri... é daquelas coisas que não dá para explicar. Nasceu comigo, eu nunca quis ser mais nada. Agora se calhar posso encontrar uma explicação racional, mas na altura como criança não sei explicar porquê! Mas eu lembro-me de ver, quando era miúda, os grandes programas de informação, as entrevista da RTP e os grandes debates. Portanto, não há uma explicação lógica e racional para isso.

Quando iniciou a sua carreira o jornalismo maioritariamente masculino? Isto não se tornou numa barreira, na sua tomada de decisão para enveredar por esta profissão?

Não. Eu tive a sorte de já terem aparecido muitas mulheres anteriores a mim, muitas que se calhar abriram caminho para nós, agora, para a minha geração já ter acesso mais livre à profissão de jornalista. É claro que esta luta durou muitos anos, para nos colocarem na área. Há uns 15 ou 20 anos atrás, por exemplo, não havia muitas mulheres, hoje já há, mas se calhar, ainda há um preconceito e as mulheres podem ir fazer jornalismo desportivo ou fazer de câmara, mas tem que provar mais que os homens que dominam essas matérias. Porque, por exemplo na secção de desporto basta ser homem, porque parte-se do principio que percebe de futebol, porque neste país é só futebol que interessa, não é? Os outros desportos não tem projecção, portanto essas áreas, ditas mais masculinas, as mulheres também já começam a entrar. A esmagadora maioria que produzem Sociedade são mulheres, porque acabam por abordar temas para os quais são mais sensíveis. Há editorias em que elas “encaixam” melhor, e outras em que são mais avessas e que tem que provar mais que dominam as matérias e que são tão capazes como os homens, para estarem a tratar desses assuntos.

Na altura em que tirou o curso já se sentia que o número de número de mulheres nesta profissão estava a aumentar?

Sim, no meu curso a esmagadora maioria já éramos mulheres e mesmo nos anos anterior, também se notava. Não sei porque, mas também foi um curso que desde o surgimento das rádios e principalmente das televisões, entrou na moda. Aliás, a maior parte das pessoas ia para escola de jornalismo, queriam todas ir para televisão ou quase todas. Poucas pensavam em imprensa ou rádio. As pessoas têm uma ideia mítica da televisão, acham que é tudo luzes da ribalta, fama e dinheiro, e não é nada disso, antes pelo contrário se calhar em termos de vida familiar é dos meios mais desgastantes.

Onde realizou o seu estágio?

Eu comecei a trabalhar muito cedo, ainda antes de entrar na Escola Superior de Jornalismo. Comecei a trabalhar aos 17 anos *Primeiro de Janeiro*, pediram colaboradores para uma revista juvenil e eu candidatei-me, e eles disseram que tinham muito gosto em que eu fosse para lá trabalhar, mas que eu era demasiado “velha” para a revista juvenil que era mesmo para miúdas, mas já que eu tinha tanta vontade e achavam que eu tinha capacidades, resolveram pôr-me à experiência na redacção. Fui trabalhar para a redacção com 17 anos, foi uma experiência ótima para mim, porque eu antes de ir para a faculdade tive uma possibilidade, que a maior parte das pessoas não têm, que é antes de ir estudar, experimentar para ver se gostas mesmo. O *Primeiro de Janeiro*, nesse aspecto, foi um grande jornal, apesar das condições de trabalho serem péssimas, o ambiente de trabalho e de camaradagem era excelente. Em termos de condições físicas de espaço de trabalho, os suportes tecnológicos eram maus, mas o ambiente de trabalho era excelente. Mesmo ganhando miseravelmente, também não podia ganhar muito, porque não tinha quase experiência nenhuma, não é? Mesmo assim percebi que era mesmo aquilo que eu queria ser, era mesmo aquilo que eu queria continuar a estudar, portanto nesse aspecto foi muito bom. Quando entrei para a escola de jornalismo, larguei o *Primeiro de Janeiro* para ter mais tempo para me concentrar nos estudos, e no 3º ano a Rádio Nova abriu um concurso e lá na escola de jornalismo, quem quis, candidatou-se, eu candidatei-me e entrei, fiquei lá um ano e pouco na *Rádio Nova*. A rádio entrou em falência vim para a rua, estive assim uns tempos, até que fui trabalhar para a *Rádio Festival* e da *Rádio Festival* vim para a SIC.

Sentiu dificuldades entrar no mercado de trabalhos?

Sim. Mas eu nem me posso queixar muito porque a esmagadora maioria dos meus colegas que fizeram o curso comigo, não estão a exercer a profissão para a qual estudaram e para a qual “enterraram” muito dinheiro, porque era um curso extremamente caro. Aqui no Porto não havia na universidade, no ano em que me candidatei só havia na privada e portanto era um curso muito caro. Nessa perspectiva, não me posso queixar, cheguei a SIC. Mas a concorrência já era grande, porque nós já

éramos muitos alunos e as ofertas de emprego não eram muitas por isso havia de facto já uma grande diferença entre a oferta e a procura.

Quando entrou para a SIC que funções começou por desempenhar?

Comecei por desempenhar as funções de Repórter, actualmente para além de repórter desempenho também funções de Coordenadora, aquilo que nós chamamos aqui, Editora. É um cargo de chefia, não o assumo sozinha, quem esta ainda mais acima de mim, é o coordenador da redacção, o Pedro Cruz. Nós tentamos dividir o horário para “não chegarmos a casa e termos as malas a porta de casa” e também para podermos controlar os vários espaços de informação que nós asseguramos, porque esta redacção trabalha para o Primeiro Jornal, o Jornal da Noite, para a SIC Noticias, para um programa novo, o programa da manhã por isso é que eu estou a levantar-me esta semana às 5 horas da manhã. Portanto, tentamos dividir as tarefas. Quando entrei para cá era como repórter bombeiro, que é o caso do que toda a gente aqui. Nunca tinha feito um jogo de futebol na vida e tive que fazer, porque nós éramos muito poucos repórteres, éramos uns quatro, se não me engano, e portanto nós tínhamos de rodar o mal pelas aldeias, se fosse preciso ir fazer uma peça de economia, ia-se fazer uma peça de economia, se fosse um jogo de futebol era um jogo de futebol, tem as suas vantagens e as suas desvantagens. Porque temos que estar sempre a par de tudo o que domina em termos de agenda informativa noticiosa, na economia, no desporto, na sociedade e na política. Mas é claro que nos não conseguimos estar a par de tudo e portanto acabamos por nunca nos tornarmos *experts* em matéria nenhuma. Actualmente, já somos mais e conseguimos filtrar esse tipo de informação, há aqui jornalistas que dominam mais esta ou aquela matéria, quando eu vim para cá era mais difícil porque a sobrecarga de trabalho era muito grande.

Considera que as mulheres têm uma sensibilidade, uma forma de tratar as noticia, diferente dos homens?

Sim têm. É a própria sensibilidade da mulher, isso não quer dizer que seja igual para todas as mulheres, porque as mulheres também são diferentes entre elas, mas eu noto isso quando são temas que envolvem crianças, menores, temas ligados à família ou

temas ligados à saúde, as mulheres dão sempre um toque mais humano nesse tipo de reportagens porque deixam-se envolver mais.

Já teve alguma situação em que se sentiu discriminada ou beneficiada por ser mulher?

(Pausa) Acho que não. Só o facto de estar a fazer esta pausa para me lembrar, se fui, foi qualquer coisa simples que não dei valor.

Nesta profissão é fácil conciliar o papel de mulher, esposa, mãe e jornalista?

Não é nada fácil, porque lá está, o meu exemplo esta semana, estou a levantar-me às 5 da manhã, e pronto consigo sair daqui a horas mais decentes, entre as 2 e as 4 da tarde. Mas para a semana se calhar já não precisam de mim às 5 da manhã e é importante que eu esteja mais um horário diurno, e se calhar entro às 9 horas e a saiu daqui, às 20 horas. Acabo por ter uma grande irregularidade de horários, não é sempre mas com se costuma dizer “não mata mas moei”, e de facto é. Na semana passada fiz sempre uma média de 10 horas por dia, saia sempre daqui tarde e o marido é que tem que tratar da criança, e essas coisas até eu chegar. Portanto, a família é muito penalizada e das duas uma ou nós temos um grande suporte em casa, aquilo que se chama trabalhar em equipa e funciona, ou é penalizada a carreira, porque eu não posso estar a meio de um assunto do dia, uma manifestação em que eu estou a fazer cobertura, e dizer agora tenho de me ir embora, tenho de ir buscar a criança, arranjam alguém que me substitua. Portanto ou a carreira ao a família acaba por ser muito prejudicada.

Alguma vez se sentiu arrependida por ter seguido esta profissão?

Não, ainda não me senti arrependida, mas já começo e pensar no futuro. Porque é muito cansativo os anos começam a pesar. E eu não sei se por daqui a 10 anos quero continuar. Não quero! Daqui por 10 anos não quero continuar neste ritmo desgastante, porque chego a casa tarde não leio, há meses que não pego num livro para ler. Ou porque estou cansada ou porque não tenho *pachorra*. Quero é chegar a casa e estar um pouco enfrente à televisão antes de dormir. Este ritmo é mesmo muito desgastante e não

é só o meu trabalho que esta em causa, é o trabalho destas pessoas pelas quais eu também me sinto responsável, tenho que responder pelo trabalho delas, e organizar todos os dias uma agenda e o dia-a-dia de uma redacção, não é fácil. Não me sinto arrependida, mas em termos de futuro terei de rever algumas coisas.

Hoje em dia assistimos a um predomínio do número de mulheres nos cursos de Comunicação social. Como vê esta situação?

Vejo bem, desde que seja por mérito próprio. A meu ver, não se pode é cair no erro de atribuir determinados temas só a mulheres ou o oposto, depende dos casos. Se é um tipo de reportagem, que surge, e eu acho que aquele caso precisa de um lado, um olhar mais feminino, porque vai resultar melhor e tenho na redacção mulheres que são boas repórteres, mas não é por ser mulher que a reportagem tem que ser feita por mulheres. O que me preocupa é ver que as universidades não acautelam as saídas profissionais das pessoas que formam, formam-se centenas de jornalistas ou candidatos a jornalistas todos os anos e depois saiam para ao mercado de trabalho e, de facto, não há lugares para tantos licenciados, isso sim é que me preocupa independentemente de serem mulheres ou homens.

Podemos estar perante uma feminização da profissão, a seu ver quais os motivos que estão por detrás desta feminização?

Se forem só mulheres é claro que não é vantajoso, é discriminatório, eu não sou feminista, nessa perspectiva acho que as pessoas devem conseguir pelo valor. Eu acho muito interessante a revista como a “Quo” que é uma revista virada para o universo masculino que é feita por homens, mas que também aí pode ser feita por mulheres. Agora é natural, como é uma revista virada para o mundo masculino é natural que os homens perceberam o que é que os homens gostam mais de ler. Assim como as revistas femininas sejam mais feitas por mulheres. Agora não me choca ver a feminilização da profissão.

Como vê o futuro desta profissão?

É cada vez mais exigente, embora me sinta desactualizada muitas vezes, porque em televisão as novas tecnologias estão constantemente a evoluir e há muitas coisas que eu não domino e a maior parte dos jornalistas também não. Cada vez mais, o jornalismo acaba por desempenhar um papel na história, e de facto nós já não podemos ser meros espectadores, acabamos por ser também intervenientes nem que seja indirectamente, nem que seja por notícias em que expomos uma determinada situação, o jornalista passa de observador a interveniente mesmo que não o queira. A nova ordem mundial a que assistimos do fenómeno do petro-dólar, dessa hegemonia a de as notícias dominadas pelo terrorismo e essa vertente do terrorismo dá que pensar, porque alguns países já tentam, de alguma maneira censurados, e filtrar a informação que eles podem ou não dar. Até que ponto o jornalista, já não sabe ele próprio ser um porta-voz, como as vezes nós dizemos um porta-microfone. Alguns governos e alguns estados quando lhes convêm determinadas matérias, são cada vez mais existente. Acho que exige muito mais formação profissional ética e deontológica porque já aquelas regras que nós temos nos códigos de ética, já não chegam, tem muito também a ver com a formação moral de cada um de nós e exige muito mais actualização diária e permanente sobre a informação que corre todos os dias na Internet e nos jornais. Nós estamos permanentemente a ficar desactualizados, ou melhor nós nunca estamos actualizados, a verdade é essa. Vou confessar que esta manhã, acabei o programa, e vim para aqui preparar o programa do dia seguinte e ver outras propostas de reportagens para fazermos e apesar de ter acesso aos telejornais como sou da área, não vi nenhum telejornal. O que é uma vergonha, mas a verdade é essa. É que as vezes estamos tão absorvidos em tratar de não sei quantas coisas, atender telefonemas, ver faxes que chegam, cartas, falar com um colega por causa de uma reportagem, receber alguém que vem cá explicar um caso, quando vamos ver já está o telejornal a dar a meia hora, às vezes acontece.

Entrevista à jornalista **Sara Oliveira** da estação de televisão SIC, realizada no dia 18 de Março de 2006.

Podia falar um pouco do seu percurso académico, antes de ter chegado ao jornalismo?

Foi um percurso académico normal, eu tive alguma dificuldade em escolher o curso, porque, apesar de sempre querer ser jornalista durante os meus primeiros anos em que comecei a pensar nisso. Também gostava de seguir outras coisas, mas acabei por optar por Comunicação Social, entrei na universidade que tinha escolhido e depois nesses 5 anos de licenciatura a única decisão difícil foi escolher, se imprensa, se televisão. Escolhi televisão apenas para experimentar, porque já conhecia a imprensa. E já que a universidade permitia experimentar televisão aproveitei a oportunidade.

Porquê o jornalismo?

Bem, o meu pai é jornalista de rádio desde que me conheço, e as pessoas dizem, “és jornalista porque o teu pai também é”, mas o meu pai sempre me incentivou a não ser jornalista. Mas eu sempre tive uma relação muito próxima com notícias por causa do meu pai. Ele ouvia todas as manhãs na rádio as notícias do dia, enquanto eu estava a tomar o pequeno-almoço ele ouvia as notícias na *TSF* e noutras rádios. Aprendi a depender de informação, considero-me dependente da informação, não consigo ir passar férias e deixar os jornais. É impossível. Consigo deixar o telemóvel e a televisão, mas não consigo deixar os jornais. E acho que essa dependência de informação é que me fez escolher o jornalismo, para além de uma grande paixão pela escrita, gosto muito de escrever, para além de fazer reportagens. Mas a minha primeira paixão é imprensa, não é tanto, televisão.

As mulheres marcam uma forte presença nesta profissão?

Sim, há muitos meios de comunicação social que estão cheios de mulheres. Na minha turma, no primeiro ano, havia 8 rapazes numa turma de 70 pessoas. Éramos 62 mulheres. Acho que tem mais a ver por ser um curso de letras, e nas letras por tradição,

há mais mulheres, nas letras, ciências humanas e sociais e mas nunca prestei muita atenção a isso. Mas é um facto, mas por outro lado chegamos as redacções e não se nota essa diferença, eu creio que na SIC, quer no Porto como em Lisboa, somos mais ao menos ela por ela, há tantas mulheres como homens. É interessante pensarmos nisso, porque é que as turmas estão cheias de mulheres e depois chegamos aos locais de trabalho e temos mais ao menos a mesma coisa. Não teremos mais homens, creio que não, mas temos as coisas mais distribuídas.

A seu ver, qual era a justificação para esta profissão antes ser maioritariamente masculina?

Nessa altura, qualquer profissão feita fora de casa era considerada masculina, as mulheres saíam de casa para uma actividade mais liberal, que implica-se alguma independência, que fossem ficar longe da família, dos filhos e da rotina diária e doméstica já era considerada uma profissão de homem, até que as mulheres começaram a pensar que também podiam ser jornalistas. Acho que as coisas começaram a mudar por aí. As mulheres conseguiram ganhar o seu espaço e, em termos de televisão, o público cria mais empatia com uma cara feminina do que com uma cara masculina, mas também há excepções.

Onde e quando realizou o seu estágio?

Foi entre Fevereiro e Julho de 2005 na *SIC Noticias* em Lisboa.

Foi difícil entrar no mercado de trabalhos?

O meu estágio acabou no dia 21 de Julho de 2005. Decidi fazer umas férias, para descansar. Mas de Setembro até Dezembro, altura em que fui contratada pela SIC, nesses quatro meses mandei currículos para todo o lado, para todos os órgãos, grandes meios e pequenos meios, e nem um entrevista consegui. Portanto, foram assim uns quatro meses complicados, mas depois, como o estágio me tinha corrido bem acabaram por me chamar. Portanto, considero-me uma excepção porque tenho muitos colegas que ainda estão à procura, ainda estão na saga dos currículos, é a saga pela qual todos os

recém-licenciados passam. Eu acredito na teoria dos 6 meses que é, em 6 meses não vai acontecer nada depois desse tempo começa acontecer. Eu não sei se é bem assim, mas comigo foram 6 meses, desde que terminei o curso até arranjar emprego, espero que para as outras pessoas também seja só 6 meses, mas tenho algumas dúvidas. Tenho muitos colegas meus no desemprego ou a fazer coisas que ao têm a ver com a área.

Quando é que iniciou a sua carreira nesta estação de televisão?

O meu contrato é de 9 de Janeiro de 2006, mas comecei a trabalhar e a preparar o programa da manhã antes, em Dezembro. É um programa novo de informação da SIC que começou agora em Março, mas nos começamos a fazer trabalhos de planeamento e peças de reserva.

Que funções começou por desempenhar?

Estas que desempenho agora, enquanto o programa não estava no ar começamos a fazer peças para ir guardando, o programa tem a componente de actualidade com as notícias do dia mas também tem uma componente de planeamento com peças interessantes, que normalmente não cabem no jornal da noite ou no primeiro jornal. Nós vamos fazendo e depois vamos lançando ao longo das emissões. Portanto, o meu trabalho é de jornalista Marcava os serviços safa com o câmara, chegava cá montava as peças e deixavas prontas. Agora que o programa começou tem os directos. Desde a semana passada que comecei a fazer directos de manhã durante o programa e depois como isto é uma delegação e faz-se de tudo, até porque para o programa da manhã os outros jornalistas também trabalham, também pode acontecer ir fazer um peça que não é para o programa da manhã e que é para o resto da informação da SIC ou SIC Noticias. Não há uma definição, trabalha-se para a SIC.

Considera que as mulheres têm uma sensibilidade, uma forma de tratar as noticia, diferente dos homens?

Eu acho que têm uma sensibilidade diferente, mas isso não quer dizer que seja melhor ou pior. Aliás acho que tem algumas vantagens, quando no inquérito e escolhia que uma

pessoa devia ter um estágio profissional e vir de qualquer área profissional tem haver um pouco também com isso. O jornalismo vive várias sensibilidades e vive também do facto de podermos ter um biólogo que decidiu ser jornalista. Aqui na SIC, por exemplo, temos o Luís Loureiro, que é engenheiro químico, e decidiu ser jornalista e é um ótimo jornalista, mas que tem uma sensibilidade diferente para determinados assuntos. Por exemplo, para as questões do Direito e da Justiça se calhar dá mais jeito alguém que tenha uma formação mais específica em direito, isto também se aplica ao sexo. Se calhar, uma mulher faz com outra subtilidade uma peça sobre crianças, e o homem fará com outra subtilidade uma peça sobre futebol ou qualquer coisa assim do género. Acho que a sensibilidade é muito interessante e muito boa para o jornalismo televisivo.

Já teve alguma situação em que se sentiu discriminada ou beneficiada por ser mulher?

Nem uma coisa nem outra. Às vezes acontece, não tanto dentro do local de trabalho, uma cara feminina com uma palavra mais importada, consegue aquela informação. Lembro-me uma vez na SIC Notícias, durante as madrugadas em que nós soubemos que decorria um assalto em Lisboa na zona de Calvário, eu liguei para a PSP local, eles não podiam dar informação, tinham que esperar pelas relações públicas mas eu sei que falei com um agente, e nem lhe disse nada de especial, ele acabou por me dizer tudo. Às vezes se calhar por aí, há alguma diferença.

Apesar de estar ainda há pouco tempo nesta actividade, alguma vez se sentiu arrependida por ter seguido esta profissão?

Acho que todos nós temos momentos em que achamos que se calhar não é isto. E eu tenho apenas uns meses de carreira e neste momento confesso que já me passou pela cabeça que se calhar não é isto! Mas, por outro lado, as mesmas coisas que nos fazem pensar às vezes, não é isto, são as mesmas que nos fazem ver que é isto mesmo. E portanto eu acho que ao longo da carreira eu vou ter vários momentos desses. Tendo este tipo de picos, de altos e baixos, também vamos incluindo os nossos objectivos e ultrapassando os obstáculos e acaba por ser uma boa maneira de progredir na carreira e no modo de ser jornalista.

É fácil conciliar a actividade profissional com a família?

Não, é complicado. Mas também temos que perceber que no meu caso para já é muito complicado, porque eu tenho que *dar o litro*, tenho que estar sempre disponível, mas eu acho que ao longo da carreira se vai conseguindo construir algumas certezas, que é poder definir melhor as coisas, apesar da incerteza desta profissão. Na SIC, em Lisboa, há horários mais ou menos definidos, as pessoas sabem que numa semana vão estar a trabalhar naquele horário e na semana seguinte vão estar a trabalhar num horário diferente. Por exemplo, o meu pai é jornalista e a minha mãe é funcionária pública, são as profissões mais opostas que pode haver e estão casados há 31 anos e são felizes, acho que as dificuldades vão se ultrapassando, as coisas certas no sitio certo é possível fazer tudo.

Como vê o futuro desta profissão?

Numa altura em que a tecnologia começa a permitir às pessoas escolherem os programas que querem ver através da televisão interactiva, já transportamos rádio em pequenos aparelhos, portanto eu acho que a profissão vai ter que se reinventar para que as pessoas continuem a precisar dos jornalistas para lhes contarem histórias. Porque agora para contar história não é preciso muito, as pessoas acedem a Internet, vêm aqui e ali, há cursos que já podem ser feitos de uma forma mais automatizada. A profissão vai ter que se reinventar, devido aos novos desafios que a tecnologia e o desenvolvimento começam a impor a esta profissão, que é impossível estagnar.

Por haver só mulheres a profissão não pode sair prejudicada?

Não de todo. Se isso acontecer perdesse aquela homogeneidade por sermos tantas mulheres como homens aquele equilíbrio, aquela sensibilidade masculina, que faz falta. Nesta perspectiva prejudica um bocadinho, agora não parece que seja dramático, até porque eu acho que não vamos ficar só mulheres jornalistas haverá sempre homens.

Entrevista à jornalista **Lígia Marta** da estação de televisão TVI, realizada no dia 7 de Abril de 2006.

O seu percurso académico, antes de ter chegar ao jornalismo?

As minhas habilitações são mais vastas que o jornalismo. A minha base académica principal foi o Direito, andei no liceu e fiz o percurso normal para ir para Direito, na altura era Humanidades alínea B. Entrei para a Universidade Católica para o ano Zero, estive lá alguns anos. Quando ia para o terceiro ano de Direito, descobri que não era o que eu gostava de fazer. Experimentei um ano de Relações Internacionais e optei por Comunicação Social na Escola Superior de Jornalismo. Eu desde que vim para a TVI ainda não parei de estudar, e não é só as conferências a que vou, inscrevi-me num mestrado no Minho, fiz uma pós-graduação em Direito da Comunicação na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e fiz umas especializações em Barcelona sobre técnicas de voz, gosto de me manter informada.

Porquê o jornalismo?

Eu já gostava desde criança e tinha o sonho em ser jornalista, mas acabou um pouco por ficar em latência e nunca era demonstrada por vários motivos, primeiro porque por imposição familiar era suposto seguir Direito e em segundo porque eu achava que tirando o curso de Direito no fim podia ser jornalista. Eu achava que o jornalismo era uma profissão muito digna, muito nobre, que estava a cumprir uma função muito importante para a sociedade, dar a conhecer o que se passava no mundo e tinha dois ou três ídolos do jornalismo. Além disso, eu achava que no jornalismo, ao mesmo tempo que se estava a exercer uma profissão nobre, a informar os outros do que se passava, estava também a formar-me um pouco, todos os dias se aprende. Todos os dias, conhecemos pessoas diferentes, seja um ministro, um filósofo, um médico, ou uma vítima, assim acabamos por nos tornarmos pessoas mais ricas a nível cultura como a nível humano.

Quando entrou para o jornalismo a profissão ainda era maioritariamente masculina ou já se via muitas mulheres nesta profissão?

Quando eu entrei já havia algumas mulheres. Eu fiz estágio e mantive-me na TVI e já havia muitas mulheres nas televisões. Nos outros órgãos de comunicação não, eram mais homens do que mulheres. Se calhar, por causa da imagem, havia mais mulheres nos meios de comunicação audiovisuais do que propriamente nos outros.

Quando tirou o curso havia mais homens ou mulheres na sua turma?

No meu tempo havia um equilíbrio éramos meio por meio, agora parece-me que é só mulheres.

Foi difícil entrar no mercado de trabalhos?

A minha situação é um pouco especial, acabo por não ser a jornalista tipo que possa dizer como chegou à profissão. Na TVI e na SIC não há concursos públicos para entrar, pelo menos na minha altura, não havia. As pessoas chegavam à televisão por convite, porque já conheciam alguém ou então por estágios curriculares. Eu senti que tinha necessidade de fazer um estágio e tive alguém com conhecimentos que me proporcionou o facto de poder chegar à TVI e fazer um estágio. Fiz um estágio, um prolongamento de um estágio e acabei por ficar aqui como jornalista. Era difícil entrar para o jornalismo, claro que era, quando eu comecei há 11 anos. Hoje acredito que seja muito mais difícil, mas na altura que eu comecei também havia um sem número de órgãos de comunicação que estavam a aparecer, já se falava em canais de tv cabo. Abriram também alguns jornais, havia algum mercado. Os jornalistas do jornal Público vieram mexer um pouco com a situação e os jornalistas começaram a ganhar melhor. Era difícil, se pensarmos que não havia concursos públicos e apesar de haver lugares, as pessoas que exerciam jornalismo não eram tão velhas assim para se reformarem, é o que acontece hoje. Actualmente, ainda é mais difícil os jovens arranjar emprego, porque os órgãos de comunicação social são os mesmos, e além disso, a maior parte dos jornalistas são relativamente novos e vão demorar muito tempo a reformarem-se.

Quando entrou para a TVI que funções começou por desempenhar?

Entrei como estagiária e vim aprender a profissão na prática. Estive muitas horas ao telefone a fazer rondas para saber se havia notícias, atender telefonemas de pessoas que ligavam para cá a expor casos, estive a introduzir dados na agenda, fazer arquivo, recolhia documentação de jornais e depois comecei a fazer notícias. O estágio na TVI dá-nos uma impressão muito real do que nós vamos encontrar no mundo do trabalho, eu aprendi com os meus colegas que me acarinhavam e ajudavam muito e explicavam com é que as coisas funcionavam, deram-me a oportunidade de, passado um tempo, começar a fazer reportagens e de fazer um grande tipo de coisas.

É difícil conciliar esta actividade profissional com a família?

Depende como se encara a profissão e como se encara a família. Hoje em dia, em todas as profissões é se exigido muito, mas há lugar para tudo. Uma pessoa só é um bom profissional se estiver bem na vida sentimental e familiar e o oposto. Agora, é verdade que esta é uma profissão que ocupa muito tempo, é preciso ter uma disponibilidade, não se vive só o que seja contratual, porque eu posso ser contratada para trabalhar determinadas horas por dia, mas se acontece qualquer coisa, o primeiro impulso que tenho é correr para o local onde está a notícia, mesmo que eu esteja em casa com a família, e a minha família sabe isso.

Hoje em dia assistimos a um predomínio do número de mulheres nos telejornalismo. Como vê esta situação? Podemos estar perante uma feminização da profissão?

O que eu acho que acontece hoje em dia é que as pessoas chegam por mérito, por serem as melhores no geral, porque hoje em dia quem tem o melhor emprego é o melhor aluno. É natural que haja mais mulheres, porque geralmente elas são alunas com melhores notas, em maior número, mais dedicadas e esforçam-se. Se esse for o critério de admissão, muito bem. Há muito mais caras femininas, mas acho que é por serem mais nos cursos de comunicação e por serem melhores. Eu vejo isso pelos estagiários

que chegam aqui. Nós temos em permanência sempre três estagiários e é raro encontrar um rapaz, são estágios curriculares e o critério de selecção são as notas.

Há muito poucas mulheres a ocupar cargos de chefia a seu ver qual é a explicação para esta situação?

Eu estou numa televisão que tem uma directora de informação – Manuela Moura Guedes. Há mulheres em cargos de chefia que competem com homens. Se calhar, é porque as pessoas que têm idade para ocupar cargos de chefia na altura haviam mais homens do que mulheres. Espero que daqui a uns anos, pela ordem natural das coisas, sejam mais mulheres do que homens.

Como é que vê o futuro desta profissão o telejornalismo?

Eu quero acreditar que esta profissão tenha um bom futuro, que evolua no bom sentido de cumprir a sua função, que é informar bem as pessoas e as manter em contacto com a realidade. Hoje em dia, a realidade também mudou, porque a informação está ao alcance de todos, mas nos não deixamos de ser os intermediários privilegiados das pessoas que estão em casa a ver televisão, que tem acesso à Internet, mas que se calhar eu serei a moderadora, por técnica e formação, fundamental para que tenham a percepção mais informada do que é a realidade. Mas eu acho que as pessoas hoje em dia chegam ao jornalismo por muitos motivos pelos quais não devem chegar, não é por cumprirem essa nobre tarefa constitucionalmente consagrada de informar, é por outras coisas mais fúteis, o aparecer. Hoje em dia, 80% das pessoas que aparecem aqui na TVI, querem ser pivots, não querem ser um jornalista de cartilha, jornalista de fazer uma notícia de informar as pessoas. Eu não gosto de aparecer, porque eu acho que um jornalista só deve fazer um vivo quando é necessário e só é necessário quando as coisas não falam por si, há muitos critérios, não apareço só por aparecer, a protagonista não sou eu. Mas muitas das pessoas que vem para o jornalismo pretendem ser protagonistas e muitas vezes chegam a editores, que são aqueles editores que dizem aos jornalistas para se meterem à frente dos incêndios. As pessoas têm que estar abertas aprender, não podem pensar que são vedetas. Temos que ter também um sentido crítico, querer aprender e ser humildes.

Entrevista à jornalista **Helena Fonseca** da estação de televisão TVI, realizada no dia 7 de Março de 2006.

O percurso académico...

Fiz o secundário no agrupamento 4 – Humanidades. Não era nada prático, era muito teórico, não era nada daquilo que estava à espera. Mas na altura havia um preconceito contra os cursos mais tecnológicos, mais profissionais e optei pelo carácter geral. Depois fui tirar a licenciatura em Comunicação Social na Escola Superior de Jornalismo, não havia ainda ensino público e o meu recurso na altura foi a Escola Superior de Jornalismo. Aquela que me pareceu com mais qualidade no curso. Estive lá quatro anos. No segundo ano comecei a estagiar, eu sentia falta da vertente prática, era muito importante, para começar a desenhar alguma coisa na minha carreira e optei por começar a estagiar no Portugal Diário, que estava alojado o IOL. Estagiei durante sete meses no Portugal Diário, saí quando realmente a escola começou a ser uma prioridade, na altura no 3º ano de especialização, porque tive a noção que era importante ter muito boa nota a televisão, neste caso era a minha especialização, para conseguir um estágio numa televisão angariado pela faculdade e fui para a RTP. Estagiei lá três meses, sem qualquer hipótese de ficar, no fim desses três meses vim à TVI, entreguei o curriculum e comecei aqui a estagiar. Estagiei durante quatro meses e acabei por ficar.

Porquê o jornalismo?

Em relação a minha vida profissional tive sempre duas paixões, que foi a medicina veterinária e o jornalismo. Como eu nunca me senti capaz de fazer um curso de ciências, porque nunca gostei de estudar ciências, descobri o jornalismo no 7º ano, muito incentivada pelo meu professor de português que me dava muitos trabalhos práticos para fazer e decidi que queria ser jornalista. Não era uma ideia muito vincada na altura, mas foi sendo ao longo do tempo.

Na altura em que tirou o curso já se sentia que o número de número de mulheres nesta profissão estava a aumentar?

Sentia-se. Eu acho que já se sentia muito, até por aquilo que se via na televisão, cada vez mais repórteres apareciam no feminino, mas penso que havia muitos, muitos homens, mas isso é normal. E seria normal, mais cedo ou mais tarde, especialmente na televisão, mas na faculdade isso já era regra, eram quase só mulheres.

Foi difícil entrar no mercado de trabalhos?

Eu sentia a dificuldade normal de qualquer recém-licenciado. Mas acho que fui uma privilegiada, porque, embora tivesse feito três estágios, no Portugal Diário, na RTP e na TVI, não cheguei àquela altura de desespero, ou seja, as coisas foram acontecendo e a oportunidade chegou.

Que funções começou por desempenhar?

O primeiro trabalho que eu tive a sério foi aqui na TVI. Comecei por apresentar uma rubrica que era “os cafés da manhã”, do “diário da manhã”. Era uma rubrica de informação e entretenimento, se calhar mais entretenimento, mas não era nada daquilo que eu estava à espera, mesmo nos directos mais informais, no início, não gostava de me rir, estudei muito para informação, estava muito direccionada para a informação. Para mim era impensável sorrir, no começo foi um desafio. Fui uma semana para Lisboa, para começar a descontrair enfrente à câmara, para começar a ficar mais informal.

Considera que as mulheres têm uma sensibilidade, uma forma de tratar as notícias, diferente dos homens?

Quando o jornalista se envolve de mais em determinadas notícias, efectivamente, é prejudicial. E penso que haverá mais tendência para acontecer com mais mulheres, até pelo instinto maternal da mulher.

Já teve alguma situação em que se sentiu discriminada ou beneficiada por ser mulher?

Nunca senti nas pessoas que estão à minha volta isso e a tendência é para isso desaparecer completamente. Beneficiada por ser mulher talvez tivesse acontecido, mas em muito pequenas coisas, quando estamos com um colega de outra televisão, por exemplo, e ele permite que seja eu a começar a entrevista. Mas isto não condiciona o trabalho nem de um nem de outro.

Num futuro quando formar família, esta profissão é difícil conciliar o papel de mulher, esposa, mãe e jornalista?

Sim. Eu neste momento tenho um horário mais ao menos fixo, apesar de muitas vezes não o cumprir a benefício da empresa. Mas, neste momento sou uma privilegiada por isso, porque entro às 7 horas e saio às 14 horas. Se tivesse agora filhos daria perfeitamente para controlar a situação. Agora, de uma forma geral, os jornalistas não têm horário, às vezes há horários, mas que nem sempre são cumpridos, por necessidade do trabalho. É muito difícil para uma jornalista, que tem sempre mais tarefas a cumprir em casa, tem muito mais responsabilidades com os filhos, é muito complicado.

Hoje em dia assistimos a um predomínio do número de mulheres nos cursos de Comunicação social. Como vê esta situação?

Por acaso nunca reflecti muito sobre isso, mas é uma verdade. No meu curso havia tipo 6 homens e quase 50 mulheres. Mas, no fundo se formos a ver os profissionais que temos na área, nomeadamente na televisão, tanto associamos a caras masculinas como caras femininas nos rostos mais conhecidos da televisão. Mas talvez porque a vertente jornalismo televisivo, as mulheres encarem de outra maneira, associem um pouco a fama ao protagonismo, são mais vaidosas, talvez por isso.

Esta feminização pode trazer algumas consequências para o jornalismo?

Eu acho que o que pode prejudicar o jornalismo é haver imensa pessoas, independentemente do sexo, num mercado que tem poucas saídas. Se começar haver só mulheres, acaba por ser uma vantagem para os homens, começam a estar quase em perigo de extinção, começa a ser mais difícil para as mulheres.

Como vê o futuro desta profissão?

Acho que vai entrar numa era muito sensacionalista, desde que abriram as privadas. Mas isso acaba por ser normal, porque cada estação de televisão tem os seus objectivos, a RTP tem critérios editoriais e objectivos de uma estação pública. As privadas têm objectivos mais comerciais e há uma falta de controlo. Há duas linhas muito semas que se aproximam, a informação real e a informação sensacionalista. Às vezes confunde-se um bocado, não sei como vai ser no futuro, mas acho que as instituições competentes deveriam de tomar algum controlo nesta situação.

Entrevista ao ex-jornalista da RTP **Jorge Campos**, realizada no dia 10 de Abril de 2006.

O jornalista Jorge Campos começou a trabalhar no jornal Comercio de Porto e, em 1978 entrou para a RTP, e permaneceu nesta estação de televisão durante 25 anos. Na RTP, era repórter e documentarista, e foi várias vezes premiado pelos seus trabalhos. É professor há mais de 20 anos, esteve durante muito tempo na Escola Superior de Jornalismo a leccionar, agora encontra-se na Escola Superior de Educação no Porto.

Quando entrou para a RTP já encontrou algumas mulheres jornalistas a trabalharem na redacção dessa estação de televisão?

Já havia algumas, embora a predominância fosse masculina. Havia algumas na reportagem e uma ou outra já apresentava blocos informativos, os telejornais. Mas temos que salientar que, em 1978, ainda nem sequer havia vídeos como hoje há nos telejornais, a redacção era muito pequena, havia quando muito umas 12 pessoas, não mais do que isso. Lembro-me que predominavam os homens mas já lá estavam as algumas como é o caso da Cristina, da Fátima Torres e da Manuela Melo estas três já se encontravam lá e desempenhavam a função de repórteres, mais tarde a Fátima Torres e a Manuela Melo passaram a apresentar os blocos informativos. Dois anos ou três anos depois apareceu a Judite de Sousa, aqui na redacção do Porto. Até ao início dos anos 80, era este o panorama das mulheres no telejornalismo.

Quando é que sentiu que número de mulheres no telejornalismo estava a aumentar?

Particularmente a partir da segunda metade da década de 80, em que começou aparecer um número significativa, ainda que continuando a ser minoritário, de jornalistas do sexo feminino, e manifestamente isso era já uma consequência dos primeiros diplomados em Jornalismo na Escola Superior de Jornalismo no Porto. Ou seja, a partir do momento em que a escola foi criada e começou haver, formação em jornalismo, tornou-se manifesto que, por um lado, a frequência da escola, onde também fui professor, tinha uma presença muito significativa de mulheres e, por outro lado essas mulheres muito

rapidamente entraram no mercado de trabalho, isto não foi apenas um fenómeno da televisão. Eu creio que houve um fenómeno generalizado a partir segunda década de 80 com a crescente entrada de mulheres nas redacções.

Para além da formação o que poderia estar por detrás deste aumento das mulheres no jornalismo?

Eu creio que eventualmente há razões de ordem social, e das mentalidades. Trata-se efectivamente de uma época em que, após o 25 de Abril, há, no que diz respeito aos géneros, uma tendência muito clara no sentido de um envolvimento dos géneros no mercado de trabalho. E, portanto, o 25 de Abril teve um carácter libertador que, a partir daí, o papel da mulher é questionado, visto que o seu papel durante o salazarismo e o marcelismo tinha um papel inferior ao homem. No 25 de Abril houve uma rotura muito clara neste domínio e, com a expansão do ensino, nomeadamente a abertura do ensino ao sector privado no tempo do Professor Cavaco Silva, há um grande afluxo de mulheres à universidade. E foi, digamos, todo este clima, a nível social, do trabalho e do ensino, que fez com que as mulheres começassem a estabelecer gradualmente no que diz respeito à presença no mercado de trabalho.

Na altura que saiu da RTP já havia um certo equilíbrio?

Nessa altura, penso que até há mais mulheres do que homens, pelo menos aqui na redacção do Porto. Nesta altura admito que não só haja um equilíbrio, com haverá mais mulheres neste mercado de trabalho. Aliás, eu verifico de um modo geral que as meninas alunas, têm mais maturidade e são mais conscientes do que propriamente os homens, daí haver, de um modo geral, as mulheres com melhores notas na universidade. E elas tinham um peso crescente quando se trata de entrarem nas redacções.

As mulheres marcam cada vez mais presença nas estações de televisão...

No que diz respeito há televisão há a questão da capacidade *performativa*. A capacidade *performativa* na televisão, diante de uma câmara para fazer jornalismo, é verdade que muitas vezes as mulheres encontram um registo mais próximo daquilo que é exigido do

que os homens numa primeira fase. De um modo geral, as mulheres amadurecem mais cedo. E por outro lado, temos outra questão que tem a ver com as características e a natureza do próprio meio da televisão. A televisão exige a *espectacularidade*. É natural que o grupo feminino, nomeadamente através dos estereótipos que correspondem aos padrões da televisão de alguém que aparece no ecrã, tenha aí uma certa vantagem.

Com este aumento gradual das mulheres nos meios de comunicação, considera que poderemos estar perante uma feminização da profissão?

Não sei se isso será assim, mas se for acaba por ser um pouco prejudicial para a actividade, visto que as mulheres têm uma determinada sensibilidade diferente da masculina e é sempre bom encontrar um equilíbrio nas redacções. Sendo certo, no entanto, que na maioria dos casos os lugares de chefia e direcção continuam a ser ocupados por homens, digamos, há esta situação um pouco contraditória que é, as mulheres vão chegando à profissão, mas os cargos de maior importância estão ocupados pelos homens.

Qual é a justificação para esta situação contraditória?

O meio da televisão e da comunicação social exige por vezes procedimentos muito paradigmáticos e menos compatíveis com a sensibilidade feminina. O exercício da autoridade muitas vezes é necessário fazer e ter uma certa agressividade e dureza com as pessoas, isso faz com que se encontre os homens a ocupar estas funções.

Como vê o futuro do jornalismo televisivo?

A televisão, por um lado será cada vez menos uma televisão generalista e cada vez mais uma televisão temática e segmentada, devido às consequências de toda a tecnologia digital. Por outro lado, haverá uma fragmentação de toda a oferta televisiva justamente em função da segmentação, com uma tendência crescente para o aparecimento de pequenas televisões regionais / locais operadas por meia dúzia de pessoas, sendo por outro lado evidente que a televisão está totalmente e cada vez mais ligada a todo o complexo multimédia, ou seja, a ligação da televisão ao computador.

Podemos estar perante um fenómeno contraditório, porque, por um lado, temos a um concentração monopolista à escala global de alguns magnatas de grandes centros de televisão, mas por outro lado, há um movimento oposto a este, que é o aparecimento das pequenas televisões regionais e locais. Vejo a televisão do presente já como um meio muito contraditório destas duas tendências.

Entrevista à ex-jornalista da RTP, **Fátima Torres** realizada no dia 18 de Abril de 2006. Trabalhou durante 30 anos ao serviço da RTP, tendo sido das primeiras mulheres no telejornalismo.

Quando é que entrou para a RTP?

Eu entrei para a RTP em 1973, através de um concurso público para seleccionar apresentadores para o telejornal *Jornal Norte* e, posteriormente, passariam a jornalistas. A partir de Setembro de 1973, comecei a trabalhar na televisão, a apresentar o telejornal *Jornal Norte*, era o bloco informativo que existia aqui no Porto nessa altura. O concurso para entrar na televisão, não era fácil, só passado, três meses de concurso é que ficamos apurados, eu a Manuela Melo, o José de Melo e o António Vidal. Depois, deu-se o 25 de Abril, e eu acabei por ficar, juntamente com os restantes colegas. Mas quem ficou durante mais tempo na RTP fui eu e a Manuela Melo. Em 1976, fiquei efectiva na RTP, a trabalhar a tempo inteiro. Até aqui, trabalhava noutras coisas. Fiquei na RTP durante 30 anos, saí em 2003, digamos que fui das primeiras a chegar e das últimas a sair.

Quando ingressou na RTP havia poucas mulheres no telejornalismo...

Muito poucas mulheres, aliás, isso não me admirava muito porque eu frequentei direito em Coimbra, e só para dar uma ideia, em Direito eram 180 rapazes e 6 raparigas. Aqui, na RTP no Porto, quando entrei éramos 2 mulheres, eu e a Manuela Melo e 7 ou 8 homens. Não havia outras televisões concorrentes aqui no Porto, mesmo em Lisboa a presença feminina era muito diminuta lembro-me apenas da Maria Elisa não me recordo de mais ninguém. A presença das mulheres era muito pequena no telejornalismo. No jornalismo já encontrávamos algumas, mas a nível de televisão eram muito poucas mulheres.

O que a levou a escolher o telejornalismo...

Foi um mero acaso, eu quando sai da faculdade de direito precisava de um emprego. Estava a trabalhar na Vista Alegre, era uma situação transitória. O meu pai viu o anúncio de um concurso para televisão, e comecei por brincadeira. Aliás, é de referir

que quando entrei para jornalismo não havia cursos superiores de jornalismo como há hoje. Eu sempre gostei de comunicar, desde pequena, era seleccionada na escola para falar em público, tinha muito boas notas e adorava comunicar em público. O meu pai viu o anúncio e resolveu inscrever-me eu não tinha conhecimento. Quando fui chamada pela 1º vez, fui com curiosidade em conhecer, nunca tinha visto nenhum estúdio de televisão, fiz umas provas complicadas, era muito abrangente tinha cultura geral a línguas. Não havia escola de jornalismo, não havia formação específica. Gostei muito do trabalho que estive a fazer, fazia apresentação do telejornal *Jornal do Norte*, mas também começamos logo a fazer as notícias, isso para mim foi um estágio. Era uma actividade que eu gostei imenso e optei por jornalismo. Sempre tive o desejo de ser jornalista e o primeiro dia que entrei nos estúdios de televisão pensei... é isto mesmo que eu quero! Tive o privilégio de trabalhar durante 30 anos numa actividade que gostava. Adorava esta vertente da comunicação e o que eu sempre gostei mais em jornalismo era a reportagem.

Jornalismo televisivo permitiu uma visão mais alargada do mundo...

Numa época muito perturbada, a seguir ao 25 de Abril, em 1975, houve as campanhas de alfabetização e aquelas coisas do exército e eu fui com uma equipa de oito homens, o realizado, o produtor, o jornalista efectivo e o técnicos, andar pelo país todo. Há 30 anos atrás conhecia muito pouco, não tinha uma visão do mundo como hoje os jovens têm, não havia CNN, nem canais internacionais, só havia uma estação de televisão. Do nosso país conhecíamos muito pouco, a visão que eu tinha do mundo era muito restrita, o contacto com as pessoas foi algo que me agradou muitíssimo, conhecer pessoas dos mais diversos escalões etários e das mais diferentes formas sócias.

Dominar o meio televisivo e conhecer bem as pessoas...

A televisão tinha essa enorme vantagem. Para além da parte escrita, tínhamos a componente da imagem e a do som, mas a imagem era a componente principal no telejornalismo, como era óbvio, provavelmente ainda hoje. É mais difícil escrever uma reportagem só com imagens, é necessário dominar muito bem o meio televisivo, para fazer isso, porque nós podemos fazer uma entrevista muito interessante e apanharmos

depoimentos muito interessante e conseguirmos encadear esses depoimentos. Mas contar uma história, torna-se um grande desafio e é muito mais difícil do que escrevermos um texto e metermos no meio das entrevistas. Nesse aspecto tive a sorte de ter grandes professores, por exemplo, tive o melhor professor de televisão deste país o José Manuel Marques, foi professor de muitos jornalistas de renome. E ele dizia “É muito interessante aparecer no ecrã, é isso tudo, mas o que é preciso é conhecer as pessoas, principalmente estar muito atento aos pormenores.” Acho que esta é a maior lição de jornalismo que eu tenho na vida.

Como apresentadora...

Fiz todos os noticiários que havia para fazer na RTP, não há nenhum que eu não tenha apresentado, desde o telejornal *Jornal Norte*, uma época fiz o *Bom Dia* com o José Alberto de Carvalho, apresentei algumas vezes o *Jornal da Tarde*, o *Telejornal*, dois anos a fazer o *Jornal 2*, moderei debates, na altura com o Dr. Jorge Sampaio candidato a Presidente da República, tive a oportunidade de moderar, ainda com poucos anos de televisão, as cimeiras europeias, uma no Porto e outra na Póvoa, era o Dr. Mário Soares candidato a Presidente da República. Este foi o primeiro grande impacto que tive frente às câmaras, porque uma coisa é estar num estúdio com uma câmara, outra coisa é estar numa cimeira com o François Mitterrand, Filipe Gonzales, entre outro, isto com apenas 25 anos, foi realmente um privilégio, e na Póvoa fazer a mesma coisas, estar com os grandes centristas europeus, foi um desafio terrível, estava nervosa e o Joaquim Letria, que foi também um dos meus mestres, disse-me “Olha quando deixares de ter medo daquela luzinha vermelha da câmara, já não prestas para jornalista porque ainda hoje eu tenho medo.”

Paixão pelas reportagens e a sua importância...

Porém, os grandes desafios que eu tive em toda a minha vida foram de facto as reportagens. A seguir aos meus filhos a paixão da minha vida é a reportagem. Foi na reportagem que aprendi 90% do que sei de jornalismo, nas reportagens na rua, às vezes de manhã estava com os drogados no Bairro do Cerco do Porto, à tarde a falar com o Presidente da República e à noite com um economista. É esta diversidade de pessoas

que nós apanhamos na reportagem que nos dá, para além da formação jornalística, que na altura não havia, uma formação humana. Agora há muitas áreas específicas de informação, nós tivemos treinos intensivos perante as câmaras.

A escola agressiva da época...

Mas o primeiro noticiário que eu fiz eu tinha o cabelo comprido e o nosso Luís de Matos, que era o preparado de imagem da RTP e da SIC, de repente resolveu cortar-me o cabelo, maquilhar-me de uma forma que eu nunca me tinha visto. E quando eu olhei para o espelho senti-me outra pessoa e foi mau. A escola da época era muito violenta em termos de exigência e muito agressiva. Era complicado, fazíamos testes difíceis, e sentíamos-nos outras pessoas. Eu posso dizer que me sentia uma capa de revista na altura, eu, não era eu! Hoje para os jornalistas que estão a entrar para a televisão, dizemos sempre “Antes de mais, estilo próprio!”. Todos nós tivemos que evoluir, aprender com muitas asneiras que fizemos, porque eu e os meus colegas na altura não tínhamos preparação jornalística.

O primeiro curso, que teve em televisão...

Só em 1976 é que tive um curso de televisão, de três meses, que foi ótimo, e ainda hoje recordo isso, porque o curso que fiz de televisão ensinava, não só as questões fundamentais jornalísticas para televisão, a concepção da palavra, a imagem e som, mas fazia-nos passar por tudo, ou seja, explicavam o que era uma régua de televisão, o que era o áudio, o vídeo, a montagem, desmontavam uma câmara à nossa frente, não havia polivalência como há hoje, mas assim nos tínhamos a noção, conhecíamos o meio físico. Hoje em dia nas escolas há de facto essa preocupação, quando transitam para a televisão já conhecem um estúdio de televisão.

Importância dos planos...

Depois também é importante conhecer os planos e a sua finalidade, a sua razão de ser, o porquê de um plano próximo, ou um plano médio, entre outros. Compreender que tipo de planos temos que utilizar para o espectador em casa estar mais atento, porque a

televisão tem um afecto multiplicador, ou seja, entra em casa das pessoas com uma pressão imensa, mas depois em casa existem muitos aspectos que distraem as pessoas, daí que a televisão tem que ser incisiva, tem que interpretar a essência das coisas, e jogar com essa essência. Nós antes tínhamos uma preocupação com os planos, a leitura dos planos fixos, actualmente fazem planos movimentados, isto não significa que está mal, mas depende das situações e as coisas não são estáticas e ainda bem que não são tudo mudou, a vida mudou.

A visão que tinham sobre os jornalistas de televisão...

Na altura em que entrei para a RTP os jornalistas da televisão eram considerados os jornalistas de segunda, porque tinham lá o boneco, a imagem, mas na verdade nós não escrevemos só com palavras, escrevemos também com frases de imagens e frases de som como aprendemos na semiótica.

Experiências ao longo da carreira contribuíram para a aprendizagem...

Foi uma aprendizagem muito interessante. Com muitas asneiras e disparates pelo caminho, mas de facto com essa aprendizagem, na base de fazermos hoje errado e amanhã fazermos melhor. Eu vejo hoje reportagens minhas de há uns tempos e só me apetece rir de algumas asneiras, por exemplo imagina uma menina da cidade ir entrevistar uma senhora do campo e fazer as perguntas mais tontas que existem. Um colega meu perguntou uma senhora em Bragança, “Sabe o que é uma Assembleia Legislativa?” E a senhora respondeu... “não e o senhor sabe o que é um almude?”. Nós temos que conhecer bem o público-alvo, e nessa altura era difícil porque não tínhamos disciplinas em nenhuma faculdade, não havia cursos de jornalismo, não havia essa aproximação, esse conhecimento do público-alvo, que existe hoje, nas várias matérias que se aprende na faculdade. Mas foi sempre um trabalho muito interessante e fascinante. Tudo isto se passa numa época em que há pouquíssimas mulheres a fazer jornalismo, hoje as mulheres são mais do que os homens. Ainda hoje estive na redacção da RTP e via-se poucos rapazes. Houve um grande *Boom* com as televisões e a apetência que as pessoas têm com a imagem, que é uma apetência perigosa.

Quando é que sentiu que as mulheres estavam a entrar em força no jornalismo televisivo?

Não foi só no jornalismo televisivo, acabou por ser a nível geral, após o 25 de Abril de 1974, em que as mulheres passaram a ter acesso ao ensino superior. Nos meados dos anos 80, houve um *boom* na comunicação e no número de mulheres a entrarem no jornalismo e, a partir dos anos 90, temos o *boom* máximo com o aparecimento das televisões privadas. Começamos também a receber em Portugal, as televisões via satélite, em que nós víamos que já havia muitas mulheres no telejornalismo, na BBC, na CNN entre outras... As coisas começaram a surgir nessa altura em Portugal, porque nós também andamos um pouco na cauda da Europa. As mulheres começam a entrar mais no jornalismo após os anos 80. Isso tem muito haver com o acesso ao ensino superior, com a criação de cursos de jornalismo, com algo que é muito característico dos jornalistas que é os pormenores a observação que é muito típica das mulheres. Há aspectos fundamentais no jornalismo que é a objectividade, mas a sensibilidade também é muito importante, nós temos que ver as coisas com olhos e com o coração, depois há tendências que vão evoluindo.

A sua experiência de Jornalista durante o Estado Novo...

Ainda trabalhei durante alguns anos no regime do Estado Novo, e objectivamente o que as pessoas nos mandava fazer, porque eles sabiam muito bem quem mandar para os respectivos serviços, e para as várias reportagens, eu lembro-me perfeitamente da última reportagem antes da revolução. Na tarde de 24 de Abril, fiz uma reportagem de umas senhoras em Espinho que tinham tirado o Breve porque gostariam de pilotar um avião. Isto era o tipo de reportagens que nos mandavam fazer. No dia 25 de Abril, eu abri a emissão da RTP, ainda não tinham chegado as tropas, e a primeira coisa que eu digo é “Está um lindo dia de Sol.” Está a dar-se a revolução dos cravos em Lisboa, nós sabíamos que os militares estavam a chegar e ainda tivemos que dizer esta expressão.

A importância da Revolução do 25 de Abril...

O 25 de Abril, como todas as revoluções teve coisas boas e más, mas pelo menos abriu este país que era um país fechado, serôdio e cinzento, ao mundo e, de seguida com a entrada na União Europeia abriram-se as fronteiras de Portugal e abriu também as fronteiras das mulheres. Abriu os horizontes e nós mulheres que estávamos na comunicação, apercebemo-nos de que o que fazíamos não era assim tão importante, tínhamos que aprender muito mais, foi daquilo que tentei sempre fazer ao longo da vida de jornalista foi de aprender.

Trabalhos realizados no estrangeiro...

Tive a oportunidade fabulosa de trabalhar em muitos sítios no estrangeiro, e para mim os grandes cursos intensivos que tirei foram a guerra do Golfo, em 1991, e o reacendimento do conflito, em 1992, qual eu tive a sorte de ir, porque isto também é uma questão de sorte e coragem. Fui destacada para Bagdad, fazia lá as minhas reportagens e passava o resto do tempo a ver como é que trabalhavam as jornalistas da CNN. Para mim este foi a melhor formação que eu tive em toda a minha vida. Ver a CNN a trabalhar era um perfeito gozo profissional, porque eles entrevistavam as pessoas e falavam em directo com os editores em Atlanta, hoje isto é normal, mas há 11 anos atrás, isto era uma novidade para nós. Foi um privilégio extraordinário lidar com pessoas de todo o mundo e, graças às reportagens, conheci muitas coisas no estrangeiro e no nosso país.

Importância dos cursos de comunicação e da originalidade no jornalista...

A reportagem ajudou-me a um enriquecimento pessoal e cultural que, por vezes, não se aprende na universidade, mas os cursos de jornalismo são importante, porque têm as bases fundamentais para os jovens jornalistas aprendam a corrigir os próprios erros e não darem tantos erros. Hoje, ninguém faz televisão de forma amadora, a televisão é uma actividade extremamente profissional, exigente, ao contrário do que muitas pessoas pensam, por vezes ingrata, porque as pessoas não valorizam o trabalho que os jornalistas por vezes têm em determinadas reportagens. As pessoas não têm noção do

que é trabalhar em televisão. Mas há uma coisa que eu digo sempre aos jovens que entram para o jornalismo é necessário ousar e ser original, não devemos copiar os outros. É preferível dar um ou dois erros do que copiarem uma frase muito bonita, o tom de voz, ou a forma de estar de outra pessoa. Aprendi isso com o mestre José Manuel Marque que dizia sempre “Eu prefiro que dêz dez asneiras, mas sê original, diferente, ser tu, para quando tu falares, as pessoas saberem, esta é a Fátima Torres e não terem dúvidas.” E se formos a ver, é o estilo próprio que diferencia os bons profissionais, que conseguem alguma notoriedade. Hoje há uma grande homogeneização da apresentação, os meios a que temos acesso são muito iguais, daí que temos que utilizar a nossa criatividade e meter o nosso trabalho em destaque, isto faz se com muito suor e lágrimas, muito trabalho.

As mulheres nos cargos de Chefia...

Eu fui chefe de redacção quando tinha 40 e poucos anos e, numa reunião um dos chefes da RTP, disse “Isto é quase tão difícil um jornalista do Porto ir trabalhar para Lisboa e ser reconhecido com bom profissional, como uma mulher ser chefe de redacção”. Eu como deve calcular, era a única mulher que estava na reunião, isto passa-se há 9 anos atrás. Hoje, felizmente, eu tenho colegas minhas que chegam ao 30 e poucos anos e já tem cargos de chefia.

A imagem das mulheres é importante mas não é tudo...

Em televisão, as mulheres têm que dar no duro, a grande presença de mulheres no telejornalismo não se faz só de caras bonitas, porque as caras bonitas envelhecem e se as cabeças não trabalharem... Acho que se criou aquela falsa ideia de que uma “carinha laroca” como dizia o Joca Magalhães é uma boa cara par televisão, o problema é quando começam a falar. As pessoas às vezes pensam que o público é estúpido e isso é mentira, pois o público pode não se aperceber no imediato o porquê, mas de certeza que, através dos nossos olhos e o tons de voz, consegue aperceber-se se sabemos daquilo que estamos a falar. Até mesmo as pessoas mais simples estão atentas, a estes pormenores para compreenderem melhor, sabem muito bem quando a jornalista é boa na matéria ou não. A imagem também é importante, os canais privados trouxeram este aspecto

benéfico à RTP que começou a ter alguma preocupação em melhorar a qualidade de imagem e a apresentação do produto. Estes aspectos são importantes, mas têm que ser complementados, não podem ser os únicos aspectos, porque a cara mais linda do mundo se não tiver cabeça, chega a um ponto que acaba por ter um desaire qualquer. Nós mulheres, somos mais vaidosas, não podemos ter ilusões somos mais chegadas a essas coisas do visual do que os homens. Um apresentador além de se vestir e apresentar muito bem, deve estudar muito bem as entrevistas, os dossiers, porque o tom de voz, e os nossos olhos atraíam-nos se estivermos a fazer uma coisa que não sabemos, e qualquer pessoa em casa reconhece isso, pode não saber explicar tecnicamente porque é que está mal, mas sabem que não está bem. O embrulho em televisão tem que ser bonito e apelativo, porque se não as pessoas desligam-se. Quero que as jovens jornalistas compreendam que os nossos olhos e a nossa pele lisinha, dura muito pouco tempo, a nossa cabeça, a nossa cultura é realmente aquilo que fica, quando tudo se esqueceu.

Aparecer cedo de mais pode causar problemas graves a carreira do jornalista...

A Manuela Moura Guedes era locutora de televisão, tinha uma excelente presença em televisão mas quando começou a fazer jornalismo, começou a trabalhar na reportagem, quis começar por baixo e isso é um aspecto que aprecio. Actualmente, o problema é que as pessoas querem é aparecer no ecrã e as mulheres têm alguma responsabilidade. Às vezes, o querer aparecer cedo de mais pode estragar um grande jornalista, eu já assisti a situações dessas. Há um exemplo de uma jovem jornalista da RTPN, que teve uma situação semelhante, mas esta jovem era inteligente e tinha a noção clara de que ainda não estava preparada para fazer directos, e não estava suficientemente preparada para aparecer em frente as câmaras, apareceu com muito custo e esforço, porque não havia outra solução, mas antes consultou-me e perguntou como devia de fazer. Hoje é uma espantosa jornalista e uma das melhores, mas porque aprendeu. Há pessoas que têm uma excelente presença na televisão e parecem que já nasceram para apresentar, como é o caso do José Alberto Carvalho, José Rodrigues dos Santos, Rodrigo Guedes de Carvalho e até mesmo a Manuela Moura Guedes, mas com um estilo muito diferente, mas isto são casos raríssimos. Não quer dizer que são melhores ou piores, estas pessoas têm uma boa relação com as câmaras, há uma telegenia, têm uma comunicação com a câmara extraordinária.

Temos que saber ouvir quem sabe e que nos expliquem o porquê quando as coisas estão mal...

No jornalismo, como em muitas outras actividades, é muito importante ouvir quem sabe, mas também é muito importante para os mais velhos ouvir também os mais novos. Eu aprendi imenso com jovens vindos do ensino superior de jornalismo, às vezes com ideias que contrariavam um pouco aquilo que eu pensava, mas entravamos em discussão das coisas e aprendia com eles. É muito importante ter perto de nós pessoas que conheçam e que saibam dizer se está bem ou mal e explicar, porque é que está bem e porque é que está mal. Não é dizer só está bem ou está mal, eu apanhei uma fase má em alguns aspectos, em que tinha pessoas que diziam está muito bem ou então não diziam nada, o que era pior porque era sinal que estava muito mau, mas não sabiam dizer porquê. A RTP, alguns anos, convidou-me a sair, juntamente com alguns colegas mais antigos e ficou com um grupo de trabalho muito jovem, tinham também pessoas com as idades entre os 30 e 40 anos, mas ficou sem os seniores. Deve-se conciliar a vertente do conhecimento no terreno com a frescura e a capacidade dos mais novos. É deste sangue novo dos jovens que o jornalismo precisa, a nível de informação a RTP tem uma série de novos jornalistas que dá gosto ver, fizeram algumas asneiras, mas que tentaram sempre serem diferentes, inovadores, apelativos e isso é importante tanto para homens como para mulheres

Difícil conciliar a família e a paixão pelo jornalismo...

Passei momentos muito complicados em que estava com problemas familiares e cheia de trabalho para fazer na RTP, e a minha salvação foi fechar a porta que estava para trás e dedicar-me e aguentar com o trabalho. As relações familiares em televisão são muito complicadas, porque as mulheres no telejornalismo têm uma visibilidade e uma notoriedade muito maior e isso nas relações familiares torna-se grave, também temos menos tempo para os filhos para os maridos. As mulheres que vão para a guerra, às vezes, são consideradas más mães porque não tomaram conta dos filhos, se for só os homens não dizem nada. Mas porque só a mulher e não o homem? Digo isto por experiência própria.

Adrenalina é a droga que se consome no jornalismo...

No jornalismo há uma droga que consumi durante 30 anos... é a adrenalina. Adrenalina é, acho eu, a única droga que os jornalistas devem tomar. Usar e abusar da adrenalina. É esta droga que nos faz mexer. Eu estive no Huambo em Angola a fazer reportagem e rebentaram quatro bombas a 200 metros do local onde nos encontrávamos. Estava no Hospital a entrevistar um médico, e o meu câmara já me dizia “estamos aqui há 7 dias para entrevistar o Savimbi e não acontece nada, apesar do país estar todo destruído”. Quando terminou de dizer isto, o médico disse “abaixem-se isto é um mig.” E o que é que eu fiz nessa altura? Não se tratou heroicidade é adrenalina que me levou a sair do hospital e ir ver o que se tinha passado lá fora. Eu era incapaz de continuar dentro do hospital, tinha a noção da gravidade daquelas bombas e quando cheguei lá fora, deparei-me com um cenário horrível de cadáveres. Tentei-me deslocar até ao local onde se tinha dado o rebentamento, mas os soldados alertaram-me para o perigo da bomba que era feita de produtos química e podia-me entrar no sangue. Nesta situação não vamos por heroicidade, mas por adrenalina que manda mais do que nós. Nessa altura não se podia fazer directos de lá, ainda não havia satélite, só havia via telefone, isto há 12 anos, montamos a peça quando chegamos a Portugal. Estivemos alguns dias sem dar notícia e as pessoas não sabiam se estávamos vivos ou mortos. Nestes dias, nós pensamos que realmente somos muito pequeninos e que a vida é uma coisa fantástica.

O jornalista tem que ser humilde...

Há uma coisa que o jornalista tem que ter é adrenalina e espírito crítico, mas também tem que ter humildade perante as coisas para as perceber, porque nós só somos um ponto no universo e não somos o ponto central do universo. Este acaba por ser o grande problema de muitas pessoas no jornalismo televisivo, em vez de perceber que é um ponto no universo, acha-se o centro do universo.

As turmas de comunicação tem uma presença esmagadora de mulheres, como explica esta situação?

Eu acho que as mulheres, não apenas no jornalismo, como nas outras actividades, estão a ter muito mais acesso aos cursos no ensino superior, e têm que trabalhar. Hoje em dia, as mulheres não podem ficar em casa com os filhos, têm que lutar pela vida. O telejornalismo é extremamente apelativo, pela adrenalina, pela exposição que é extremamente perigosíssimo, e é uma droga terrível. Este grande *boom* das mulheres no jornalismo televisivo também tem a ver com a forma de ser das mulheres. Nas outras áreas também há imensas mulheres e trabalharemos.

As mulheres lutaram para conquistar o seu espaço e continuam a lutar...

As mulheres para se afirmarem têm que trabalhar muito ainda hoje, não era só a 30 ou 40 anos atrás. As mulheres têm que lutar muito para conquistar um espaço, têm que trabalhar mais do que os homens, apesar de na constituição estar presente o artigo da igualdade de direitos, mas isto é só na teoria. Assim verificamos que a maior parte dos cargos de chefia estão não posse dos homens.

Existe aqui um contra-senso, há um aumento gradual do número de mulheres no jornalismo, mas a maioria dos cargos de chefia estão na posse dos homens?

Acho que esse contra-senso verifica-se em muitas áreas, ainda estamos sobre um domínio masculino, mas as coisas acabaram por se equilibrar. Porque nós passámos por uma época em que os homens dominavam completamente a sociedade, a todos os níveis. Actualmente, as mulheres são obrigadas a ter um duplo emprego para sobreviver, trabalhar numa empresa e depois vão trabalhar para casa. Ainda não vai ser nos próximos anos que as mulheres com altíssimos quocientes de inteligência vão ter altos cargos. As mulheres tiveram que conquistar espaço e ainda têm que conquistar esse espaço. Essa questão da ascensão da mulher no telejornalismo criou uma grande exposição das mulheres, deu-lhes uma força reivindicativa muito maior, e acho que isso, perante uma sociedade muito machista, como ainda é a nossa, menos que alguns anos atrás, é verdade, mas irá se estabelecer um equilíbrio e quem sabe até se, irá acontecer o

oposto com a mulher a dominar e o homem a ter que lutar por um lugar ao lado das mulheres. A questão do telejornalismo das mulheres tem muito a ver com realidade social portuguesa que nos transformou completamente, o acesso aos meios de comunicação social e sobretudo o acesso ao ensino superior.

Nunca se sentiu discriminada a nível profissional por ser mulher?

Enquanto jornalista, nunca me senti mal tratado por ser mulher, às vezes exigiam muito mais de mim do que exigiam de outras pessoas, mas, como profissional, sempre trabalhei com homens e nunca tive problemas nenhuns. Quando uma pessoa tem valor, consegue fazer prevalecer o seu valor, tem é que trabalhar e ter uma actualização permanente que a televisão obriga.

Com este aumento gradual das mulheres podemos estar perante uma feminização da profissão?

Não sei, pode acontecer. Mas o termo feminização é muito forte, acho é que vamos ser mais mulheres do que homens. Já em termos demográfico, somos mais, não é verdade? Mas acho que os homens também estão atentos e o que seria da humanidade se não se completassem homens e mulheres. Quando fiz uma peça sobre crianças pedi para um colega meu ver se não estava a ser piegas de mais, porque sou mulher, sou mãe e podia estar a entrar muito no sentimento e podia acontecer, num aspecto ou outro discordamos, ele disse o que achava e eu mudei as coisas e também já aconteceu o oposto. As mulheres tomaram de assalto os órgãos de comunicação e disso ninguém tem dúvidas, e os homens vão ter que lutar. Havia um factor que permaneceu, até há um tempo atrás o jornalista tinha que ser isento, objectivo e estar afastado do local ou das situações para ser ainda mais objectivo. Mas eu acho que é preciso ter sensibilidade, nós temos que fazer as coisas, mas temos que ter sentimento, não é exteriorizar os nossos sentimentos, nós não podemos esquecer que o Ser Humano tem componente de alegria e tristeza, não é uma maquina, não é um computador. Temos que ter em linha de conta a sensibilidade das pessoas, a personalização da transmissão da mensagem.

Como vê o futuro desta profissão?

Com as novas tecnologias há muitas coisas que vão mudar. No meu tempo, tínhamos editores de imagem que faziam a montagem, no futuro as pessoas vão ser mais polivalentes. O jornalista não pode apenas escrever o texto, tem que dominar também os meios técnicos, isto é um aspecto que desmarca da minha época, em que nós não podíamos mexer na parte técnica, era para nós um tabu. Actualmente, o telejornalista, além de saber escrever e saber lidar com a imagem e o som, tem também que saber a parte técnica. Mas, enquanto houver a humanidade, acho que não vai haver nenhum computador que substitua o Homem. Haverá outras formas de telejornalismo, nisso não há dúvidas, mas a comunicação mais basta, e o jornalismo têm que existir se não vivemos isolados e numa sociedade, onde as pessoas estão cada vez mais isoladas, a televisão é para muitas pessoas de diferentes idades, a única “pessoa” com quem podem contar. É essa força que a televisão tem! As técnicas vão evoluir com certeza, mas as pessoas também vão. A função principal do jornalista é comunicar e no futuro ele vai estar atento e acompanhar a evolução.

